

8ª edição do Prêmio Educar

Experiências de Promoção da Igualdade
Racial-étnica no Ambiente Escolar



EDUCAR COM
EQUIDADE
RACIAL E DE GÊNERO

PRÊMIO EDUCAR 2022

20
anos

Realização: CEERT - Centro de Estudos das
Relações de Trabalho e Desigualdades



8ª edição do Prêmio Educar

**Experiências de Promoção da Igualdade
Racial-étnica no Ambiente Escolar**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

8ª edição do Prêmio Educar [livro eletrônico] :
experiências de promoção da igualdade
racial-étnica no ambiente escolar. -- 1. ed. --
São Paulo : Centro de Estudos das Relações de
Trabalho e Desigualdades - CEERT, 2023.
PDF

Vários autores.
Vários colaboradores.
ISBN 978-85-64702-13-4

1. Ambiente escolar 2. Antirracismo
3. Educação 4. Gêneros - Estudos 5. Igualdade racial
6. Interseccionalidade 7. Relações étnico-raciais
8. Territorialidade 9. Sociologia educacional.

23-177707

CDD-306.43

Índices para catálogo sistemático:

1. Relações étnico-raciais : Sociologia educacional
306.43

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

*Quem não semear não vai colher
Ai de quem é um e nunca será dois
Por não saber.
Quem irá me valer?
São pessoas, é a caminhada.*

Milton Nascimento

Sumário

Apresentação.....	7
Introdução	9
Experiências do CEERT na área de educação	11
20 anos de Prêmio Educar	19
Parte 1	27
Desafios 8º da edição (Pandemia, equidade e antirracismo)	28
Encontro formativo (sobre êxitos e excelência)	36
Concepção de educação (metodologia CEERTiana).....	52
Entre o chão e céu da escola.....	54
Educação das infâncias.....	60
Práticas premiadas	64
Projeto Promoção da Igualdade Racial.....	65
Projeto e Festival da Valorização da Cultura Afro-Brasileira e Indígena: A equidade nas diferenças.....	67
Formação identitária e ancestral positiva.....	71
O que há de América em nós	74
Práticas finalistas	76
Nosso Brincar Faz História! – As histórias que me tornam quem eu sou. .	77
Educação antirracista: o seu olhar melhora o meu	81
“Descortinando uma educação geográfica étnico-racial com crianças do Cerrado brasileiro”	85
As histórias dos outros se entrelaçam com a nossa	89
Reconstituir e ressignificar identidades no território educativo da Casa Verde	92
Projeto África: conhecendo a história e a cultura africanas	95
Projeto de Valorização da Cultura Afro-Brasileira e Indígena: “A equidade nas diferenças”	99

Adolescências e Juventudes	103
Práticas premiadas	106
NELT: Núcleo de empoderamento, linguagem e tecnologia.....	107
Caminhos Afirmativos para uma Educação Antirracista na Educação de Jovens e Adultos.....	110
Agenda Antirracista.....	113
Resgatando identidades: o Dia da Consciência Negra e o papel do negro na construção do Brasil.....	116
Malizeck da Diversidade.....	119
Projeto Intercâmbio Raízes Angola Brasil.....	122
Práticas finalistas.....	126
Projeto Afrodescendentes: A Beleza e a Riqueza de Ser o Que Somos! ...	127
A Cor de Onde Eu Vivo: Retratos da Diversidade.....	131
RN é Terra Indígena.....	135
Negritude Damião.....	138
Proкуро-me	141
O grafite do Alto colorindo Escola e Bairro: Educandas-Mediadoras de um Museu a céu aberto.....	144
O protagonismo estudantil nas lutas antirracistas: experiências do grupo de estudo das relações étnico-raciais, o Negritude.....	147
Trilha Antirracista.....	151
Os povos bantu na Escola Viva: Matutando e Tagarelando possibilidades e conquistas a partir da implementação do Artigo 26-A da LDBEN no chão da escola.....	155
Tecendo reflexões na perspectiva étnico-racial na EJA do Centro de Detenção Provisória de São Domingos do Norte.....	159
Educação Escolar Quilombola.....	163
Práticas premiadas	167
Akotirene Kilombo Ciência.....	168
No chão da escola quilombola: o (res)significar do projeto político-pedagógico da Escola Municipal de Educação Básica Pedra Branca.....	171
Intercâmbio e cultura: uma análise entre os quilombos Damásio e Liberdade-MA	175

Educação Antirracista: Afrobetizando alunos para a construção de sua Cultura e Identidade	178
Práticas finalistas	181
A trajetória do movimento quilombola em Tingu (PA).....	182
Ser quilombola: identificação de uma comunidade negra.....	186
Identidade, Resistência, Educação quilombola: Catucateca nos Terreiros 189	
FK prevenção, resistência e identidade: promovendo uma educação antirracista em nossa escola	193
Igualdade de Gênero.....	197
Interseccionalidades na Educação.....	198
Práticas premiadas	200
Mulheres negras, símbolo de luta e resistência, uma fonte de inspiração 201	
A literatura escrita por mulheres negras: uma experiência de leitura na alfabetização	204
Práticas finalistas	206
Chama Violeta	207
Créditos.....	211

Apresentação

Em 2022, o Prêmio Educar com Equidade Racial e de Gênero: experiências de gestão e práticas pedagógicas antirracistas em ambiente escolar celebrou 20 anos, em sua 8ª edição. A iniciativa visa identificar, apoiar e difundir boas práticas pedagógicas e de gestão escolar que promovam a equidade racial e de gênero, com vistas a concretizar com qualidade o direito ao pleno desenvolvimento escolar de crianças, adolescentes e jovens negros/as, brancos/as, indígenas e de outros grupos étnico-raciais.

Ao longo das oito edições, foram premiadas 78 iniciativas na categoria professor e 55 da categoria escola, sendo que esta segunda categoria teve início a partir da 4ª edição, introduzida como uma estratégia para estimular a gestão escolar a apoiar práticas pedagógicas. Segundo as educadoras vencedoras de edições anteriores, os projetos eram quase invariavelmente realizados sem apoio e em condições de isolamento institucional.

A busca por experiências educativas exitosas sempre foi o principal objetivo. O CEERT entende que, em condições diversas, adversas e desiguais para realização de práticas pedagógicas, a noção de êxito se sobrepõe à de excelência.

Isso porque as distintas realidades existentes entre o rural e o urbano, a floresta e as águas, aldeias e quilombos e no interior de cada um desses territórios exigem olhares que considerem as condições locais, humanas, sociais, ambientais, infraestruturas, demográficas, culturais e, muitas vezes, as condições climáticas de realização de cada prática.

Com isso, a excelência se faz meta, uma vez que é um horizonte a ser alcançado, enquanto o êxito é o ponto de partida para a busca da excelência. Essa compreensão assentada em princípios de equidade na busca pela igualdade de oportunidades possibilitou, ao longo dos últimos 20 anos e oito edições, identificar, valorizar, difundir, reconhecer, promover e valorizar práticas pedagógicas realizadas em diferentes localidades do país.

Muitas delas abordam grupos humanos diversos, como populações indígenas, quilombolas, ciganas entre outros grupos étnicos, racializados em processo histórico. Outra dimensão do ciclo virtuoso entre

êxito e excelência promovido pelo Educar pode ser também verificado pela trajetória profissional de algumas das educadoras que concorreram às premiações na condição de docentes e gestoras e hoje trilham caminhos da pesquisa e docência acadêmica.

A mais recente e 8ª edição do prêmio contemplou as categorias Professor e Escola. A categoria Professor foi dividida em duas modalidades: práticas pedagógicas executadas – realizadas entre 2019 e 2021 – e projetos de práticas pedagógicas ainda não executadas. Já a categoria Escola contou apenas com a modalidade Gestão com Equidade e Antirracista (GEA).

Foram eleitas oito propostas para cada uma das categorias, expostas na publicação a seguir. Além do compartilhamento das experiências premiadas nesta edição, você poderá conhecer um pouco mais sobre as outras sete edições do Prêmio e conferir a linha do tempo da luta pela educação antirracista travada pelo CEERT durante todos esses anos.

Cada uma das oito edições registra desafios educacionais e antirracistas que exigiram estudo, pesquisa e criatividade de ordem conceitual-teórica e didática. Registra também inovações em tecnologias sociais e de informação, com vistas ao aprimoramento de cada etapa do Prêmio Educar, planejada passo a passo, desde o lançamento do edital e abertura das inscrições até os processos de eleição e a divulgação das inscrições contempladas.

Em cada edição, foram encontradas formas de se comunicar com a sociedade e seus dilemas, com maior atenção àqueles que envolvem o antirracismo e a educação com qualidade - orientada para a promoção da equidade racial em todas as etapas e modalidades da educação básica.

Introdução

Daniel Bento Teixeira

Diretor-executivo do CEERT

Ideograma (adinkra) representado por um pássaro com a cabeça voltada para trás ou pela forma de duas voltas justapostas, espelhadas, lembrando um coração, Sankofa ensina a possibilidade de olhar para trás e para as raízes. É avançar a partir dos ensinamentos e conquistas de quem veio antes.

Da mesma forma que não existe democracia com racismo, não há como existir educação de qualidade sem equidade. A partir do Prêmio Educar, o CEERT continua a "sankofar", olhando para os 20 anos da iniciativa e mirando para o futuro, a partir dos aprendizados.

O Prêmio Educar surgiu em 2002, de forma pioneira, a partir de debates promovidos no Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT) desde 2000, em parceria com diversas referências do movimento negro e da área da educação.

O projeto surgiu antes mesmo da implementação das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que alteram a LDB 9.394/96 para incluir a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura africana, afro-brasileira e indígena, nas escolas de todo o país, visando identificar o que os professores faziam de positivo para o enfrentamento do racismo.

Depois da criação da Lei, a referência a ela no projeto passou a ser um dos critérios de seleção. O Prêmio passou a ser, portanto, um incentivo à leitura da Lei e uma ação de difusão das diretrizes curriculares.

A criação do Prêmio é uma contribuição do CEERT para a luta antirracista no Brasil. É comum ouvirmos algo que já virou clichê: a saída para o Brasil é pela educação. Entretanto, é importante enfatizar que não é qualquer projeto de educação que pode contribuir para apontar caminhos para um país melhor. Se for uma educação que reproduz o racismo, ela não só deseduca como também busca desumanizar, a maior parte da população brasileira.

É necessário qualificar a educação que queremos e esta é a educação antirracista. Ou seja, uma educação que leva em consideração as contribuições civilizatórias de cada grupo que compõem a sociedade brasileira.

Somente com uma educação antirracista que o Brasil poderá se reencontrar com a sua africanidade e construir um modelo de sociedade centrada no bem-viver para todas as pessoas que dela fazem parte. Com base no conceito de Sankofa, continuamos construindo esta outra possibilidade de sociedade.

Experiências do CEERT na área de educação

A promoção da educação antirracista está presente nos 30 anos de história do CEERT, atuando diretamente com escolas, educadores, secretarias, governos, organizações da sociedade civil, entre tantos outros atores. Confira a nossa linha do tempo:

1993–1994 – Educação para a Cidadania

Participaram mais de 30 escolas e 800 professores de escolas públicas da zona norte do município de São Paulo, região periférica com expressiva concentração de população negra. Foram realizadas oficinas com educadores e alunos e produzidos textos de apoio sobre diversidade humana e a educação. Também foi produzido um rol de atividades para as salas de aula, tendo como temática a discriminação racial.

Parceria/Apoio: Companhia Levi Strauss.

1996 – Oportunidades Iguais para Todos

Com a participação de 700 educadores de Belo Horizonte (MG), foi desenvolvido um programa de implementação de políticas de promoção da igualdade racial, com atividades diversificadas como produção de material pedagógico, curso de formação de multiplicadores, oficinas de formação e de sensibilização. Do total de 700 educadores, 30 receberam uma formação intensiva e foram indicados pela Secretaria Municipal de Educação como agentes multiplicadores para a introdução do tema "diversidade humana /pluralidade cultural" na rede pública de ensino.

Parceria/Apoio: Prefeitura Municipal de Belo Horizonte.

1998 – Interação Racial no Meio Escolar

O projeto envolveu quatro delegacias de ensino de São Paulo, 80 coordenadores pedagógicos e supervisores. Também foram realizadas oficinas nas escolas para a inclusão do tema das relações raciais no Projeto Político-Pedagógico, envolvendo as/os diretoras/es, vice-diretoras/es, coordenadoras/es pedagógicos, professores e, por meio deles, os alunos.

Parceria/Apoio: Companhia Levi Strauss.

1999 – Cidadania em Preto e Branco

De autoria do CEERT, o livro paradigmático Cidadania em Preto e Branco discute as relações raciais e é recomendado para o Ensino Fundamental e Médio das escolas estaduais de São Paulo. Também compõe a bibliografia afro-brasileira disponível nas Salas de Leitura das escolas municipais de São Paulo.

Parceria: Editora Ática.

2002 – Discriminação Racial nas Escolas – Entre a Lei e as Práticas Sociais

A Unesco apoiou a publicação Discriminação Racial nas Escolas – Entre a Lei e as Práticas Sociais, com o objetivo de “impulsionar o debate sobre propostas de superação do problema, seja no campo conceitual, seja no campo das políticas públicas, envolvendo órgãos públicos, pesquisadores, intelectuais e organizações da sociedade civil – todos juntos na promoção da igualdade racial na escola”, nas palavras de Jorge Werthein, diretor da Unesco no Brasil.

Parceria/Apoio: Unesco.

2003 – Ética, cidadania e relações raciais

Foi realizado um curso de formação nas escolas da rede municipal de Uberlândia (MG), para 400 educadores. Foram desenvolvidas oficinas de formação, atividades extramuros e produção de experiências de promoção da igualdade racial/étnica na escola. Foi criado o núcleo de educadores “Educafro” – responsável pela implementação de políticas públicas educacionais de promoção da igualdade racial em Uberlândia.

Parceria/Apoio: Prefeitura Municipal de Uberlândia – Minas Gerais.

2003 – Vista Minha PELE

O vídeo Vista Minha Pele foi destinado à discussão sobre racismo e preconceito racial. A parte ficcional baseia-se em uma história invertida: os negros são a classe dominante, enquanto os brancos figuram como ex-escravos. É uma paródia da realidade brasileira, que oferece material útil para a reflexão sobre racismo e preconceito em sala de aula. A segunda parte do vídeo apresenta depoimen-

tos de educadores e especialistas em relações raciais, focando as implicações entre educação e racismo. O vídeo foi distribuído para 2.000 estabelecimentos de ensino e tem sido utilizado em cursos de formação de educadores.

Apoio: SEDH – Programa Paz nas Escolas e Banco Real.

2004 – Educar Para a Igualdade Racial: formação de educadores da Rede Municipal de Campinas

A formação de educadores da rede municipal de educação de Campinas sobre o tratamento da temática racial e étnica teve o objetivo de sensibilizar e capacitar os profissionais da educação para a importância de trabalhar as relações raciais em prol do pleno desenvolvimento escolar de todas as crianças (negras, brancas, indígenas e de outros grupos étnicos) e de garantir o direito de acesso e permanência nas escolas.

Como beneficiários diretos do projeto, tivemos 150 educadores de Educação Infantil e Ensino Fundamental, 30 gestores educacionais (diretores, coordenadores pedagógicos e supervisores) e 12 educadores étnicos. Foi realizada também uma formação aprofundada sobre a temática racial para os gestores com o objetivo de subsidiar o grupo de educadores étnicos, contribuindo para a inclusão da temática da diversidade humana nos programas curriculares e nos projetos político-pedagógicos das escolas.

Parceria/Apoio: Secretaria Municipal de Educação de Campinas, Escola Viva.

2004 – Construção de uma prática de promoção da igualdade racial a partir da bibliografia afro-brasileira da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo

Foi realizada a formação de cerca de 1.600 profissionais da educação (orientadores da sala de leitura, coordenadores pedagógicos, diretores escolares e auxiliares de desenvolvimento infantil), de todas as regiões de São Paulo, para a inclusão da temática racial em suas práticas escolares, contemplando os seguintes temas: relações raciais

no ambiente escolar; representação do negro nos livros didáticos; história da África e da cultura afro-brasileira; direito e relações raciais e metodologia de tratamento da temática racial no ambiente escolar.

Parceria/Apoio: Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de São Paulo; Círculo de Leitura; Projeto Vida.

2004 – Educar Para a Igualdade Racial: indicadores e metodologias de implementação de políticas públicas educacionais de promoção da igualdade racial

Coleta de informações qualitativas e quantitativas para a construção de indicadores e metodologias para a implementação da lei 10.639/2003 e a formação de profissionais de educação das prefeituras de São Paulo e de Campinas.

Parceria/Apoio: Unicef.

2005 – Políticas de promoção da igualdade racial na educação: exercitando a definição de conteúdos e metodologias

A publicação reúne a sistematização de experiências educacionais desenvolvidas pelo CEERT em alguns municípios, por meio de dois projetos: “Construindo uma prática de promoção da igualdade racial, a partir da bibliografia afro-brasileira da SME-SP” e “Educar Para a Igualdade Racial: formação de educadores da Rede Municipal de Campinas”. Os principais tópicos da publicação se referem à luta do Movimento Negro na perspectiva educacional; a lei 10.693/2003 e sua implementação; dados estatísticos em relação à população negra na esfera educacional; as experiências de tratamento da temática racial em municípios parceiros do CEERT; e um passo a passo na luta contra o racismo.

Parceria/Apoio: Unicef

2005 – Relações Raciais na Educação Infantil

Projeto inovador sobre a temática das relações étnico-raciais na esfera da Educação Infantil, cujos objetivos foram: formular uma metodologia

para educadores trabalharem a temática racial-étnica com crianças na faixa etária de 3 a 6 anos; produzir textos sobre metodologias de tratamento da temática étnico-racial como subsídio para os educadores de Educação Infantil; divulgar e socializar os conhecimentos construídos na parceria entre as instituições que trabalham com as temáticas Educação Infantil e relações raciais.

Parceria/Apoio: Instituto Avisa Lá, Fundação Ashoka e Fundação Avina.

2006 – Igualdade Étnico-racial nas Escolas: Limites e Possibilidades para a Implantação da lei 10.639/2003

Em parceria com a Ação Educativa, Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia (Ceafro- UFBA) e o Movimento Interfóruns de Educação Infantil no Brasil (Mieib), esse projeto configurou-se em uma consulta a 15 escolas públicas, de três capitais brasileiras – Belo Horizonte, Salvador e São Paulo. Tencionava-se estabelecer uma relação de aliança e cooperação com as escolas envolvidas, de forma que, a partir do olhar e da percepção de seus atores educacionais, fosse possível influenciar práticas pedagógicas e políticas públicas. Foram entrevistados atores da comunidade escolar, considerando as séries finais do Ensino Fundamental (4ª e 8ª séries), bem como o último ano da Educação Infantil, e gestores. O principal objetivo da consulta foi influenciar práticas e políticas públicas do campo educacional, a fim de favorecer o reconhecimento e a celebração da diversidade, particularmente considerando a equidade étnico-racial.

Colaboração: Instituto Paulo Montenegro. Apoio: Save the Children UK e Instituto C&A.

2006 – Trilhas Negras e Indígenas

O projeto teve como objetivo recolher informações das escolas da rede (CEI, EMEI, EMEF, EJA e CECI) sobre os motivos que contribuem e/ou facilitam a implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana e mapear se, e como, tais escolas incluem os princípios contidos nessas diretrizes. Além disso, o material analisado subsidiou duas publicações.

Parceria/Apoio: Secretaria Municipal de Educação de São Paulo/ Grupo de Educação Étnico-Cultural.

2009 – Educar para a Igualdade Racial: Institucionalizando Práticas e Implementando Normas para uma Educação Livre do Racismo

O projeto teve como objetivos: definir as balizas de boas práticas no tratamento do tema das relações étnico-raciais em sala de aula a partir da análise e sistematização do acervo Educar para Igualdade Racial; arrolar parâmetros para a implementação da lei 10.639/2003, no âmbito da gestão escolar a partir do acompanhamento de escolas selecionadas na 6ª edição do Educar para a Igualdade Racial; definir orientações de gestão e pedagógicas que subsidiem a identificação da discriminação racial e estimulem junto ao poder público e às redes de ensino do país o desenvolvimento de políticas, programas e ações de promoção da igualdade racial e de combate ao racismo, voltados à Educação Infantil.

Parceria: Unicef

2013 – Seminários regionais “Educar Para a Igualdade Racial”

Os seminários foram realizados em Belém (PA); Belo Horizonte (MG); Campo Grande (MS); Porto Alegre (RS) e Salvador (BA). O objetivo foi monitorar as 180 experiências inscritas (e não premiadas) no 1º Prêmio “Educar Para a Igualdade Racial” e demais práticas de educadores, diretores e coordenadores pedagógicos. Ao todo, participaram 1.050 profissionais da educação e representantes dos Movimentos Negro e Indígena. Participaram ainda 26 monitores que discutiram, no âmbito de suas regiões, questões referentes às políticas públicas; programa de formação em relações raciais no ambiente escolar; lei 10.639/2003; currículo escolar, entre outros temas.

Parceria/Apoio: Unicef; SEDH – Programa Paz nas Escolas.

2013 - A Educação Básica e o Estudo do Prêmio Educar para a Igualdade Racial: Perspectivas e desafios da cidade de São Paulo

São Paulo foi palco de acontecimentos políticos que influenciaram organismos públicos municipais a darem mais atenção à temática racial, na área da educação. Com avanços alcançados graças à luta do Movimento Negro, a história da cidade nesta seara é muito rica. Assim, o estudo focou em um dos desdobramentos da forte presença do Movimento Negro: 27 práticas do Prêmio Educar para a Igualdade Racial; 13 da Categoria Professor e 14 da Categoria Escola -, sendo 14 delas premiadas.

O estudo tem como objetivo elaborar o mapeamento e a análise de uma das instâncias da educação básica na cidade de São Paulo, a partir das práticas "cases" das seis edições do prêmio Educar para a Igualdade Racial, realizado pelo CEERT e parceiros.

Ao longo de 12 anos de existência, desde 2002, o Prêmio Educar para a Igualdade Racial acumulou em torno de 2.300 práticas pedagógicas e de gestão escolar oriundas de todo o país. Destas, 703 são práticas inscritas da cidade de São Paulo, representando cerca de 30,56% do acervo.

2018 - Aplicativo ENI (Equidade na Infância)

O objetivo do aplicativo é apresentar conteúdos que promovam o aumento do conhecimento das/os professoras/es e coordenadoras/es pedagógicas/os sobre a organização de espaços educacionais e o uso de materiais que promovem a equidade racial na educação infantil.

O aplicativo ENI foi formulado para se tornar um programa de intervenção embasado em discussões teórico-metodológicas sobre desenvolvimento e avaliação de programas, propostos no âmbito da plataforma de pesquisa e desenvolvimento do *Center on the Development Child, da Universidade de Harvard*.

2020 – Tecnologia Educacional Gestão da Educação para Equidade Racial

A partir da premissa de que as ações de combate à segregação racial, sexismo, entre outras mazelas sociais, precisam de reforço nos diferentes espaços da educação pública, o CEERT desenvolveu a Tecnologia Educacional Gestão da Educação para Equidade Racial no escopo do Programa Melhoria da Educação, a fim de apoiar os gestores na compreensão aprofundada do conceito de equidade e no planejamento de ações para o cotidiano escolar.

2020 – Equidade Racial na Educação Básica: Pesquisas Aplicadas e Artigos Científicos

O projeto propôs pensar em uma educação para todas as crianças, adolescentes e jovens brasileiros. Ou seja, uma educação capaz de contemplar a riqueza da diversidade e da multiplicidade cultural, religiosa, fenotípica e de gênero que marca a sociedade brasileira.

2022 - Gestão da Educação para Equidade Racial

Formação para habilitar redes de ensino e escolas para o desenvolvimento de processos de gestão educacional, orientados pelo princípio de equidade racial, como procedimento gestor e pedagógico em todas as áreas do sistema municipal. Objetivo: Capacitar dirigentes, lideranças, gestoras/es e equipes técnicas das secretarias e escolas na apropriação da ferramenta Tecnologia de Gestão da Educação com Equidade racial, na implementação e fortalecimento das Leis 10639/2003-11645/2008, nos sistemas de ensino municipais. Percurso híbrido mediado, plataforma Polo do Itaú Social (parceria CEERT/IS); - Público: 120 gestoras/es e técnicos/as das equipes das secretarias de educação de 50 municípios das diferentes regiões.

20 anos de Prêmio Educar

O Prêmio Educar apresenta um registro histórico de práticas pedagógicas antirracistas de Norte a Sul do Brasil, promovendo a discussão, reconhecendo e incentivando os projetos.

Todo esse conhecimento resultou em uma importante coleta de dados para o CEERT, apoiando pesquisas na área de educação e fornecendo materiais didáticos e pedagógicos nos setores públicos e privados. A divulgação dos projetos desenvolvidos passou a desempenhar um papel formativo, a partir do debate de relações étnico-raciais. Conheça um pouco sobre cada edição:

Total de experiências inscritas por edição

1ª edição (2002)

Regiões	Inscritos	%
Norte	7	3,3%
Nordeste	30	14,3%
Centro-Oeste	21	10,0%
Sudeste	105	50,0%
Sul	47	22,4%
TOTAL	210	100,0%

2ª edição (2004)

Regiões	Inscritos	%
Norte	30	9,6%
Nordeste	24	7,6%
Centro-Oeste	69	22,0%
Sudeste	158	50,3%
Sul	33	10,5%
TOTAL	314	100,0%

3ª edição (2006)

Regiões	Inscritos	%
Norte	34	8,7%
Nordeste	69	17,6%
Centro-Oeste	29	7,4%
Sudeste	184	46,8%
Sul	77	19,6%
TOTAL	393	100,0%

4ª edição (2008)

Regiões	Inscritos	%
Norte		
Nordeste		
Centro-Oeste		
Sudeste	182	100%
Sul		
TOTAL	182	100,0%

5ª edição (2010)

Regiões	Inscritos	%
Norte	75	9,6%
Nordeste	239	30,4%
Centro-Oeste	65	8,3%
Sudeste	294	37,5%
Sul	112	14,3%
TOTAL	785	100,0%

6ª edição (2012)

Regiões	Inscritos	%
Norte	25	5,1%
Nordeste	102	21,0%
Centro-Oeste	68	14,0%
Sudeste	234	48,1%
Sul	57	11,7%
TOTAL	486	100,0%

7ª edição (2014)

Regiões	Inscritos	%
Norte	32	4,9%
Nordeste	136	21,0%
Centro-Oeste	32	4,9%
Sudeste	357	55,1%
Sul	91	14,0%
TOTAL	648	100,0%

Edição	Premiados	Professor	Gestão
1ª edição	9	9	-
2ª edição	12	12	-
3ª edição	12	12	-
4ª edição	16	8	8
5ª edição	38	17	21
6ª edição	16	8	8
7ª edição	14	4	10
8ª edição	16	8	8
TOTAL	133	78	55

2002 – 1ª edição do Prêmio, Educar para Igualdade Racial: experiências de promoção da igualdade racial/étnica no ambiente escolar.

A primeira edição do Prêmio Educar nasce como desdobramento da histórica luta antirracista empreendida pelo ativismo negro. Pelo menos desde a década de 1930, entidades e organizações negras de inserções diversas na sociedade, como agremiações esportivas, clubes sociais, ordens religiosas, partidos políticos, entre outras, têm em comum o entendimento de que a educação é um importante campo de enfrentamento do racismo e das desigualdades sociais.

O sistema educacional e o cotidiano escolar produziam e reproduziam preconceitos, estereótipos e discriminações, tanto nas relações e nas atitudes interpessoais, como nas institucionais. Também na aquisição e na reprodução de materiais didáticos que, ao invés de funcionarem de forma emancipatória e universal para a superação de preconceitos, estereótipos e estigmas, ajudavam a mantê-los.

Ainda que com todos os motivos para desacreditarem na educação escolar, as entidades e as organizações negras enxergavam e ainda enxergam o campo da educação como um daqueles que poderiam produzir mudanças no plano da sociedade, assim como tem potencial para promover mobilidade social para a população negra.

É desse caldo crítico e otimista que, no fim do ano de 2001, se anuncia a primeira edição do Prêmio Educar, ocorrida no ano de 2002. Apesar do quadro geral de preconceito e discriminação descrito acima, sabia-se também no âmbito do ativismo negro, por meio de relatos, sobre a existência de inúmeras práticas e iniciativas desenvolvidas em escolas de norte a sul e de leste a oeste do país. Mapeá-las e apoiá-las era uma das aspirações iniciais do Prêmio Educar.

Para tanto, no ano de 2000 tem início uma série de reuniões, consultas, oficinas, realizadas com educadoras/es, pesquisadoras/es, lideranças sociais, intelectuais negras/os e não negras/os das cinco regiões brasileiras que ajudaram a elaborar a primeira ficha de inscrição e os critérios de seleção das práticas finalistas e premiadas, entre os quais o de potencial de replicabilidade das práticas premiadas e finalistas em outras escolas do país. Foram inscritos 210 projetos e nove premiados.

2004 – 2ª edição do Prêmio Educar para Igualdade Racial: experiências de promoção da igualdade racial/étnica no ambiente escolar.

Após o sucesso da primeira edição, a 2ª edição do Prêmio Educar aconteceu no ano de 2004. A partir de então as edições passaram a ocorrer bianualmente. Anunciadas/lançadas em ano ímpar e finalizadas com a premiação em ano par. Apesar da abrangência nacional da primeira edição e da alta aderência, não ocorreram inscrições nos estados do Acre, Alagoas, Espírito Santo, Maranhão, Paraíba, Roraima, Sergipe e Tocantins.

Visando ampliar o número de inscrições por estado da federação, a segunda edição investiu na realização de seminários regionais de divulgação do material de inscrição, a partir de parcerias instituídas com lideranças, organizações, educadoras e pesquisadoras das cinco regiões brasileiras. A estratégia se apresentou acertada, já que

na segunda edição apenas quatro estados (Acre, Piauí, Rondônia e Sergipe) não contaram com inscrições.

No campo da política educacional, o dado novo da segunda edição foi a promulgação da lei federal 10.639/03, que instituiu Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (DCNERER), dispositivo legal que interfere de maneira afirmativa na política educacional brasileira.

Agindo de forma estratégica, com vistas a colaborar para a difusão da lei 10.639/03, citar referencialmente trechos das DCNERER tornou-se um dos critérios para a seleção das práticas pedagógicas. Tal medida buscou fazer a "lei pegar".

Vale ressaltar que, a partir da segunda edição, nasce uma expectativa crescente entre educadoras/es em relação ao anúncio de uma nova edição. Foi motivada tanto pela premiação material como pelas atividades formativas oferecidas durante os dias de duração do evento de premiação, assim como pela visibilidade alcançada pelas educadoras premiadas. É dessa forma, pelas mãos e pelo reconhecimento público atribuído pelas educadoras/es, que o Prêmio Educar, a cada edição, assistiu crescer o número de inscrições e se inseriu definitivamente no calendário de eventos extraoficiais aguardados por educadoras/es de todo o país.

2006 – 3ª edição do Prêmio Educar para Igualdade Racial: experiências de promoção da igualdade racial/étnica no ambiente escolar.

A alteração na LDB introduzida pela lei 10.639/03 promoveu mudanças estruturais e formais significativas na 3ª edição do Prêmio Educar. Aos critérios de seleção e objetivos da edição foram adicionadas questões relativas à educação para as relações étnico-raciais e o para ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Se na segunda edição do Educar mencionar a lei era critério, a partir da terceira é necessário desdobrar as orientações contidas nas DCNERER.

Outra mudança estrutural da 3ª edição foi a inclusão do Ensino Médio nas etapas da educação concorrentes às premiações nesta edição.

Tal decisão considerou, entre vários aspectos, a desigualdade de proficiência verificada entre estudantes brancas/os e negras/os e as maiores dificuldades de acesso e permanência nessa etapa da educação enfrentada por essas populações.

As desigualdades eram motivadas por diversas razões, mas também a secular e estrutural desigualdade econômica, racial e de localização geográfica vivenciada por estudantes negras/os e indígenas, seja no campo ou na cidade.

2008 – 4ª edição do Prêmio Educar para Igualdade Racial: experiências de promoção da igualdade racial/étnica no ambiente escolar.

Esta quarta edição foi precedida por uma pesquisa de imersão e análise em três aspectos da premiação: educadoras/es, estudantes e escola. O objetivo geral da pesquisa foi observar de que forma a premiação e a participação no concurso impactavam educadoras, estudantes e escola. E quais efeitos institucionais ocorreram.

Os aspectos positivos trazidos pela pesquisa foram: melhoria do desempenho escolar; diminuição de faltas e maior participação nas aulas, em particular das crianças negras; exposição positiva da escola na mídia; visibilidade da escola junto às secretarias de educação; relações interpessoais mais respeitadas entre estudantes, docentes e funcionários em todo o ambiente escolar; melhoria da relação escola/famílias e maior visibilidade profissional das educadoras/es responsáveis pela execução da prática.

O aspecto preocupante trazido pela pesquisa, que foi fundamental para mudanças estruturais promovidas na edição seguinte, veio do relato das educadoras entrevistadas. Essas relataram em entrevista existir certa descontinuidade da prática. Um tanto pelo fato do tema das relações raciais e de história e cultura africana, afro-brasileira e indígena serem vistas como sem grande relevância pela escola. E isso fazia com que as práticas pedagógicas fossem desenvolvidas sem a participação mais ampla do corpo docente e sem apoio da gestão escolar, segundo as educadoras entrevistadas.

Diante das informações coletadas em pesquisa, a 4ª edição do Prê-

mio Educar promoveu mudanças estruturais profundas. A criação da categoria escola foi a mais significativa delas. Ao criar esta categoria, a intenção do CEERT foi a de aproximar docentes e gestão escolar, buscando reduzir o isolamento social apontado pelas educadoras/es, assim como mapear as possíveis ações da gestão escolar direcionadas à implementação das DCNERER.

Para captar essas e outras informações sobre o fazer da gestão, foi elaborada uma ficha de inscrição específica para a categoria escola, mantendo-se o mesmo propósito de incentivo e apoio a experiências exitosas, mas agora voltadas à gestão escolar.

Com vistas a observar de maneira minuciosa a introdução da categoria gestão de escola, a 4ª edição foi realizada apenas no estado de São Paulo. E nesta edição somente puderam se inscrever professoras e escolas da Educação Infantil e Ensino Fundamental, etapas educacionais que naquele momento apresentavam o menor crescimento quantitativo em número de inscrições nas 2ª e 3ª edições do Prêmio Educar e a menor atenção dos movimentos sociais vinculados à luta por acesso e permanência no campo da educação.

Além da pesquisa, outro fato que impulsionou mudanças na 4ª edição foi a ação protagonizada pelo CEERT junto ao Ministério Público Federal, solicitando que este órgão inquire alguns municípios da região metropolitana do Estado de São Paulo a respeito das medidas tomadas para a implementação da LDB alterada pela lei 10.639/03. Essa ação pioneira do CEERT desencadeou iniciativas semelhantes em várias cidades do país, colaborando dessa forma para avanços na implementação da lei.

2010 – 5ª edição do Prêmio Educar para Igualdade Racial: experiências de promoção da igualdade racial/étnica no ambiente escolar.

Após a experiência piloto de introdução da categoria escola entre as categorias concorrentes ao prêmio, a 5ª edição volta a contar com a participação de docentes e escolas do Ensino Médio, bem como a ter abrangência nacional. Essa retomada de formato inicial fez dobrar o número de inscrições em relação à edição anterior. Também aumentou a participação de educadoras/es das regiões Norte e

Nordeste em cerca de 38,5% do total de experiências inscritas. Ao final do concurso, foram premiadas 16 experiências exitosas, oito na categoria professor e oito na categoria gestão de escola.

Do ponto de vista estrutural, a mudança mais significativa desta edição ocorreu no formulário de inscrição da categoria escola, pela incorporação dos seis eixos do Plano Nacional de Implementação das DCNERER entre as questões a serem respondidas pela gestão escolar.

2012 – 6ª edição do Pêmio Educar para Igualdade Racial: experiências de promoção da igualdade racial/étnica no ambiente escolar.

A 6ª edição premiou iniciativas, estimulou e acompanhou a institucionalização de programas e políticas educacionais de promoção da igualdade racial, enfrentando e superando os indicadores de desigualdades raciais nos sistemas de ensino, fomentando a implementação de normas, práticas e projetos pedagógicos destinados a equacionar os índices de evasão escolar do alunado negro.

Como resultado, foi elaborada uma publicação virtual “Prêmio Educar para a Igualdade Racial: Nordeste”, com 14 boas práticas (Cases) da região, considerando todas as edições do Prêmio. Foi realizado um levantamento no acervo do “Prêmio Educar para a Igualdade Racial”, trazendo algumas informações sobre a participação do Nordeste nas inscrições e as boas práticas premiadas.

Após a cerimônia de premiação, foram desenvolvidos quatro vídeos com 15 minutos cada, sobre os temas Educação Infantil, Fundamental I, Fundamental II e Médio, com imagens captadas durante o evento de premiação e as práticas premiadas.

Além disso, foram construídos seminários, como o Seminário Virtual Nacional “História e Cultura Africana e Afro-brasileira na Escola”, promovendo uma comemoração reflexiva dos 10 anos da Lei 10.639/03; e o Seminário Virtual Nacional no Museu do Homem do Nordeste, em Recife, com a presença de representantes de vários estados, entidades parceiras, autoridades locais e convidados.

2014 – 7ª edição do Prêmio Educar para Igualdade Racial e de Gênero: experiências de promoção da igualdade racial/étnica no ambiente escolar.

A novidade trazida pela 7ª edição foi a incorporação da temática de gênero ao nome do prêmio, reconhecendo as desigualdades que atingem gênero enquanto marcador social de diferença e com vistas a mapear práticas pedagógicas e ações de gestão que atuem na intersecção gênero e raça.

Outra novidade foi o desenvolvimento de dois processos de inscrição. O primeiro foi denominado universal, que manteve o formato tradicional das edições anteriores com a participação de práticas e ações de gestão escolar realizadas por escolas públicas e privadas. O segundo foi denominado afirmativo, no qual apenas puderam se inscrever escolas que atendessem estudantes quilombolas e escolas localizadas em territórios quilombolas.

Este segundo processo teve como principal propósito conhecer um pouco mais sobre o fazer pedagógico e o fazer da gestão de escola. E, simultaneamente, colaborar para a leitura e a difusão das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Escolar Quilombola. Para isso, semelhante ao que já havia sido feito com as DCNERER, inclui menção às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (DCNEEQ) como critério de seleção das experiências pedagógicas e de gestão inscritas.

2022 – 8ª edição Prêmio Educar com Equidade Racial e de Gênero

Ao celebrar 20 anos desta iniciativa pioneira no campo da educação antirracista e em constante evolução pelo acúmulo de conhecimento produzido, a premiação passa a se chamar “Prêmio Educar com Equidade Racial e de Gênero”. Foram cerca de 790 iniciativas inscritas nas categorias “Professor” e “Escola” das cinco regiões do país.

PARTE 1

8ª edição do Prêmio Educar

Desafios 8º da edição (Pandemia, equidade e antirracismo)

A 8ª edição do Prêmio Educar trouxe a Equidade Racial e de Gênero como meta, fundamento e princípio do ato de educar. E o compromisso atualizado das sete edições anteriores de mapear e identificar experiências exitosas de gestão e de práticas pedagógicas, com foco em ações e práticas antirracistas.

As seis primeiras edições tiveram seu foco orientado pela política de promoção, valorização e reconhecimento da diversidade humana. A partir dessa perspectiva, buscou-se reconhecer (mapear) e valorizar (apoiar) práticas educativas exitosas muitas vezes invisibilizadas em ambiente escolar.

Além de dar apoio e visibilidade a educadoras, escolas e práticas, as primeiras edições geraram um acervo com mais de 3.000 experiências pedagógicas desenvolvidas nas cinco regiões do país. Essa concepção afirmativa e inovadora contribuiu de maneira a impulsionar no campo da educação o debate sobre a política de promoção da igualdade racial, integrando duas dimensões indissociáveis dessa política, o reconhecimento e a valorização da diversidade étnico-racial.

Oito anos de intervalo separam a 7ª e a 8ª edições. Mudanças significativas ocorridas na política e na sociedade brasileira exigiram novas estratégias e reorientação dos objetivos, bem como de alguns critérios para eleição das práticas pedagógicas e ações de gestão exitosas, agora voltadas para a equidade racial e de gênero, também para o antirracismo.

Equidade Racial e de Gênero e o Antirracismo

A 8ª edição, assim como as demais, continua buscando mapear, apoiar e difundir êxito escolar, com o propósito de estimular o desenvolvimento de ações de gestão escolar e práticas pedagógicas, porém, nessa edição, baseadas em princípios de equidade e do antirracismo. Estratégias consideradas essenciais e estruturantes na direção da promoção da igualdade e para a efetivação de uma educação comprometida com a redução das desigualdades raciais e de gênero presentes na rede pública e particular de ensino do Brasil.

Na sociedade brasileira como um todo e na educação de maneira específica, equidade e antirracismo são etapas necessárias para a promoção da igualdade com justiça social. A equidade abarca a realidade social, geográfica, étnico-racial e de gênero de alguns grupos de pessoas que, por razões alheias à sua própria vontade, são discriminadas objetiva e/ou subjetivamente, daí decorrem necessidades de atendimento que reconheça a especificidade de cada grupo de pessoas e lugar. Isso exige de governos e da sociedade em geral esforços de erradicação das iniquidades. Em particular as de raça/cor e gênero, considerando as desiguais condições de oportunidade de acesso e permanência a bens e serviços públicos e privados vivenciados por esses grupos de pessoa.

O antirracismo, mais que oposição à discriminação racial e ao racismo, é uma ação dirigida a promoção da justiça, equidade e inclusiva. O combate ao racismo sistêmico em suas formas estrutural, institucional e individual, assim como a afirmação positiva da diversidade e da representação equitativa em todos os níveis da sociedade, são duas das maiores expressões.

Pandemia

A pandemia de Covid-19 impactou a educação em todo o mundo, com o fechamento das escolas e a adoção de medidas de distanciamento social. No Brasil, abalou as aprendizagens e o ensino, o calendário escolar, os exames nacionais e o financiamento para a educação, entre outras questões educacionais.

Diante da situação de isolamento social, estudantes foram levados a adotar o ensino a distância. A medida atingiu estudantes em todas as etapas da educação básica. Essa situação gerou grandes desafios, especialmente para aqueles sem acesso ou acesso ruim à internet e a dispositivos eletrônicos.

Desigualdades estruturais e profundas, presentes na sociedade brasileira, foram expostas. Especificamente na área da educação, as desigualdades de renda e raciais entre estudantes e suas famílias foram evidenciadas pelo acesso limitado a serviços de saúde e educação com qualidade.

Estudantes das classes baixas e negros viram o abismo social que os separa das camadas com maior poder aquisitivo e de pessoas

brancas aumentar exponencialmente. Segundo o IBGE, nada menos que 4,3 milhões de estudantes entraram na pandemia sem acesso à internet. Destes, 4,1 milhões eram alunos da rede pública.

De acordo com a nota técnica do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Acesso Domiciliar à Internet e Ensino Remoto Durante a Pandemia n. 88, de 2020, estudantes sem acesso são majoritariamente pessoas negras ou indígenas. Nos estabelecimentos públicos da educação básica, as crianças e os jovens negros e indígenas são mais de 70% dos estudantes sem acesso domiciliar à internet em banda larga ou 3G/4G.

A pandemia de Covid-19 evidenciou também algumas realidades da educação no Brasil, como: o despreparo das instituições de ensino para prover a educação a distância; falta de acesso a ferramentas e tecnologias digitais, segundo a pesquisa TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação, Internet & Covid-19 no Brasil, do IBGE, dos quase 72 milhões de domicílios brasileiros mais de 30%, portanto cerca de 21 milhões, não acessam a internet; quanto à evasão escolar, estudos (como o Todos Pela Educação) apontam que cerca de 244 mil crianças e adolescentes entre 6 e 14 anos estavam fora da escola no segundo semestre de 2021. Se comparado com 2019, portanto antes da pandemia de Covid-19, esse número representa um aumento de 171%, ou seja, de aproximadamente 154 mil evasões a mais; analfabetismo tecnológico, exclusão digital no acesso e no uso promovem dificuldade de interação com o mundo digital por desconhecimento da linguagem dessa tecnologia contemporânea, em particular com os conteúdos de informática, web, planilhas, editores de texto, imagens etc. Essas e outras realidades foram expostas pela pandemia de Covid-19.

Em que pese o sombrio quadro descrito, surgiram também possibilidades novas de uso de celulares e computadores. Em particular os celulares passaram a ser usados como equipamento de ensino e aprendizagem, possibilitando a aquisição de habilidades ao processo pedagógico, tanto para comunicação pessoal como para realização de tarefas e oferta de conteúdo curricular.

Reestruturação

Levando em conta o intervalo de oito anos em que o prêmio ficou

sem acontecer, foi realizada uma reestruturação, considerando também as mudanças políticas ocorridas na sociedade brasileira, após o impeachment presidencial de 2016, o recrudescimento da intolerância religiosa, da xenofobia, do sexismo e do racismo na gestão do governo federal entre janeiro de 2019 e dezembro de 2022.

A situação conjuntural da pandemia de Covid-19, com as incertezas sobre a retomada do calendário escolar, após os dois anos de isolamento social e a necessidade de saber como educadoras/escolas conduziram suas práticas pedagógicas e ações de gestão foram outros fatores que nos motivaram realizar uma reestruturação para colocar na rua a 8ª edição.

A primeira alteração estrutural foi a criação de duas novas modalidades de inscrição. Desde a 4ª edição o Educar contemplava as categorias escola e gestão escolar. A primeira se destina a práticas realizadas por educadoras, até dois anos antes da data de anúncio da edição em exercício. Já na segunda, as ações de gestão escolar também foram realizadas até dois anos depois da data de anúncio da abertura das inscrições.

Com a suspensão das aulas, a efetivação do ensino remoto e a consequente alteração do calendário escolar ocorridas nos anos de 2020 e 2021, foi necessário adequar o edital de orientação das inscrições. E criar duas modalidades: uma para a categoria professora e outra para a categoria escola. Isso porque, com as sucessivas interrupções de aula provocadas pela pandemia, algumas práticas pedagógicas e ações de gestão tiveram pouco tempo para sair do papel.

Em outras palavras, se encontravam idealizadas e/ou em desenvolvimento inicial. Portanto, continuam sem ainda apresentar resultados que pudessem ser observados, apenas algumas projeções e expectativas.

Assim foi criada, na categoria professor, a modalidade projeto de práticas pedagógicas, que se juntou à modalidade prática pedagógica, já existente desde a primeira edição. Os objetivos específicos desta categoria foram:

- Incentivar o fortalecimento e a inserção curricular dos conteúdos alusivos à diversidade étnico-racial e de gênero.

- Favorecer o desenvolvimento de metodologias, materiais didáticos e paradidáticos que auxiliem professores/as e escolas na abordagem adequada e crítica da diversidade e das relações étnico-raciais e de gênero em sala de aula.

- Apoiar a implementação da LDB alterada especialmente pelas leis 10.639/2003 e 11.645/2008.

A modalidade práticas pedagógicas buscou mapear práticas realizadas entre os anos de 2019 e 2021. Já a nova modalidade, projetos de práticas pedagógicas, buscou mapear junto a professores as intenções de desenvolvimento de práticas pedagógicas com a temática da diversidade étnico-racial e questões de gênero interseccionadas a pertencimento racial, relações raciais e antirracismo.

Nesta nova modalidade, só foram aceitas inscrições em fase de planejamento acompanhadas da assinatura de termo de compromisso por parte do proponente realizador(a) da prática pedagógica; da apresentação de um documento com a anuência da gestão da escola, dando ciência ao termo de compromisso assinado de realização da prática pedagógica; e, no mesmo termo, a previsão do início da prática pedagógica com o prazo máximo de 18 meses a partir da inscrição no concurso de premiação para executá-la.

Na categoria escola foi criada a modalidade gestão com equidade e antirracista, que teve como objetivo geral:

- Incentivar a inserção de ações e procedimentos de gestão escolar voltados para a equidade racial e de gênero e para comportamentos e atitudes antirracistas.

Em função da excepcionalidade conjuntural provocada pela pandemia de Covid-19, a 8ª edição especificou que estaria buscando ações de gestão já realizadas e ações de gestão planejadas, com foco na equidade e no antirracismo. Todas deveriam ser valorativas da diversidade étnica e racial e promotoras do antirracismo com foco na equidade racial e de gênero.

Outra novidade introduzida na categoria escola foi nos critérios de seleção, sendo um deles o de apresentar na descrição das ações planejadas, elementos que atestassem a viabilidade de aplicação e replicação das ações planejadas.

Além desse critério, foi também solicitado em edital que cada participante desta modalidade assinasse termo de compromisso com prazo para início da implementação das ações. Medida semelhante foi adotada para a categoria professor, na modalidade projeto de práticas pedagógicas.

Informações quantitativas dessa edição



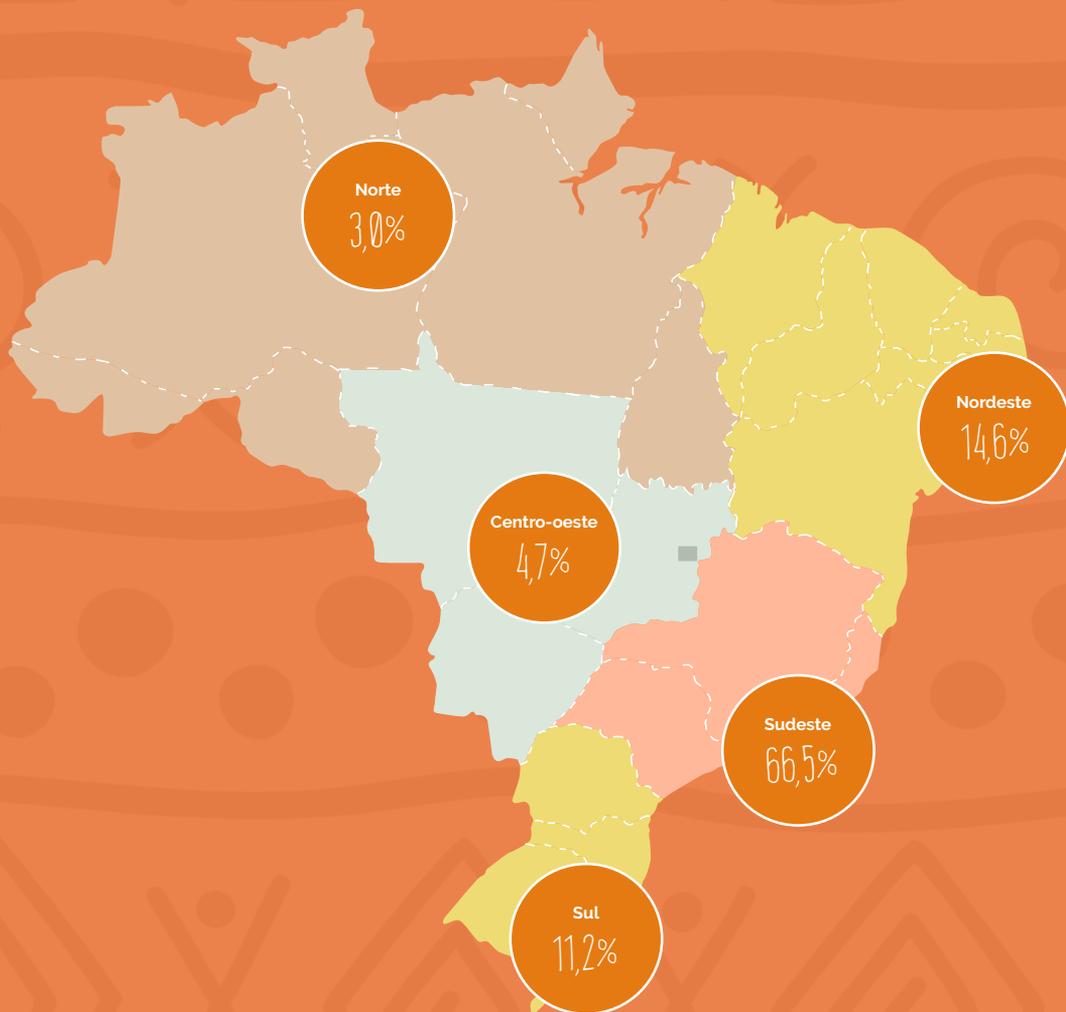
Identificação da Escola onde a Prática Pedagógica foi realizada (Tipo de Escola)



Cor, raça e sexo



Número de classificados por estado/ região do Brasil



Foram mais de 790 iniciativas inscritas das cinco regiões do país.

Encontro formativo (sobre êxitos e excelência)



Encontro

diálogos
para uma educação
ANTIRRACISTA

Como parte da programação da 8ª edição do Prêmio Educar, foi realizado um encontro formativo nos dias 18, 19 e 20 de outubro de 2022, no Instituto Moreira Salles (IMS) e no Sesc Vila Mariana, em São Paulo.

O evento, denominado Diálogos para uma Educação Antirracista, promoveu um espaço privilegiado de trocas entre educadores (as), pesquisadores (as), professores (as), estudantes, organizações parceiras e lideranças negras, para avançar o debate sobre a construção da equidade racial na educação básica.

O objetivo principal foi o intercâmbio de experiências por meio da socialização e discussão de resultados de pesquisas e de projetos exitosos de ação pedagógica antirracista intercultural, propostos no âmbito das ações do CEERT e desenvolvidos nas escolas e/ou redes públicas de ensino.

A iniciativa teve o propósito de fundamentar metodologicamente as atividades de celebração dos 20 anos do Prêmio Educar, bem como celebrar a apresentação dos resultados da iniciativa de fomento afirmativo Equidade Racial na Educação Básica: Pesquisa Aplicada e Artigos Científicos, destinada ao fortalecimento e ao apoio de projetos de pesquisa aplicada e artigos científicos, desenvolvidos na perspectiva da promoção da equidade na educação básica.

Como agulha e linha, as duas iniciativas tecem avanços na educação básica, campo comum de intersecção e incidência entre elas. Com

esse entendimento, a equipe de educação buscou uma metodologia para o evento que integrasse ainda mais a relação entre essas duas ações programáticas, sem hierarquizá-las e apostando na metodologia do diálogo como estratégia para a produção de conhecimento e entendimentos sobre educação com equidade e antirracista em movimento e confluências.

Foi também neste evento em que ocorreu o primeiro contato presencial entre educadoras concorrentes no Educar e as pesquisadoras e coordenadoras de pesquisa do Equidade Racial, porém a conexão entre elas teve início na fase de avaliação e emissão de pareceres das ações de gestões e práticas pedagógicas inscritas na 8ª edição do Educar, pois boa parte das(os) pesquisadoras e coordenadoras de pesquisa do Equidade Racial foi responsável pela leitura das ações de gestão e práticas concorrentes ao prêmio.

O evento Diálogos para uma Educação Antirracista também promoveu debates a respeito de todos os projetos da área de educação do CEERT e os principais temas da agenda, e contou com uma noite de premiação do Prêmio Educar, quando as educadoras foram homenageadas.

Considerou a história contínua, inovadora e antirracista empreendida pelo CEERT desde sua fundação nos idos anos 1990. Levou em conta também a herança filosófica do vasto e diverso patrimônio africano e afro-brasileiro acumulado ao longo dos séculos, expresso pelas concepções de sabedoria, perseverança e coexistência.

Observando toda a trajetória da organização, essa noção de tempo como unidade de existência contínua, "de e para" a aprendizagem e o ensino, foi o fundamento que balizou os diálogos para uma educação antirracista com equidade, com a expectativa de que, a partir da troca dialógica, educadoras e gestoras do Prêmio Educar e as pesquisadoras acadêmicas e coordenadoras de pesquisa do Equidade Racial transformassem, durante cada roda de diálogo, o conhecimento, os saberes, relatos e experiências individuais, em processos coletivos e abertos de ensino e aprendizagem, voltados a uma experiência coletiva de síntese, alcançada pela própria troca de experiências individuais, fomentando um conhecimento de síntese resultante da troca, o que, em perspectiva Paulofreiriana (1975), pode ser traduzido como "conhecimento autêntico".

Importantes nomes participaram dos três dias de evento, a exemplo de Acácio Jacinto, Bel Santos, Cida Bento, Daniel Bento, Erondina Barbosa, Francisco Nascimento, Henrique Cunha, Juliana Yade, Kabenguelê Munanga, Marcelo Araújo, Mirela Sandrini, Patrícia Guedes, Patrícia Santana, Petronilha B. Gonçalves, Renata Bittencourt, Ricardo Henriques, Samuel Emídio, Sueli Carneiro, Zélia Amador entre outros. Confira alguns temas discutidos:

- Educação da Infância (incluindo Educação Infantil e Ensino Fundamental I)
- 32 anos de educação antirracista do CEERT
- Confluência de Saberes Antirracistas na Infância: experiências práticas e acadêmicas - caminhos para a equidade
- Educação antirracista e os desafios para equidade na infância; Educação das Adolescências e Juventudes (incluindo o Ensino Fundamental II e Ensino Médio);
- Educação das Adolescências e Juventudes (incluindo o Ensino Fundamental II e Ensino Médio)
- Confluência de Saberes Antirracistas na Juventude: experiências práticas e acadêmicas - caminhos para a equidade
- Educação Escolar Quilombola
- Confluência de Saberes Antirracistas na Educação Escolar Quilombola: experiências práticas e acadêmicas - caminhos para a equidade
- Questões de gênero e quilombolas na educação
- Educação antirracista e os desafios para a equidade a partir das questões de gênero e quilombola.
- Premiação da 8ª edição do Prêmio Educar



Premiadas e pesquisador com Sueli Carneiro



Público 18/10 IMS



Henrique Cunha, Cida Bento e Sueli Carneiro



Henrique Cunha, Sueli Carneiro e Petronilha



Cida Bento e Marcelo Araújo



IMS e CEERT



CEERT e SEDUC-SP



Exposição IMS



Exposição IMS



Exposição IMS



Exposição IMS



Marcelo Araújo, Diretor Geral do IMS -
abertura 18/10



Renata Bittencourt, área de Educação do
IMS - abertura 18/10



Patrícia Guedes - Itaú Social - abertura
18/10 IMS



Samuel Emilio - Imaginable Futures -
abertura 18/10 IMS



Mirela Sandrini, diretora regional
da Porticus - abertura 18/10 IM



Cida Bento - CEERT - abertura 18/10 IMS



Acácio Jacinto, Fund. Roberto Marinho - abertura 18/10 IMS



Erondina Barbosa da Silva, oficial de Educação do UNICEF - abertura 18/10 IMS



Ricardo Henriques - Instituto Unibanco - abertura 18/10 IMS



Bel Santos - IBEAC - abertura 18/10 IMS



Daniel Bento - Diretor CEERT - abertura 18/10 IMS



Atração musical Luana Bayô - abertura
18/10 IMS



Atração musical Luana Bayô - abertura
18/10 IMS



Bel Santos e Patrícia Santana



Público



Público



Público



Apresentação do Edital Educação Básica



Apresentação do Edital Educação Básica



Apresentação do Edital Educação Básica



Ceert



Público na apresentação do edital





Público



Público



Público



Público



Público



Público



Público



Cerimonial - Daniel Bento - CEERT



Público



Finalistas



Premiados



Atração musical Fabiana Cozza



Apresentação Programa Proseguir Matilde, Thulla, Daniel, Luanda e Lucimar



Intervenções Programa Proseguir





Público Programa Prosseguir



Intervenções do público participante.



Educação das Adolescências e Juventudes (sessão 2)





Público



Público



Concepção de educação (metodologia CEERTiana)

Educação Infantil e o ensino fundamental I estão intrinsecamente ligados, o ensino fundamental I, é a etapa inicial da educação formal. Enquanto a educação infantil tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até os cinco anos de idade. As duas etapas são experimentadas pela maioria das crianças durante a infância. Assim, são períodos de descoberta e aprendizado intenso. Momento de exploração do mundo ao redor de absorção de informações e de desenvolvimento de habilidades escolares fundamentais. A infância é a fase de vida inicial para a interação e de comunicação social necessárias a compreensão das dinâmicas em sociedade.

O ensino fundamental II e o ensino médio estão intrinsecamente relacionados, pois representam estágios sequenciais na jornada educacional. Essa continuidade educacional permite que os alunos aprofundem e ampliem seus conhecimentos em diversas disciplinas, construindo sobre as bases estabelecidas no ensino fundamental II. A adolescência é um período de intenso desenvolvimento cognitivo e emocional marcado por diversas transições físicas, emocionais e sociais significativas. Essa fase de desenvolvimento pessoal está intrinsecamente ligada a experiência de vida social e educacional que balizarão a vida adulta.

A 8ª edição assumiu como concepção metodológica para eleição das práticas finalistas e premiadas, a estratégia de adotar o conceito de Educação das Infâncias, para agrupar educação infantil e ensino fundamental I, observando as especificidades de cada etapa da formação educacional das crianças no período de desenvolvimento humano vivido entre 0 e 10 anos. Período, que não se percebe rupturas drásticas entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental I.

Estratégia semelhante foi assumida para o fundamental II e Ensino Médio, concebidos como Educação das Adolescências. O agrupamento dessas duas etapas também reconhece a existência de especificidades entre o Fundamental II e o Ensino médio. Mas também, continuidade de desenvolvimento bio-socio-psico e na aquisição de competências e habilidades necessárias a uma formação escolar consistente.

Outra estratégia assumida pela 8ª edição foi conceber educação escolar quilombola não como modalidade da educação, mas sim, conteúdo temático. Isso permitiu que a questão quilombola pudesse ser observada tanto em escolas localizadas em territórios quilombolas, como naquelas que atendem público quilombola.

Outro conteúdo temático, transversalizado na Educação das Infâncias e na Educação das Adolescências foi a questão de gênero abordado por várias escolas, incluindo 2 (duas) das 8 (oito) experiências premiadas.

Nas próximas páginas, você poderá encontrar mais informações e inspirações sobre como os projetos ocorreram dentro das escolas, nas diversas etapas de ensino.

Na seção Entre o Chão e o Céu da Escola: Gente, foram compartilhadas histórias sensíveis vividas pelas comunidades escolares. As experiências nos mostram que há muita vida nos projetos e metodologias.

Entre o chão e céu da escola: gente

O chão e céu muitas vezes suscitam entre nós dimensões opostas, como no conselho "Menina, tenha os pés no chão", sugerindo assim que o chão é o domínio do estável onde encontramos o sólido e o seguro, onde encontramos a nossa conexão com a terra e dessa maneira com a realidade. Já "Menino, para de ficar pensando na lua!" sugere que o céu, em sua imensidão vasta e aberta, é domínio do instável lugar onde encontramos o etéreo, a nossa conexão com o sonho.

Lá, entre o chão e o céu, existe a escola. E dentro e fora da escola existe gente. E a experiência humana de gente(s) transita entre chão, escola e céu. Entre o tangível e o transcendental, entre a objetividade e a subjetividade, entre o sonho e a realidade. Seria a escola esse ponto de confluência para a conexão de tudo que é descrito como oposto? Ainda que tudo se encontre tão intrinsecamente ligado, pela cabeça, pelo corpo, pelo coração e pela mente de docentes e discentes quase sempre e sempre e sempre gente.

A escola é o ponto de fusão da matéria, gente. Lugar da simbiose entre a experiência e o conhecimento. Entre a ciência e a opinião. Entre a resposta que pergunta e a pergunta que responde. Da lição ensinada e da lição apreendida. Lugar de conflito e de superação. Do abraço e do abrigo. De quem educa e é também educado. Em que se caminha pisando no chão, aspirando voar sem limites pelo céu.

Conheça os premiados da última edição:

Premiados | Categoria Professor(a)

Modalidades: Práticas pedagógicas realizadas / Projetos de práticas pedagógicas em realização

Modalidade	Nome	UF	Região	Título
Projeto	Aline de Alcantara Valentini e Larissa Milanezi Fabríz Caprara	ES	Sudeste	Malizeck da Diversidade
Prática	Aline Neves Rodrigues Alves	MG	Sudeste	Intercâmbio Raízes: Angola e Brasil
Prática	Omo Ayo Otunja	RS	Sul	Akotirene Kilombo Ciência
Prática	Danielle Aparecida Barbosa Cardoso	MG	Sudeste	A literatura escrita por mulheres negras: uma experiência de leitura na alfabetização.
Projeto	Jacenilde Cristina Braga Soares	MA	Nordeste	Intercâmbio e cultura: uma análise entre os quilombos Damásio e Liberdade-MA
Prática	Juliana Borges	MG	Sudeste	Projeto griôs: contos e dengos por uma formação identitária e ancestral positiva
	Rosiete Lessa dos Reis Costa	PA	Norte	Educação Antirracista: Afrobetizando alunos para a construção de Cultura e Identidade
Prática	Fernanda Silva dos Santos	SP	Sudeste	Mulheres Negras: símbolo de luta e resistência uma fonte de inspiração

Premiados | Categoria Escola

Modalidade: Gestão com Equidade e Antirracista

Nome	UF	Região	Título
Adriana de Paula	SP	Sudeste	Resgatando identidades: o Dia da Consciência Negra e o papel do negro na construção do Brasil
Bárbara Carine Soares Pinheiro	BA	Nordeste	O que há de América em nós?
Conceição Aparecida Pinheiro Cardoso	MG	Sudeste	Promoção da Igualdade Racial
Francineia Alves da Silva	DF	Centro-Oeste	Projeto e Festival da Valorização da Cultura Afro-Brasileira e Indígena: A equidade nas diferenças.
Ilca Guimarães da Silva	BA	Nordeste	Núcleo de Empoderamento Linguagem e Tecnologia
Janaina Silva Mendes	SP	Sudeste	Agenda Antirracista
Janete Vilela da Paschoa	ES	Sudeste	No chão da escola quilombola: o (re) significar do projeto político pedagógico da escola municipal de educação básica "pedra branca" – Vargem Alta/ES
Lorena Barbara Santos Costa	BA	Sudeste	Caminhos afirmativos para uma educação antirracista na educação de jovens e adultos

Finalistas | Categorias: Professor/a e Escola
Modalidades: Gestão com Equidade e Antirracista, Práticas pedagógicas realizadas, Projetos de práticas pedagógicas em realização.

Modalidade	Nome	UF	Região	Título
Gestão com Equidade e Antirracista	Camila Medina Zanão	SP	Sudeste	Reconstituir e ressignificar identidades no território educativo da Casa Verde
Gestão com Equidade e Antirracista	Cristiana Aparecida Silva Costa	RJ	Sudeste	Negritude Damião
Gestão com Equidade e Antirracista	Josiane Neves da Silva Sant Anna	SC	Sul	Educação Antirracista: O seu olhar melhora o meu
Gestão com Equidade e Antirracista	Katielle Silva Fonseca	SP	Sudeste	Projeto Afrodescendentes "A Beleza e a Riqueza de Ser o que Somos!!!"
Gestão com Equidade e Antirracista	Lucas Alves do Espírito Santo	PE	Nordeste	O protagonismo estudantil na luta antirracista: experiências do Grupo de Estudo das Relações Étnico-Raciais, Negritude
Gestão com Equidade e Antirracista	Sonia dos Santos França	MG	Sudeste	Kizomba
Gestão com Equidade e Antirracista	Vanderlucia Cutrim de Sousa	MA	Nordeste	Identidade, Resistência, Educação Quilombola: Catucateca nos Terreiros
Gestão com Equidade e Antirracista	Viviane Henn	RS	Sul	FK: prevenção, resistência e identidade promovendo a educação antirracista em nossa escola
Práticas Pedagógicas Executadas	Andreia dos Santos Barbosa	SP	Sudeste	Nosso Brincar Faz História! - As histórias que me tornam quem eu sou

Práticas Pedagógicas Executadas	Cláudia Laurido Figueira	PA	Norte	Projeto de pesquisa: A trajetória do movimento quilombola em Tiningú
Práticas Pedagógicas Executadas	Fabiola Cristina Santos Costa	MG	Sudeste	Projeto África: conhecendo a história e a cultura africana
Práticas Pedagógicas Executadas	Lediane Corado dos Santos Costa	DF	Centro-oeste	Projeto de Valorização da Cultura Afro-brasileira e Indígena: "A equidade nas diferenças"
Práticas Pedagógicas Executadas	Lúcia Helena de Souza	SP	Sudeste	Trilha Antirracista
Práticas Pedagógicas Executadas	Maria Gabriela Pires de Souza	RS	Sul	Chama Violeta
Práticas Pedagógicas Executadas	Tiago Ferreira da Silva	ES	Sudeste	Tecendo reflexões na perspectiva étnico-racial na EJA do centro de detenção provisória de são domingos do norte
Práticas Pedagógicas Executadas	Wudson Guilherme de Oliveira	RJ	Sudeste	Os Povos Bantu na Escola Viva: Matutando e Tagarelando possibilidades e conquistas da implementação do Artigo 26-A da LDBEN no chão da escola
Projetos de práticas Pedagógicas de Execução Futura	Carlos Eduardo de Araújo	RN	Nordeste	RN é Terra Indígena
Projetos de práticas Pedagógicas de Execução Futura	Claudia da Silva Antonio Pereira	SP	Sudeste	As histórias dos outros se entrelaçam com as nossa
Projetos de práticas Pedagógicas de Execução Futura	Lais Rodrigues Campos	GO	Centro-oeste	Descortinando uma educação geográfica étnico-racial com crianças do Cerrado brasileiro

Projetos de práticas Pedagógicas de Execução Futura	Moacir Fagundes de Freitas	MG	Sudeste	O Graffiti do Alto colorindo Escola e Bairro: Educandas-Medidores de um Museu a céu aberto
Projetos de práticas Pedagógicas de Execução Futura	Rodrigo rodrigues gomes	BA	Nordeste	Ser quilombola: Identificação de uma comunidade negra
Projetos de práticas Pedagógicas de Execução Futura	Sandra Regina de Lima	RS	Sul	Proкуро-me

Educação das infâncias



Educação das infâncias

Maria das Graças Gonçalves

A Educação Infantil é a primeira modalidade da Educação Básica, conforme estabelecido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB/MEC) nº 9394/1996, que prevê o desenvolvimento integral da criança na faixa etária de 0 a 5 anos.

Em nossas reflexões e práticas educativas, entretanto, percebemos a potencialidade pedagógica de considerar que as crianças incluídas na faixa etária da modalidade oficial seguinte, o Ensino Fundamental I, conhecida como Anos Iniciais, especialmente de 06 a 10 anos, seguem suas infâncias sem rupturas substanciais, nos seus modos de ser e estar no mundo. Continuam com suas necessidades de brincar, imaginar, se expressar, construir sua identidade na história, explorar para conhecer o mundo, atuar criativamente sobre ele.

Essa abordagem origina-se no processo de formação continuada com foco na igualdade racial, voltado para professoras/es e gestoras/es atuantes na educação infantil, desenvolvido pelo CEERT em parceria com Universidades e Secretarias Municipais de Educação, na programação coletiva dessas demandas de formação para construção da equidade racial na escola.

Entendeu-se que, na escola, os e as profissionais que atendem ao período denominado educação infantil, bem como aqueles e aquelas que atuam no primeiro segmento do ensino fundamental, trazem questões muito próximas e complementares para dialogar com as referências da perspectiva de educação antirracista da infância, para além da chamada "primeira infância".

Nossas bases para utilizar a categoria Educação das Infâncias inspiram-se no contexto das mudanças sociais contemporâneas que condicionam a fase infantil da vida, bem como o modo como as crianças em geral, e as crianças negras em especial, recebem e respondem às ações da educação institucional.

Essa concepção de sentido mais amplo, compreendendo um período geracional de dez anos¹, se fortalece com as discussões no âmbito da organização e sistematização da produção do CEERT no

campo da Educação, nos trabalhos da temática equidade racial na educação básica, envolvendo educadoras/es, pesquisadoras/es, gestoras/es e ativistas dos movimentos sociais.

Concepção de infâncias: plural e contínua O campo científico contemporâneo da sociologia da infância concebe as crianças como atores sociais plenos, concretizando um conjunto de constructos teóricos de referência, que se afastam de perspectivas biologicistas reducionistas, que congelam etapas de desenvolvimento que ignoram a construção histórica de suas condições de existência e das representações e imagens construídas sobre e para eles e elas. As crianças, bem como os adolescentes, espelham de maneira nítida e crua, as bases ideológicas constrangedoras, normativas e referenciais, do lugar dos pequenos na estrutura social.

Historicamente construída, a experiência da infância é um processo longo e diversificado, e, como prática social, constantemente revisado e atualizado nas interações sociais. Sendo indivíduos sócio-históricos, incluindo suas especificidades biopsicológicas, as crianças, na sua diversidade, experimentam diferentes modos de expressão, de exercício de autonomia, de práticas culturais e de mutação. Os espaços de pertencimento, como classe social, raça, gênero, etnia, território, e cosmovisões culturais diferenciam profundamente as crianças. Assim percebemos que, como não podemos nos referir à cultura no singular, mas sim às culturas, também não existe uma única infância, mas várias infâncias, ainda que convivendo nos mesmos tempo-espacos culturais.

Para providenciar o desenvolvimento pleno estabelecido no marco legal da infância, a educação com qualidade social precisa investir em processos contínuos, integrados, emancipatórios, e respeitosos à pluralidade da experiência infantil. O fundamento dessa proposta é essa concepção de criança plural, cidadã, que tem história, conhecimentos, direitos, capacidade crítica (na sua condição infantil) sobre o que vivencia, capacidades (pela sua essência infantil) de produzir sentidos, construir sua identidade, e se reinventar continuamente.

As experiências do racismo, sexismo, xenofobia, e outros estigmas, atravessam as experiências de vida das crianças negras, num continuum por anos a fio, desde o primeiro momento em que pisam na escola. Portanto, quando focamos a prática pedagógica antirracista,

como nessa ação do CEERT, o Prêmio Educar para a Equidade Racial e de Gênero na Educação Básica, o trabalho escolar nas etapas iniciais da vida, visualizado num traço mais longo, compreendendo a faixa de zero a dez anos, nos possibilita reflexões profundas sobre práxis pedagógicas incisivas, longevas, que visibilizam e enfrentam as questões, combatem o racismo de modo criativo e persistente, criando possibilidades de novos lugares e olhares sobre si mesmas para as crianças negras no cotidiano institucional de ensino.

Nessa perspectiva plural, as vivências e leituras de mundo coletivas, trazidas ao diálogo escolar, permitem conhecimentos, rupturas, reconhecimentos, reposicionamento de mundo, amplo e diverso, da cultura humana.

PRÁTICAS PREMIADAS

Educação das infâncias

Promoção da Igualdade Racial – **Conceição Aparecida Pinheiro Cardoso**/MG – Categoria Escola

Projeto e Festival da Valorização da Cultura Afro-Brasileira e Indígena: A equidade nas diferenças – **Francineia Alves da Silva**/DF – Categoria Escola

Formação identitária e ancestral positiva – **Juliana Borges**/MG – Categoria Professor

O que há de América em nós? – **Bárbara Carine Soares Pinheiro**/BA – Categoria Escola



Conceição Aparecida
Pinheiro Cardoso

Projeto Promoção da Igualdade Racial

Escola Municipal Anne Frank Belo Horizonte / Minas Gerais
Professora responsável: Conceição Aparecida Pinheiro Cardoso
Categoria escola

Sobre o projeto

O projeto propõe estratégias permanentes, que favorecem o desenvolvimento de competências e habilidades intelectuais, afetivas e emocionais, de modo a contribuir na construção da identidade e do pertencimento de estudantes e professores, bem como nas mudanças curriculares e metodológicas para a concretização da educação integral, antirracista e transformadora.

Objetivo

Tem como objetivo valorizar a diversidade étnica, estimular e fortalecer o autoconhecimento, proporcionando a equidade das relações para uma vivência justa e respeitosa.

Principais atividades

As principais atividades desenvolvidas são: encontro para trabalhar

a autoestima e a valorização da autoimagem (Papo Cabelo); desfile para valorização da diversidade na escola (Anne Frank Fashion Day); escrita terapêutica onde o estudante expressa suas emoções frente à realidade (Diário); compartilhamento de leituras literárias para reflexão de temas étnico-raciais (Ciranda do Livro); estratégia de construção de paz por meio de círculo estruturado para escuta ativa e relações horizontalizadas (Práticas Circulares); incentivo da leitura em família e conscientização sobre temática da cultura afro-indígena (Maleta Viajante); visitas, palestras, instalações e entrevistas com foco nas raízes africanas e indígenas; produção e apreciação de histórias que fazem parte da construção da identidade afro-indígena no Brasil (Teatro/Dramatização); brincadeiras de origem africana e indígena e criação de galeria permanente com acervo que remete à construção da identidade afro-indígena brasileira (Galeria Sankofa).

Metodologia

O projeto visa contribuir para a construção e o fortalecimento da identidade dos atores, por meio de estratégias e ações que permitam as relações horizontalizadas e a escuta ativa, de modo a promover uma reflexão crítica, a consciência da diversidade, a valorização da autoimagem e das representatividades positivas, bem como o desenvolvimento das habilidades socioemocionais, base para a construção de uma cultura de paz, criando espaço para muitas outras aprendizagens com foco na educação integral, antirracista e transformadora.

Resultado

Como resultado de todas essas ações, observa-se a melhoria do clima escolar, da autoconfiança e do engajamento dos atores envolvidos (estudantes, docentes e colaboradores) na elaboração e no desenvolvimento das estratégias propostas.

Professores envolvidos

O projeto é construído por muitas mãos. A gestão escolar articula e propõe fomentos para a concretização e a continuidade do trabalho. A Equipe Gestora é composta por: Conceição Aparecida Pinheiro Cardoso (vice-diretora e proponente), Maria das Graças de Moraes dos Reis (coordenadora geral).



Francineia Alves da Silva

Projeto e Festival da Valorização da Cultura Afro-Brasileira e Indígena: A equidade nas diferenças.

Centro de Educação Infantil 01 | São Sebastião / Distrito Federal
Professora responsável: Francineia Alves da Silva
Categoria Escola

Sobre o projeto

Desde 2013, em acordo com a lei 11.645/08, a escola desenvolve um projeto de educação antirracista voltado à comunidade escolar. As propostas de ações antirracistas perpassam o ano com ênfase maior nos meses de agosto e setembro, quando é realizado o Festival de Cultura Afro-brasileira e Indígena, onde são apresentados os trabalhos individuais e coletivos elaborados com e pelas crianças nas diversas linguagens artísticas.

Objetivo

A iniciativa tem o objetivo de proporcionar condições aos estudantes, professores e demais profissionais de se apropriarem de novos saberes sobre história e cultura afro-brasileira e indígena, gerando possibilidade de reconhecimento e valorização dos estudantes, de suas identidades e histórias, assim como de seus pares.

Principais atividades

A gestão escolar desenvolve diversas ações para promoção da equidade racial, como revisão e debate da bibliografia sobre relações étnico-raciais e educação em grupo de estudos da equipe docente da escola; ações pedagógicas pensadas de forma coletiva: gestão, professores, pesquisadores e comunidade escolar durante todo ano letivo; discussões sistemáticas acerca dos resultados das atividades realizadas a partir de observações individuais da equipe escolar e avaliação dos recursos necessários para a execução do projeto, tanto financeiros e materiais, quanto humanos.

Metodologia

A principal metodologia utilizada é a formação dos professores com o conhecimento de leis, a história da população indígena e afro-brasileira, suas lutas e reconhecimento da herança desses povos e suas culturas na formação do Brasil. Além disso, há o estudo de documentos oficiais direcionados à educação. Com essa bagagem, os professores desenvolvem um planejamento coletivo para trabalhar questões raciais, identidade e temas ligados ao respeito, diversidade, tolerância e história da formação do povo brasileiro, sempre respeitando as características de cada turma e seu tempo de desenvolvimento.

Resultado

Como resultado, a equipe relata notar que o projeto tem ajudado as pessoas da comunidade escolar a terem um olhar atento para as questões afro-brasileiras e indígenas e a adquirirem o entendimento de que os povos africanos e indígenas são parte fundamental na formação do povo brasileiro. Na visão da escola, há uma ampliação de saberes a partir das pesquisas sobre músicas, danças e comidas, em grupos de estudos e encontros formativos. As crianças demonstram maior respeito pelo outro, desenvolvem a autoestima, conhecem suas identidades e são apresentadas às origens da formação do nosso país.

Professoras envolvidas

Cleyde Cunha Sousa (diretora), Tatiane Rodrigues Lima (vice-Diretora), Thaís Helena Longo Ferreira (supervisora pedagógica), Francineia Alves da Silva (coordenadora), Lediane Corado dos Santos Costa (coordenadora), Alcir Esteves Duarte Laranjeiras, Erivande Bezerra do Nascimento, Mariana Marques Morais, Suzane Teixeira de Melo, Daneila Luiza de Almeida, Mariane Alves Mesquita, Renata Clemente Cayres, Lidiane de Fátima da Silva, Kelen Aparecida de Sousa Silva, Andressa Cardoso dos Santos, Bruna Faria Cortez, Márcia Coutinho de Araújo, Raquel Gomes dos Santos, Iolanda do Carmos Gonçalves Maciel, Ana Santos de Jesus, Maria Cristiane de Araújo e Elineti Soares de Souza e demais professores envolvidos.

Entre o chão e o céu da escola

Olhinhos das crianças negras brilhando ao perceberem que elas são bonitas e que a cor da pele e o cabelo crespo ou cacheado são belos, proporcionando uma mudança na autoimagem." Essa é a cena que marcou a escola durante o desenvolvimento do projeto.

A formação de professores, leituras e estudos sobre educação antirracista foram essenciais para o enfrentamento aos desafios do dia a dia da escola, na identificação de situações de racismo. E foi justamente para colocar em prática todos os estudos sobre a implementação das leis 10.639/03 e 11.645/08 que surgiu a iniciativa.



Juliana Moreira Borges

Formação identitária e ancestral positiva

Professora autora do projeto: Juliana Moreira Borges

Escola de atuação: Escola Municipal de Educação infantil Itamarati

Belo Horizonte/MG

Categoria Professor

Sobre o projeto

A educação griô tem como forte característica a intergeracionalidade, que promove o encontro entre diferentes faixas etárias. O presente projeto se propõe a criar uma construção identitária positiva em especial nas crianças negras a partir da prática de contação de histórias com o envolvimento das famílias. Uma forma de ampliar a potência do educar-se nas relações, neste caso usando o afeto como ferramenta.

Objetivo

Fortalecer a construção identitária das crianças a partir da pedagogia Griô com envolvimento das famílias e com base nas suas memórias ancestrais.

Principais atividades

- Cafés da tarde ouvindo histórias ancestrais
- Registros das visitas Griôs
- Trocas de saberes após as visitas
- Atividades de alfabetização e letramento com base nas histórias contadas
- Experiências científicas com base nas histórias
- Artes: Confeção dos tambores
- Tocar tambor cantando a música Griôs.

Metodologia

O projeto pretende-se desenvolver em 5 etapas que serão organizadas da seguinte maneira: Sensibilização do tema, sondagem e organização, prática griô, desdobramentos das práticas griôs e culminância. A prática Griô é a atividade principal e a partir dela pretende-se mostrar a linguagem do afeto na educação.

Resultado

- Compreensão acerca da importância de ouvir os mais velhos
- Ampliação do vocabulário
- Avanço no processo de alfabetização
- Maior sensibilidade para cuidar uns dos outros
- Aumento da Concentração e do interesse por ouvir os demais

Entre o chão e o céu da escola

Ju, o pai da Sara me ensinou que os sonhos não morrem, eu não vou desistir” (Davi, 5 anos enquanto tentava finalizar um jogo). “A memória ancestral é compreendida como potência criativa, travessias, como possibilidades inventivas, percepções outras da vida, do mundo, mais território, territorialidades e menos geografia. A filosofia africana é tecida por cuidado, histórias e memórias ancestrais que também estão no presente, permitindo um futuro! (MACHADO, 2019, p. 227).



Bárbara Carine
Soares Pinheiro

O que há de América em nós

Nome da gestora: Cristiane Oliveira Coelho

Nome da escola: Escola afro-brasileira Maria Felipa

Cidade e Estado: Salvador/Bahia

Categoria escola

Sobre o projeto

É um projeto pensado em perspectiva sankofa pautado em uma terminologia da grande intelectual brasileira, Lélia Gonzalez que reflete as constituições culturais do nosso território continental a partir do encontro dos marcos existenciais africanos e indígenas. Neste projeto estruturamos diversas ações de aprendizagem com letramento racial a partir dos eixos: ancestralidade, identidade e comunidade.

Objetivo

Contribuir na formação humana por meio do complexo social escolar, lutando contra toda forma de colonialidade, de opressão e desvalorização social pautada em premissas discriminatórias de base racial, religiosa, de gênero, sexual, de classe e de capacitismo.

Principais atividades

Afrovivência Pedagógica - com as crianças externas à escola aos finais de semana AfroEducativas - que são cursos de formação de professores e professoras a partir da perspectiva da Educação para as Relações Étnico-Raciais Decolônia de Férias - período recreativo

durante as férias escolares que abrimos a escola para um entretenimento das crianças a partir de uma base lúdica e emancipatória AFROTEC - Feira de Ciência Africana e Afrodiáspórica (exposição de maquetes de tecnologias sociais criadas por inventores negros e negras, tais como: relógio de sol, sandália, escova de dente, arado, papiro, prótese ortopédica, pirâmides, microfone, óculos 3D, etc. Adote um Educande: Programa social de bolsas para crianças negras e indígenas com vulnerabilidade social

Metodologia

Desenvolver práticas pedagógicas de articulação entre projetos transversais de base afrocentrada na escola, tais como: projeto sankofa, Desconstruindo mitos sobre a intelectualidade negra e Afrotech, visando letrar racialmente toda a comunidade escolar desde familiares, crianças, profissionais e pessoas que acompanham o projeto.

Resultado

No ano de 2019, tivemos o nosso primeiro ano letivo, no qual educamos cerca de 38 crianças entre os grupos 2 (Império Inca), 3 (Reino de Daomé), 4 (Império Maia) e 5 (Império Ashanti). Um ano letivo que teve 206 dias divididos em 3 unidades a partir de eixos temáticos. Foram eles: I Unid (Eixo Ancestralidade), II Unid (Eixo Identidade), III Unid (Eixo Comunidade). Contamos com aulas internas e saídas a campo, que foram aulas no parque São Bartolomeu, no Acervo da Laje, no Teatro Gregório de Matos, na sede do grupo de Capoeira Nzinga. De lá para cá foram 300 crianças formadas em afroperspectiva e cerca de 2000 educadores/as formados/as em nossas afroeducativas.

PRÁTICAS FINALISTAS

Educação das infâncias

Nosso Brincar Faz História! – As Histórias que me tornam quem eu sou. - **Andréia dos Santos Barbosa**/SP - Categoria Professor - prática

Educação antirracista: o seu olhar melhora o meu – **Josiane Neves da Silva Sant Anna** (Escola Municipal Monsenhor Sebastião Scarzello)/SC - Categoria Escola - Gestão com Equidade e Antirracista

Descortinando uma educação geográfica étnico-racial com crianças do Cerrado brasileiro – **Laís Rodrigues Campos**/GO - Categoria Professor - Projeto

As histórias dos outros se entrelaçam com as nossa - **Claudia da Silva Antonio Pereira**/SP - Categoria Professor - Projeto

Reconstituir e ressignificar identidades no território educativo da Casa Verde – **Camila Medina Zanão**/SP - Categoria Escola - Gestão com Equidade e Antirracista

Projeto África: conhecendo a história e a cultura africana. – **Fabiola Cristina Santos Costa**/MG - Categoria Professor - Prática

Projeto de Valorização da Cultura Afro-brasileira e Indígena: “ A equidade nas diferenças - **Lediane Corado dos Santos Costa**/DF - Categoria Professor – Projeto



Nosso Brincar Faz História! – As histórias que me tornam quem eu sou.

CEMEI Parque do Carmo

São Paulo / São Paulo

Professora responsável: Andréia dos Santos Barbosa

Categoria Professor | Prática

Projeto

Segundo a escola, ainda há quem pense que o racismo e os preconceitos não permeiam as infâncias ou quem acredite que crianças pequenas não vivenciam a discriminação.

Mas diversas situações ocorridas no cotidiano escolar provaram o contrário: crianças se recusam a dar as mãos para um colega negro ou a brincar com um colega imigrante porque “ele não fala”, meninas se privam de usar o cabelo black power para não ouvirem alguém dizer que elas “vieram com o cabelo bagunçado para a escola”, os autorretratos das crianças são sempre com tom de pele rosada e cabelo liso e ainda se ouve no parque, durante as brincadeiras, frases como “você não consegue, porque você é menina”.

Com isso, o projeto visa promover reflexões sobre o protagonismo negro, indígena, feminino e infantil, em vivências compartilhadas no

cotidiano escolar que possibilitem a desconstrução de preconceitos e estereótipos, por meio de brincadeiras, literatura, música, entre outras ferramentas.

Objetivo

Em 2023, a Lei 10.639/2003 completa 20 anos. Muita luta foi necessária para que as diversidades se integrassem nas discussões das escolas. Entende-se que ainda há muito para resgatar, contextualizar e historicizar, sobretudo no que tange às culturas infantis.

Por isso, as educadoras pretendem evidenciar ações que promovam contribuições dos povos negros, indígenas, mulheres e crianças na sociedade e cultura, permeando as vivências pedagógicas cotidianamente e ensejando reflexões sobre quem somos, de onde falamos e que histórias fazem parte da nossa história.

Principais atividades

A escola atua para que as Leis 10.639/03 e 11.645/08 permeiem o cotidiano escolar e não se reduzam a datas e ações isoladas, fragmentando o trabalho pedagógico. Pautadas em um intenso trabalho de pesquisa e resgate das culturas infantis, as educadoras contam que desenvolvem projetos como Literatura Infantil e Representatividade; Multiculturalismo e Culturas Infantis; Diversidade de Gênero e Protagonismo Feminino; Musicalidade e Corporeidade como Instrumento de Resistência; Identidades e Diversidades: Lápis cor de pele e Meu Cabelo é Minha Coroa!

Com ênfase em brincadeiras cantadas, cirandas, congadas e cacuriás, a escola busca proporcionar a meninos e meninas a sensação de pertencimento, contemplando diversidades africanas e ameríndias que estão presentes nas infinitas culturas das crianças e de suas famílias. Assim, ao som dos tambores tocando nas vozes de meninos e meninas, reverberam histórias e identidades.

Metodologia

A escola de Educação Infantil entende que não pode silenciar. Para se tornar efetivamente um espaço de infâncias plurais, precisa estreitar a distância entre concepções, legislações, documentações e as ações pedagógicas oferecidas cotidianamente para meninos e meninas.

Afinal, a criança não é mera espectadora, mas traz consigo questionamentos, vivências e histórias que vão nortear as propostas pedagógicas, as diversidades e a percepção de si e do outro.

Resultados

Quando a criança se reconhece e reconhece o outro em suas diversidades, o sentimento de pertencimento se reflete em seus desejos, brincadeiras e na forma como interage e se expressa. Muitas vezes as escolhas pedagógicas cotidianas resultam em sutilezas que não são mensuráveis, mas que impactam as histórias de meninos e meninas que passam pela escola.

Professores participantes

Katiana Neres de Urias Cerdan e demais professores envolvidos.

Entre o chão e o céu da escola

Todas as manhãs, uma menina chegava à escola usando touca na cabeça e se recusava a tirá-la por um longo período de tempo. Cedia somente no final do dia, quando sentia muito calor e após a intervenção da professora. Em conversa com a mãe, a escola descobriu que a menina tinha vergonha do cabelo crespo e desenhava a si mesma com o cabelo liso e a pele clara, mesmo tendo acesso a materiais de pintura com diferentes tons de pele.

A partir disso, as educadoras passaram a planejar e oportunizar inúmeras vivências para proporcionar a autoafirmação e a representatividade positiva por meio de imagens, leituras, brinquedos, caixa de Barbies étnicas, rodas de conversa e intervenções com as crianças e também com as famílias em encontros, conversas e reuniões.

Após as diversas ações realizadas, foi possível observar a elevação da autoestima da garotinha. A escola conta que foi maravilhoso ver a estudante balançando os cachos e o black, com felicidade estampada no rosto ao dizer para as colegas quanto seu cabelo é lindo, estimulando outras meninas a fazer o mesmo.

Esse movimento inspirou a escola a desenvolver atividades que evidenciam os cabelos e os penteados afro. As coroas de pequenos reis e rainhas que ensinam a lutar por equidade e respeito às peles pretas, aos cabelos crespos e às muitas identidades e histórias de resistência que as coroas carregam.



Educação antirracista: o seu olhar melhora o meu

Escola Municipal Monsenhor Sebastião Scarzello
Joinville / Santa Catarina

Professora responsável: Josiane Neves da Silva Sant'Anna.

Categoria Escola

Projeto

A partir da prática educativa denominada Vidas Pretas Importam, algumas famílias se posicionaram afirmando que "todas as vidas importam" e que é importante "ensinarmos às crianças que todos são iguais", reforçando o mito da democracia racial. A escola entendeu, portanto, que a comunidade escolar pouco reflete a respeito das relações de opressão sobre as pessoas negras, por não reconhecer o racismo.

Dessa forma, surgiu uma nova pergunta: Crianças, adolescentes e adultos que habitam o território escolar se sentem representados, respeitados e valorizados nos espaços, nas relações, nos discursos, nas práticas educativas e nos materiais disponibilizados no cotidiano escolar? Entendeu-se que era necessária a formação continuada de professores e profissionais da escola, melhorando os olhares, para a efetivação de uma educação antirracista.

Objetivo

Promover uma educação antirracista e emancipatória no território escolar, de modo que todos e todas se sintam representados e valorizados, em suas histórias e culturas, nos diferentes espaços, nas relações, nos discursos e nas práticas educativas reflexivas e significativas, despertando a consciência crítica, social e racial.

Principais atividades

Entre as principais atividades, ocorreu a formação continuada para professores (as); apresentação da legislação (Leis 10.639/2003 e 11.645/2008) aos profissionais da escola, assim como materiais de apoio pedagógico; organização de acervo de músicas, histórias e brincadeiras africanas; participação da equipe docente no Seminário Municipal de Educação para Promoção da Igualdade Racial; pesquisas com todas as turmas (docentes e discentes) sobre personalidades brasileiras pretas; aquisição de livros com as temáticas afro e indígena; elaboração de vídeo sobre os cabelos crespos; organização do painel Zumbi: qual o seu superpoder; oficina de trancistas; oficina de samba; elaboração de um acervo textual e visual: a fala das professoras; galeria com as fotos das personalidades pretas pesquisadas; Mostra Pedagógica e Cultural e apresentação do projeto no V Congresso de Pesquisadores Negros – Sul.

Metodologia

A escola percebeu que não poderia falar de currículo e práticas educativas antirracistas sem a formação de professores(as) e sem a discussão e a reflexão sobre representatividade, identidades e relações. Convidou os profissionais que produziram e produzem cultura e conhecimentos nas áreas de Ciências, Medicina, Educação, Esporte, Artes e Política. A partir disso, a escola desenvolveu pesquisas, xirês (rodas de conversa), oficinas, cafês, lives e mostra pedagógica.

Resultados

O projeto envolveu 704 crianças e famílias em 2020; 645 crianças e famílias em 2021; e 794 crianças e famílias em 2022. Meninas e meninos se empoderaram em um espaço de acolhimento, escuta e valorização humana. Crianças negras encontraram representatividade em príncipes e princesas negras, nas literaturas infantis. Professoras

negras foram acolhidas, não demonstrando mais receio em falar sobre questões de desigualdades raciais. A escola relata perceber a dimensão do projeto ao observar cada criança negra que encontra representatividade e referências de sucesso, podendo esperar dias melhores, e a cada criança branca que pode refletir sobre o seu papel em uma sociedade antirracista.

Professores envolvidos

Ana Claudia Zeszotko e Maria Fabiane Souza Israel (supervisoras); Josiane Neves da Silva Sant'Anna (professora de apoio pedagógico) e 45 integrantes da equipe docente, 12 auxiliares de professores e 24 funcionários e demais professores envolvidos.

Professora participante

Maria Fabiane Souza Israel.

Entre o chão e o céu da escola

Em uma reportagem gravada por uma emissora de televisão local sobre consciência negra, uma estudante de 10 anos, que antes pouco se posicionava, fez um depoimento potente sobre consciência racial e racismo:

“... o mês da consciência negra é muito importante, porque ensinamos as crianças a não realizarem o racismo, porque ainda tem racismo que machuca muita gente que sofre de racismo no dia a dia. Quase ninguém percebe que o racismo ainda está no dia a dia, porque virou comum. Eles nem percebem quando isso acontece”, disse a menina.

A entrevista concedida pela estudante é apenas um depoimento entre tantos outros compartilhados pelas crianças, que tiveram melhoras até mesmo no rendimento escolar, brincando, aprendendo e relacionando-se com empoderamento; falando e refletindo sobre racismo com a certeza de que serão ouvidas.

A escola também destaca as práticas educativas desenvolvidas com as meninas e funcionárias negras e as suas relações com seus cabelos, com relatos emocionados e fortalecimento do coletivo. O grupo participou de um vídeo a partir da narrativa da história Meu crespô é de rainha, de bell Hooks.

Uma especialista em cabelos afro também foi convidada para um xirê (roda de conversa), desconstruindo pensamentos, mitos e falas que meninas e mulheres tinham sobre seus cabelos.



“Descortinando uma educação geográfica étnico-racial com crianças do Cerrado brasileiro”

Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação
Goiânia / Goiás
Professora responsável: Laís Rodrigues Campos
Categoria Professor | Prática

Projeto

O projeto constitui-se em práticas pedagógicas de educação geográfica antirracista no espaço escolar e fora dele com crianças dos Anos Iniciais, com envolvimento de professores, gestão, corpo técnico, coordenação pedagógica e comunidade local. São desenvolvidas rodas de conversa, saraus de literatura infantil, contação de histórias, cineclube, exposição artística, oficinas de cultura local e aulas expositivas.

A escola, no Projeto Político-Pedagógico (PPP) e suas práticas em diferentes áreas do conhecimento, vem buscando fortalecer a valorização da diversidade e de uma educação inclusiva. Desenvolve um trabalho pedagógico muito importante no âmbito da educação

especial com estudantes com necessidades específicas com uma equipe escolar que realiza um trabalho muito significativo nesse contexto em particular. Entende, porém, que é preciso trabalhar de maneira mais efetiva o que está expresso nas Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 para promoção da equidade racial, no sentido de implementar na prática pedagógica uma educação para e nas relações étnico-raciais e de gênero no espaço escolar.

Objetivo

A ideia central é desenvolver ações pedagógicas e geográficas, em diferentes locais da cidade – parques ambientais, museus, bibliotecas, escolas, praças, dentre outros –, com crianças a partir de uma proposta curricular interdisciplinar que aborda a História e a Culturas Afro-Brasileira e Africana e os povos tradicionais do Cerrado na Educação Básica. Um dos principais aspectos a serem contemplados será a execução de Educação para as Relações Étnico-Raciais.

O projeto pretende realizar um estudo dos documentos curriculares sobre a questão étnico-racial na Educação Básica; estruturar uma proposta curricular interdisciplinar que aborde a História e a Cultura Afro-Brasileira e Africana e os povos tradicionais do Cerrado para a prática docente com os Anos Iniciais e articular junto à Secretaria Municipal de Educação um mapeamento de práticas pedagógicas que são desenvolvidas em outras escolas do município sobre esse tema abordado para a realização de troca de saberes.

Principais atividades

Os primeiros passos foram um levantamento de dados na escola, no município e no estado. O método adotado foi a análise documental e de dados estatísticos na base do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Depois disso foram organizadas rodas de conversa sobre a temática; realizada uma mostra de curtas e filmes sobre a temática; visitas e aulas em museus; e construção de exposição artística. Foram também desenvolvidas aulas expositivas dialogadas sobre a temática étnico-racial pelos conteúdos de Geografia.

Metodologia

As ações educativas são ancoradas na legislação educacional brasileira conquistada desde a Constituição de 1988, como as Leis 10.639/2003

e 11.645/2008, assim como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, documento que norteia a proposta curricular voltada para a equidade racial na educação.

O projeto é desenvolvido no sentido de enfatizar, a partir de uma perspectiva afrocentrada positivada, a valorização das construções e trajetórias socioespaciais negras em todas as áreas do conhecimento, considerando sua importância para o desenvolvimento da sociedade brasileira. Acredita-se que essa educação geográfica étnico-racial nas escolas e nos currículos possa fortalecer e educar o respeito às diferenças, a promoção dos direitos humanos, o ensino da História da África, da história e cultura afro-brasileira – uma educação da cidadania, das espacialidades, dos saberes, das culturas, das resistências, das identidades e das práticas coletivas.

São realizadas a organização de rodas de conversa sobre a temática; planejamento e organização de momentos de contação de histórias infantis sobre a temática; elaboração de releituras de apresentações musicais; realização de mostra de curtas e filmes sobre a temática; visita e aula de campo em museus; e construção de exposição artística.

Resultados

Com projeto ainda em fase inicial, a escola tem como objetivo conseguir realizar uma educação geográfica antirracista na escola que traga ótimos resultados à formação cidadã dos estudantes.

Entre o chão e o céu da escola

Foi marcante a conversa com o pai negro de uma estudante sobre um caso de racismo sofrido pela garota, trazendo a certeza da importância do trabalho na escola. A situação impactou também a professora responsável pela escuta – uma mulher negra que se lembrou de suas próprias experiências.

Na experiência do projeto, a escola destaca também a alegria das crianças com as atividades que contemplam um tema tão necessário na sociedade, a partir do conhecimento geográfico e histórico.

A temática em questão está relacionada ao próprio cenário social goiano e brasileiro. Segundo dados do IBGE (2019), nos últimos anos o quantitativo de brasileiros declarados pretos e pardos cresceu em todas as regiões brasileiras, com maior crescimento na região Centro-Oeste, onde está localizada a escola.



As histórias dos outros se entrelaçam com a nossa

EMEI Porto Nacional

São Paulo- SP

Professora responsável: Claudia da Silva Antonio Pereira

Categoria Professor | Projeto

Projeto

O projeto visa valorizar e exaltar a cultura negra na Educação Infantil no ambiente escolar. Acolhe, eleva a autoestima e entra em contato com a história das crianças que muitas vezes são esquecidas e julgadas pelo seu tom de pele. A necessidade surge a partir do momento em que a relação étnico-racial é contemplada no Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola, mas não acontecia no dia a dia.

Objetivo

Trabalhar a educação antirracista, para que as crianças se sintam acolhidas, valorizadas e respeitadas, além de conhecerem suas próprias histórias.

Principais atividades

Entre as atividades realizadas estão: roda de conversa, leitura de livros, autorretrato, montagem do mural da família, apreciação e

conversa sobre os murais de fotos, personalidade da semana, brincadeiras e atividades com músicas africanas, dança e confecção de máscaras africanas.

Metodologia

A metodologia foi baseada principalmente na escuta das crianças após a realização das atividades propostas, replanejamento das mesmas caso fosse necessário e leitura de texto e pesquisas para aprofundamento dos professores envolvidos no projeto.

Resultados

A escola observou uma mudança de olhar. Pessoas da comunidade escolar agradeceram pela importância dos cartazes espalhados pela escola, e as professoras estão realizando atividades com as turmas, por meio dos mesmos cartazes. Destacam-se também a leitura dos livros e as brincadeiras. Foi notada a melhora da autoestima das crianças negras, que estão conseguindo se colocar e se comunicar melhor.

Entre o chão e o céu da escola

Por que os negros viraram escravos e os brancos não? Prô, você foi escravizada? Por que as pessoas brancas capturavam as pessoas negras? Por que colocavam correntes? Onde minha mãe trabalha todo mundo acha que o cabelo dela é lindo. Jesus existia quando tinha escravos? Essas são algumas das perguntas realizadas pelos estudantes durante o projeto.

Na visão da escola, as conversas e os questionamentos da turma foram justamente o ponto alto das atividades, pois as crianças mudaram de postura e passaram a ser mais respeitadas umas com as outras.

Outro momento marcante para a escola foi a mensagem enviada por uma mãe, contando sobre o início de uma mudança de visão da filha em relação ao cabelo, após a atividade de leitura do livro *O cabelo de Lelê*, de Valéria Belém.



Reconstituir e ressignificar identidades no território educativo da Casa Verde

Emef Dona Angelina Maffei Vita

São Paulo / São Paulo

Professora responsável: Camila Medina Zanão

Categoria Escola

Projeto

O projeto visa contribuir para a reconstrução da identidade da unidade escolar, por meio da aproximação do Projeto Político-Pedagógico (PPP) com os saberes e as práticas culturais do território da Casa Verde, bairro localizado na zona norte de São Paulo. A Casa Verde tem relação histórica com o Carnaval e com o samba. Muitos estudantes fazem parte das escolas de samba do território, assim como os familiares. O distanciamento das famílias motivou a criação de um projeto de aproximação, por meio da valorização de seus saberes na proposta pedagógica da unidade escolar. Esses saberes já eram vistos como parte intrínseca do currículo, mas faltavam ações de valorização das práticas. Por isso, foi pensado um projeto com os blocos carnavalescos, concretizando a aproximação entre currículo e prática.

Objetivo

Valorizar os saberes locais e os lugares de memória do território da Casa Verde no currículo escolar; aproximar estudantes e familiares da unidade e tornar a aprendizagem significativa a partir da construção de um currículo com o qual a comunidade escolar se identifique.

Principais atividades

O projeto envolveu inúmeras ações, como a escuta da equipe docente e discente para concepção do projeto e organização das etapas; eleição do nome e tema do bloquinho; confecção de estandartes temáticos na disciplina de artes; criação de letra de marcha carnavalesca nas aulas de Língua Portuguesa e Sala de Leitura; musicalização das letras com estudantes da Bateria do Maffei e professores de Geografia, Língua Portuguesa e Leitura; ensaios do desfile com todos os docentes e concurso e desfile de bloquinhos.

Metodologia

O primeiro passo para a execução do projeto foi a escuta de estudantes e professores. A partir da discussão coletiva da proposta, foi realizada uma organização por etapas de execução e divisão de tarefas. Por se tratar de um trabalho interdisciplinar, toda a equipe docente se envolveu.

Outro aspecto importante foi a parceria estabelecida com a comunidade do entorno, em especial com a escola de samba Unidos do Peruche, com a qual foram articuladas algumas ações, assim como o ex-aluno Tadeu Kaçula, hoje sociólogo e doutorando na Universidade de São Paulo (USP). Tadeu é estudioso da história do território e assessorou a escola em relação à formação de professores sobre a história da Casa Verde.

Resultados

A escola considera que houve um ganho gigantesco nas relações, a partir do trabalho coletivo, realizado com escuta e colaboração entre todos os membros da comunidade escolar. Houve melhora significativa nas relações entre todos. Para além disso, foi promovido o respeito ao território e a seus saberes, despertando um sentimento de pertencimento nos estudantes da unidade que passaram a demonstrar maior interesse nas atividades ofertadas pelos professores e professoras. Houve também um aumento significativo na participação das famílias nas atividades escolares.

Professores envolvidos

Jose Roberto Lara, Aparecida Silmara Oliveira, Bruno Bueno e demais professores envolvidos.

Entre o chão e o céu da escola

Um abraço, um elogio, um olhar acolhedor e carinhoso... Esses são alguns sinais identificados pela escola como resultado do estreitamento dos laços entre estudantes, famílias e comunidade, resultado de um trabalho que olha e respeita os saberes daqueles que habitam o território da unidade escolar.

Foi prazeroso vislumbrar os resultados imediatos e perceber que os estudantes se sentiram representados ao verem os saberes do território onde habitam sendo valorizados pela escola, representados no Projeto Político-Pedagógico e tendo a educação antirracista como principal mote.



Projeto África: conhecendo a história e a cultura africanas

Escola Municipal Jardim Leblon

Belo Horizonte, MG

Professora responsável: Fabíola Cristina Santos Costa

Categoria Professor | Prática

Projeto

O projeto é uma proposta pedagógica de conhecimento e valorização da história e da cultura africanas. O trabalho foi importante por mostrar às crianças que elas não são descendentes de povos escravizados, mas de reis e rainhas, de um lugar com história e cultura: África. E isso influenciou na construção de uma identidade positiva das crianças, refletindo em boa participação em sala de aula e muitas aprendizagens.

Teve como motivação o interesse das professoras em realizar um trabalho curricular, de caráter anual, que abarcasse ao mesmo tempo a Lei 10.639/03 e as demais disciplinas do currículo escolar. Com o projeto, a comunidade escolar pôde conhecer um pouco sobre o continente africano, por meio da história e da cultura de alguns países trabalhados.

Objetivo

O objetivo principal é construir conhecimentos significativos sobre o continente africano com base no estudo de alguns países que o compõem. A escola tinha como foco conhecer um pouco da história e da cultura de Egito, Angola, África do Sul, Quênia, Moçambique, Madagascar e Nigéria, por seus heróis, modos de vida e outras características de cada lugar.

Principais atividades

Foi realizado um levantamento dos conhecimentos prévios das crianças sobre o continente. Observaram-se muitas falas sobre animais e aspectos culturais, como danças e roupas coloridas. Os estudantes e os educadores assistiram ao filme Pantera Negra e começaram a estudar Egito, Angola, África do Sul, Quênia, Nigéria e Madagascar.

Ao longo do projeto, foram desenvolvidas atividades, como o autorretrato; jogo de tabuleiro Shisima; oficina de capoeira; momentos com músicas, filmes, contação de histórias; confecção de casas Ndebeles; estudo das biografias de personalidades como a rainha Njinga A Mbande, Nelson Mandela e Wangari Maathai, entre outras. Para finalizar, a escola realizou uma Mostra Cultural para apresentação dos trabalhos desenvolvidos a toda a comunidade escolar.

Metodologia

O Projeto África foi desenvolvido no ano de 2019, em quatro turmas do 1º ano, do 1º Ensino Fundamental I, que atende crianças de 6 anos de idade. Foi eleito um país por mês para ser estudado. Foram utilizados livros de literatura, filmes, vídeos, jogos de tabuleiro, brincadeiras, pinturas, biografias, músicas, bandeiras, fotos, personalidades, confecção de colares, casas, oficinas de capoeira, entre outros. Cada criança possuía um caderno do projeto, onde era registrado um pouco do que aprendia.

Resultados

Foram alcançados diversos resultados, como a desconstrução de estereótipos sobre o continente; a possibilidade de realização de um

trabalho anual e interdisciplinar de implementação da Lei 10.639/03; a produção coletiva de uma apostila com textos e atividades sobre África e a participação ativa das crianças.

Nessa perspectiva, a escola observou que as crianças construíram uma visão de África como bela, interessante e também urbana, com história e cultura.

O projeto também foi inovador e desafiador para as professoras. A cada país, muitas surpresas e achados. A escola relata que conhecer África foi muito prazeroso! O Projeto África foi um momento de descoberta e aprendizagem desse continente como um lugar de histórias, culturas, conhecimentos e saberes.

Professores envolvidos

Fabiola Cristina Santos Costa, Nelayne Leticia Matias Pinto, Alalízia Meira Bustamante e demais professores envolvidos.

Entre o chão e o céu da escola

Ao longo do ano, durante todo o Projeto África, estudantes registraram as atividades realizadas em um caderno individual, que a maioria chamava de Caderno da África. Neste caderno, foram colocados textos, atividades, pinturas e desenhos que cada criança fez durante o projeto, que ocorria às sextas-feiras.

Por isso, no final da semana as crianças já sabiam que era dia de estudar sobre a África. Certa vez uma estudante disse, orgulhosa: "Sexta é o melhor dia por causa do Caderno da África. A gente pinta e colore. O caderno é lindo!".

Esse foi um dos momentos marcantes para a escola, que, além de compartilhar a prática com a comunidade escolas na Mostra Cultural, também levou a experiência a outros professores da cidade no Congresso de Boas Práticas e Núcleo de Estudos das Relações Étnico-Raciais.



Projeto de Valorização da Cultura Afro-Brasileira e Indígena: “A equidade nas diferenças”

Centro de Educação Infantil 01 de São Sebastião
São Sebastião / DF

Professora responsável: Lediane Corado dos Santos Costa
Categoria Professor | Projeto

Projeto

O projeto visa promover a valorização da cultura afro-brasileira e indígena para as crianças da Educação Infantil. Quebrar ideias preconceituosas dentro do ambiente escolar, alcançando também as famílias. Fazer com que as crianças aprendam a respeitar a diversidade das culturas e se sintam representadas na rotina da sala, nas histórias, nas músicas e nas brincadeiras desenvolvidas. A motivação aos educadores vem da formação e do envolvimento da comunidade escolar.

Objetivo

Colocar as crianças em contato com elementos, conceitos e imagens que representem a diversidade e a riqueza cultural dos diferentes povos de matriz africana, afro-brasileira e indígena, reforçando ima-

gens positivas que favorecem o sentimento de orgulho sobre si e sobre o outro em relação às diferenças e às diversidades étnico-raciais do Brasil.

Principais atividades

Em sala, as crianças iniciam as produções artísticas, com tintas, tecidos e giz de cera em vários tons de cor de pele, sempre com base na leitura de uma história que faça referência à temática antirracista. São desenvolvidas atividades que despertem reflexões sobre “quem eu sou?”, “como eu sou?”, “qual é a minha história?”, “quais são as minhas raízes?” e “qual é a minha ancestralidade?”. A partir do reconto de João e Maria, a escola utiliza bonecos construídos durante o projeto, enviados para as casas das crianças, juntamente com um livro, para realizarem a leitura em família. Além disso, as crianças conhecem a dança capoeira, com o grupo Aruê, e participam de atividades envolvendo a valorização dos alimentos que representam as culturas afro-brasileira e indígena. É realizado o Festival da Cultura Afro-Brasileira e Indígena, envolvendo a exposição dos registros e trabalhos artísticos produzidos. A comunidade local e demais representantes são convidados a participar de forma interativa e ativa do festival.

Metodologia

No decorrer das coordenações pedagógicas são realizados estudos e pesquisas. É definido o cronograma das ações realizadas com as crianças. Para as atividades desenvolvidas em sala, solicitam-se materiais para a equipe pedagógica e se busca valorizar o registro da criança, por meio da escuta, de desenhos e pinturas. Tem-se acesso aos livros disponíveis na escola para trabalhar a temática. São disponibilizados os materiais do acervo da escola, como bonecos de pano, telas, instrumentos, tecidos e produções dos anos anteriores. confecção de colares, casas, oficinas de capoeira, entre outros. Cada criança possuía um caderno do projeto, onde era registrado um pouco do que aprendia.

Resultados

Foi conquistado um espaço de referência para trabalhar questões antirracistas, tanto no ambiente escolar como também na comunidade escolar. Há um acervo literário disponível a professores e crianças,

cada vez mais rico em diversidade étnico-racial. As boas práticas também favoreceram a desconstrução do racismo, bem como a recuperação dos valores, saberes e práticas dos povos africanos e dos povos indígenas.

Professores envolvidos

Cleyde Cunha Sousa (vice-diretora); Tatiane Rodrigues Lima (supervisora pedagógica); Francineia Alves da Silva (coordenadora); Lediane Corado dos Santos Costa; Thaís Helena Longo Ferreira; Alcir Esteves Duarte Laranjeiras; Daneila Luiza de Almeida; Mariane Alves Mesquita; Renata Clemente Cayres; Lidiane de Fátima da Silva; Kelen Aparecida de Sousa Silva; Andressa Cardoso dos Santos; Bruna Faria Cortez; Márcia Coutinho de Araújo; Iolanda do Carmos Gonçalves Maciel e Ana Santos de Jesus e demais professores envolvidos.

Entre o chão e o céu da escola

Com o projeto, o clima da escola fica diferente. É possível sentir a felicidade das crianças, animadas e interessadas em produzir as atividades. A preparação para o festival também é algo marcante, com o envolvimento de todos, para que represente o trabalho desenvolvido durante o ano.

Para a escola, o dia do penteado afro-brasileiro foi sem dúvida um dia especial. Todas as crianças se envolveram na proposta. Elas faziam questão de se olhar no espelho, apreciar as tranças e as fitas nos cabelos umas das outras. Os meninos, com pinturas corporais afro-brasileiras, também se sentiam bonitos e poderosos. A partir desse dia foi possível perceber que as crianças passaram a valorizar cabelos, penteados e tranças.

Marcou o envolvimento e o reconhecimento das crianças e das famílias. Boas práticas de valorização da cultura afro-brasileira e indígena fazem a diferença na vida da comunidade escolar.

Adolescências e Juventudes



Adolescências e Juventudes

Maria das Graças Gonçalves

Pré-adolescência, adolescência ou juventude são termos amplamente utilizados para situar o distanciamento da fase infantil, com base em processos de crescimento bio-socio-psicológicos. Nessa franja de tempo, mais longa ou mais curta, a sociedade preconiza(va) uma existência transicional, preenchida por rituais e vivências preparatórias ao futuro adulto. Nesse sentido, a escola toma as crianças e jovens por objeto do projeto formativo social, instituindo neles esse conceito esvaziado de “vir a ser”.

No processo de sistematização de resultados das pesquisas e práticas pedagógicas do CEERT, refletimos sobre a complexidade de categorizar presenças e processos adolescentes/juvenis em nosso momento histórico. Da mesma forma que problematizamos a construção da categoria “infâncias” como processos continuados, aqui também percebemos diferenças, porém, agrupar propostas direcionadas às crianças mais velhas (a partir de 11 anos) e sujeitos jovens, nos parece potencializar o campo semântico da educação antirracista aos próprios processos e vivências continuadas desses grupos na escola.

Para muito além de “momentos de transição” ou de “rituais exóticos”, entendemos que adolescentes e jovens vivenciam intensamente o presente, como sujeitos ativos e plenos, enquanto se constroem, num processo que é diversificado e plural, por sua condição histórica e cultural, em suas variações de condição social, sexual, de gênero, de raça, de etnia, de valores culturais, de territorialidade, entre outros.

Com essa perspectiva, o diálogo entre os profissionais de educação com as vivências e leituras transversais de adolescentes e jovens, torna-se mais fecundo, e fortalece novos significados e sentidos da luta pela equidade racial no cotidiano escolar.

Adolescência e juventude negra

Os corpos negros de crianças, adolescentes ou jovens, inegavelmente confrontam os estigmas racistas e sexistas, num processo denso, complexo e tenso, enquanto forjam suas identidades. Esse

enorme contingente populacional negro vive, em sua maioria, em comunidades miseráveis e bairros pobres periféricos, onde espaços de lazer e cultura são inexistentes. As relações de sociabilidade se dão na luta pela sobrevivência, nas ruas e outros espaços públicos, constituindo redes socioculturais profundamente enraizadas no espaço territorial em que vivem, redes simbólicas que agregam e conflituam suas experiências cotidianas. Na concretude do presente, negros e negras, elaboram estas relações entre se reconhecer e se afirmar como diferentes e/ou indesejáveis, em movimentos tensionados pelas definições os outros lhe dão.

Essas crianças e jovens vivem sua negritude no aqui e agora, não em uma condição de vir-a-ser. Sofrem enormes disparidades e violências que atravessam seus ciclos de crescimento, ultrapassam o tempo da juventude, são onipresentes ao longo de toda a vida negra. Essa vivência está, geralmente, muito colada ao desemprego ou à procura do primeiro emprego, e à sentença de morte que a vulnerabilidade social impõe às vidas negras, características que constituem a expressão mais grave do racismo estrutural de nossa sociedade.

Porém, ainda que sejam alvo da pobreza e do extermínio genocida, ser jovem, negro ou negra, na atualidade, vem também trazendo o objetivo de construir a arte de viver, de se rebelar, e de elaborar sentidos para existir. E por isso, a juventude negra protagoniza processos de rupturas e transformação. Eles e elas se expressam, gritam sua realidade, ameaçada e dura, através das artes, dos corpos e dos movimentos. Convocam a sociedade a estagnar a morte e ressignificar, proteger e viabilizar a existência digna, coletiva e diversa.

PRÁTICAS PREMIADAS

Adolescências e Juventudes

Núcleo de Empoderamento Linguagem e Tecnologia - NELT – **Ilca Guimarães da Silva**/BA – Categoria Escola

Caminhos afirmativos para uma educação antirracista na educação de jovens e adultos – **Lorena Barbosa Santos Costa**/BA – Categoria Escola

Agenda Antirracista – **Janaina Silva Mendes**/SP – Categoria Escola

Resgatando Identidades: o Dia da Consciência Negra e o papel do negro na construção do Brasil – **Adriana de Paula**/SP – Categoria Escola

Malizeck da diversidade – **Aline de Alcantara Valentini e Larissa Milanezi Fabríz Caprara**/ES – Categoria Professor

Intercâmbio raízes: Angola e Brasil - **Aline Neves Rodrigues Alves**/MG – Categoria Professor



Ilca Guimarães

NELT: Núcleo de empoderamento, linguagem e tecnologia

Colégio Estadual General Dionísio Cerqueira
Salvador/Bahia

Professora responsável: Ilca Guimarães da Silva
Categoria Escola

Projeto

O Núcleo de Empoderamento, Linguagem e Tecnologia (NELT) é um clube de ciência que nasce com o propósito de aliar letramento racial e tecnologia, desenvolvendo diversas oficinas, sendo elas: Letramento em Português e Matemática; Saúde Mental; Capoeira e Robô Aspirador; Preto/a não é preguiçoso/a, é o pai e a mãe da ciência. Promove reflexão, discussão e iniciação científica em uma escola pública.

Objetivo

O projeto tem como objetivos adotar estratégias de conhecimento e formação, visando ao enfrentamento ao racismo; difundir a ciência na educação básica; estimular e desenvolver aptidões físicas por meio da capoeira; refletir sobre questões de saúde mental; desenvolver

conhecimentos em robótica e resgatar conhecimentos não adquiridos nas disciplinas de Português e Matemática.

O NELT visa agregar áreas do conhecimento diversas por meio de oficinas afrocentradas que aliem discussão sobre questões raciais, linguagem e tecnologia, promovendo o desenvolvimento de saberes e reflexões entre os estudantes.

Principais atividades

São desenvolvidas oficinas de robótica, capoeira e letramento de Português e Matemática, sempre acompanhadas por uma psicóloga, refletindo e desenvolvendo ações sobre saúde mental e os impactos do racismo. Além disso, há rodas de conversa com personalidades negras.

Metodologia

Nas oficinas de Português e Matemática, são realizadas aulas expositivas, participativas e resolução de atividades. Nas aulas de capoeira, são ensinados os golpes, a música e o toque dos instrumentos. O projeto de saúde mental é conduzido por uma psicóloga, e os estudantes discutem sobre racismo nas relações infantis, com apoio de debates, filmes, entre outros recursos. Por fim, a oficina robótica prioriza estudos e discussões acerca da descolonização do fazer científico e tecnológico, com ênfase nas produções em África intercaladas com aulas para construção do robô aspirador.

Resultado

A escola espera que os estudantes resgatem os conhecimentos não aprendidos em Português e Matemática; que as discussões tecidas possam contribuir para a maneira como os estudantes pensam sobre o assunto e sobre como as relações raciais revelam a eles algo sobre si e sobre seus colegas no cotidiano. Além disso, o projeto fomenta a iniciação científica no colégio por meio das aulas de robótica.

Professores envolvidos

Ilca Guimarães da Silva, Cleber César da Silva Barbosa, Diane da Conceição Silva, Luciana Almeida de Jesus, Valdson Lima Pires e Valéria Pires de Santana e demais professores envolvidos.

Entre o chão e o céu da escola

Após a implementação do NELT: Núcleo de Empoderamento, Linguagem e Tecnologia, no Colégio Estadual General Dionísio Cerqueira, em Salvador (BA), estudantes foram convidadas para participar da Feira de Ciências, Empreendedorismo e Inovação da Bahia (Feciba), em uma mesa sobre a experiência de meninas na ciência. Voltaram para a escola entusiasmadas, com a autoestima valorizada e se percebendo capazes de fazer algo inovador.

As garotas compartilharam como o projeto foi significativo e desafiador no sentido de despertar o interesse para outras áreas antes não vistas por elas. Com isso, a escola celebra a união entre ciências, tecnologia e demais discussões ainda na Educação Básica em uma escola de periferia.



Lorena Bárbara

Caminhos Afirmativos para uma Educação Antirracista na Educação de Jovens e Adultos

Escola Municipal Jacira Fernandes Mendes

Lauro de Freitas/Bahia

Professora responsável: Lorena Barbara Santos Costa

Categoria Escola

Projeto

Por reconhecer a educação para as relações étnico-raciais como algo de suma importância para a construção de uma sociedade emancipatória e democrática, a escola fomenta um trabalho pedagógico que tem como referencial as Leis 10.639/03 e 11.645/08. Visando respeitar a identidade dos estudantes e suas histórias de vida, a escola desenvolve práticas pedagógicas que contemplem a diversidade étnica e cultural dos estudantes e contribuam para a erradicação do racismo na sociedade.

Objetivo

O objetivo é promover a produção de conhecimentos, bem como de atitudes, posturas e valores que eduquem os estudantes da EJA (Educação de Jovens e Adultos) quanto à pluralidade étnico-racial,

tornando-os capazes de interagir e de negociar objetivos comuns que garantam a todos os direitos legais e a valorização de identidades.

Principais atividades

Entre as ações desenvolvidas estão o trabalho pedagógico com as temáticas sobre o genocídio da juventude negra, a saúde mental da população negra, mercado de trabalho e educação para a população negra brasileira, a cultura africana e indígena, a corporeidade e a estética negra, o racismo estrutural e a questão de gênero.

Metodologia

O trabalho foi estruturado com realizações de seminários, entrevistas, oficinas, debates, mostra pedagógica, apresentação de peças teatrais, dinâmicas de grupo e construção de atividades interdisciplinares com toda a equipe, comunidade escolar e convidados locais. Também durante a pandemia foi realizado um seminário virtual para discutir a Lei 10.639/03 com professores do Brasil inteiro.

Resultado

A partir do trabalho realizado, a escola reduziu a evasão escolar, os estudantes passaram a se reconhecer como pessoas negras, os professores de todas as disciplinas começaram a planejar suas aulas dialogando com as questões étnico-raciais e o currículo escolar foi repensado para atender às Leis 10.639/03 e 11.645/08.

Professores envolvidos

Lorena Bárbara, Sílvia Fernandes e demais professores envolvidos.

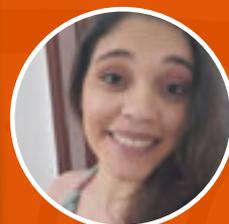
Entre o chão e o céu da escola

Momento marcante e difícil do projeto foi quando a escola propôs uma conversa sobre o genocídio da população negra. Estudantes e educadores falaram sobre suas dores, compreendendo que o racismo é legitimado pelo Estado brasileiro e que a ausência de políticas públicas que amparem e reparem a população negra é um projeto político.

Para a escola, foi gratificante acompanhar os estudantes da EJA (Educação de Jovens e Adultos) se posicionando com opiniões críticas e refletindo sobre estratégias para galgar seus sonhos.

Ainda segundo a instituição, pensar em uma proposta antirracista para a Educação de Jovens e Adultos significa propor uma educação transformadora e emancipatória que se preocupa com a história de vida dos sujeitos possuidores de direitos, uma vez que os estudantes da EJA muitas vezes são pessoas que ao longo da sua trajetória de vida foram excluídas da vida social, tiveram seus direitos negados e foram exploradas pelo sistema capitalista opressor.

Destacaram-se também os momentos formativos com a equipe pedagógica, como uma forma de aquilombamento, onde há a oportunidade de discutir o currículo da escola e pensar nas ações e nas atividades pedagógicas em cada área e ensino.



Janaina Silva

Agenda Antirracista

Escola Estadual Professora Yolanda Conte
São Vicente / São Paulo

Professora responsável: Janaina Silva Mendes
Categoria Escola

Projeto

As ações da Agenda Antirracista envolvem as relações étnico-raciais com vistas a uma educação antirracista. A equipe gestora e os professores construíram o projeto para ser desenvolvido ao longo do ano com os estudantes, seguindo um cronograma que envolve toda a escola por meio de atividades pedagógicas e lúdicas.

Objetivo

As atividades, pensadas em todos os componentes curriculares, têm como objetivos trabalhar por meio de projetos interdisciplinares as questões étnicas e ampliar as discussões sobre racismo, identidade, representatividade e educação antirracista.

Principais atividades

Entre as atividades desenvolvidas estão uma apresentação teatral baseada no livro *Você é livre*, de Dominique Torres, e uma roda de capoeira com a parceria do projeto social Garagem Ubuntu.

É promovido o debate sobre racismo durante as aulas de Sociologia, História e Projeto de Vida, além de uma oficina de dança africana.

Ocorre também o Bate-Papo Diáspora Negras Brasileiras: legitimidade, racismo e igualdade, com o professor Gerson Cordeiro. A atividade Estudos sobre Machado de Assis tem o intuito de conhecer o autor, promover o incentivo à leitura e realizar uma discussão sobre negritude e pertencimento.

Há ainda apresentação de poemas de escritores negros na aula de Língua Portuguesa e Ação Estética e Identidade, que envolveu os estudantes na realização de tranças, corte black e maquiagem, com o intuito de trabalhar a autoestima dos estudantes.

Metodologia

A aprendizagem por meio de projetos é a metodologia utilizada para dar qualidade à prática educativa, buscando inovação e o envolvimento dos estudantes no desenvolvimento dos trabalhos. Com isso, o educador visa estimular a autonomia do estudante ao construir em conjunto propostas que levem em consideração a realidade dele. Desta forma, a aprendizagem passa a ser mais significativa para o estudante que assume a postura protagonista, atuando diretamente nas atividades que fazem parte do projeto.

Resultado

Como resultado, a escola conseguiu ampliar o debate acerca dos temas que envolvem as questões raciais, tão caros à nossa comunidade escolar e à sociedade em geral. Dos resultados obtidos, destaca-se o envolvimento dos estudantes como protagonistas nas ações da agenda, podendo citar a contribuição das estudantes trancistas e daqueles que realizaram apresentações teatrais e de dança. A partir de uma formação com os docentes, surgiu a disciplina eletiva Símbolos Adinkras, que trabalha a cultura e a arte africana, o que demonstra quanto a temática foi relevante para os professores e estudantes.

Entre o chão e o céu da escola

No início poderia parecer somente uma atividade com tranças, mas a ação se tornou extremamente significativa para as meninas, envolvendo estética, representatividade e identidade negra.

Desenvolvido pela equipe, o projeto promoveu a reflexão sobre a desigualdade social e étnica, transformando o olhar da escola em relação à comunidade escolar. Com o tempo, ganhou cada vez mais importância entre os estudantes.



Adriana de Paula

Resgatando identidades: o Dia da Consciência Negra e o papel do negro na construção do Brasil

EE Profª Joana de Aguirre Marins Peixoto

Monte Mor / São Paulo

Professora responsável: Adriana de Paula

Categoria Escola

Projeto

O projeto Resgatando Identidades: o Dia da Consciência Negra e o Papel do Negro na Construção do Brasil tem o objetivo de combater o preconceito racial e contribuir para a construção da equidade. Por meio do estudo da cultura africana e afro-brasileira, enfatizam-se a diversidade que marca o Brasil e o modo como essa diversidade nos constitui.

Objetivo

O projeto tem o objetivo de realizar um estudo da cultura africana e afro-brasileira, apresentando a história e a literatura a partir de uma perspectiva que rompe com o eurocentrismo e valoriza a influência da África na construção da identidade do brasileiro, combatendo o racismo e a discriminação.

Principais atividades

A escola promove a educação antirracista durante todo o ano letivo, começando pela formação dos professores, com base na discussão da Lei nº 10.639/03, com apresentação de referenciais teóricos que possam embasar o trabalho em sala de aula.

Após a formação, os professores desenvolvem a temática com os estudantes em sala de aula por meio de atividades, que culminam em apresentações artísticas sobre o tema, como produções de poemas, pinturas, preparações de danças e encenações teatrais.

Metodologia

Busca-se por meio da literatura, da arte e de um olhar histórico deixar de lado a tradição eurocêntrica e destacar as contribuições africanas para a construção da identidade brasileira e reforçar a importância da população africana e afrodescendente na constituição do país. O principal aporte teórico do projeto foi o *Dicionário da escravidão e liberdade (2018)*, de Lilia Moritz Schwarcz e Flávio Gomes, e a leitura de autores de literatura africana e afro-brasileira.

Resultado

Como resultado, o desenvolvimento sistemático desse projeto tem permitido a estudantes e professores maior compreensão da cultura africana e afro-brasileira, promovendo o conhecimento acerca das nossas raízes e evitando casos de racismo e injúria racial. Além disso, as atividades propostas têm revelado talentos de diferentes estudantes, envolvendo-os com diferentes manifestações artísticas e elevando a autoestima.

Professores envolvidos

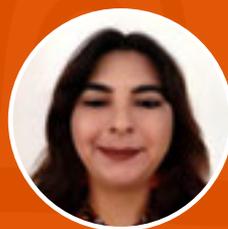
Adriana de Paula e demais professores envolvidos.

Entre o chão e o céu da escola

Para encerrar as ações do projeto, a escola organizou apresentações artísticas, momento em que os estudantes brilharam no palco ou imprimiram seus talentos por meio de desenho e pintura.

Foi marcante a apresentação de uma estudante da 3ª série do Ensino Médio, que declamou um poema autoral sobre o extermínio do povo negro. Depois da apresentação, a menina passou a integrar grupos de batalha de rima da cidade e hoje se apresenta nos eventos.

O desenvolvimento do projeto trouxe à escola novos conhecimentos, a partir de leituras de autores negros, tornando possível a identificação de estudantes e até professores com as histórias lidas.



Aline Valentini



Larissa Caprara

Malizeck da Diversidade

UMEF Professor Luíz Malizeck

Professoras responsáveis: Aline de Alcântara Valentini e Larissa Milanezi Fabriz Caprara

Vila Velha / Espírito Santo

Categoria Professor

Projeto

O projeto está dividido em três frentes de trabalho, desenvolvidas ao longo de todo o ano letivo de 2022, com pretensão de se estender para o ano de 2023. A ideia é realizar eventos para cada uma das frentes, sendo elas: diversidade indígena, cultura afro-brasileira e imigrantes no Espírito Santo.

Objetivo

O objetivo é contribuir para a educação da não discriminação, com a finalidade de valorizar e difundir as manifestações culturais, assegurando-se o exercício dos direitos culturais e a diversidade étnico-racial.

Principais atividades

Entre as principais atividades desenvolvidas, estão visitas ao território indígena Tekoa Piraquê-Açu, do povo Guarani, em Aracruz (ES); a um

quilombo; às comunidades pomeranas, em Santa Maria de Jetibá, Santa Teresa e Santa Leopoldina (ES); e à comunidade da Barra do Jucu, em Vila Velha (ES).

São realizados "leituraços" indígena, africano e afro-brasileiro, além das exposições "Nossa cultura não cabe nos seus museus", "África: força ancestral" e "Imigrantes no Espírito Santo". Também são promovidas aulas de canoagem e oficinas de colares e pulseiras indígenas, máscaras africanas, abayomis, tranças e penteados.

Metodologia

São apresentados os principais conceitos relacionados ao estudo da história da comunidade afro-brasileira, imigrante e indígena. Por meio de palestras e aulas expositivas, foram realizados exercícios de desconstrução de crenças relacionadas a cada um dos grupos. Após as visitas às comunidades, os estudantes elaboraram um diário de bordo, com a finalidade de relatar as experiências e utilizá-lo de subsídio para a montagem das exposições.

Resultado

A escola espera, ao final das atividades propostas, que os estudantes compreendam a diversidade que compõe o povo brasileiro e a importância de manter uma atitude de respeito e empatia. Além disso, o propósito das visitas escolares é fazer com que os estudantes transitem pelos espaços do estado do Espírito Santo como conhecedores e agentes na construção da própria história, ainda que frente a um presente povoado de heranças coloniais por resolver.

Entre o chão e o céu da escola

Foi depois de uma visita a um território indígena que um estudante do 5º ano do Ensino Fundamental revelou ser indígena Pataxó. Ninguém da escola sabia, porque ele tinha vergonha de contar. Mas com o projeto se sentiu seguro e passou a cumprimentar uma professora indígena com uma saudação tradicional, chamando-a de "parente". É um gesto de orgulho das origens.

A visita ao território indígena gerou forte impacto em todas as crianças, a partir do aprendizado sobre uma cultura que desconheciam e da desconstrução de estereótipos. O interesse demonstrado pelos estudantes motivou a escola na promoção da educação antirracista, e o resultado já aponta para uma maior conscientização.



Aline Neves

Projeto Intercâmbio Raízes Angola Brasil

Escola Municipal Lídia Angélica e Instituto Politécnico Edik Ramon
Belo Horizonte / Minas Gerais e Luanda / Província de Luanda
(Angola)

Professora responsável: Aline Neves Rodrigues Alves
Categoria Professor

Projeto

As memórias e os conhecimentos atuais são mobilizados por estudantes angolanos e brasileiros, que por um intercâmbio virtual, no ano de 2021, investigaram coletivamente os hábitos alimentares e agrícolas, a influência banta na língua, a tradição na globalização, as culturas religiosas e os movimentos sociais negros em ocorrência em seus países. Os resultados são aulas baseadas numa educação antirracista a partir de África e América.

Objetivo

O objetivo da iniciativa foi promover a experiência intercultural e interescolar de protagonismo estudantil entre Brasil e Angola, na educação básica, a partir de conteúdo afro-educativo do campo da Educação para as Relações Étnico-Raciais a incidir na Geografia Escolar, considerando o direito à diferença e as contradições socioespaciais na e da globalização.

Principais atividades

Inicialmente foram realizadas aulas síncronas, expositivas e dialógicas, sobre África. Posteriormente, foi promovida a construção coletiva do projeto durante as aulas e as oficinas para os primeiros contatos entre estudantes brasileiros e angolanos. Houve momentos de orientação em grupos, cada qual realizando uma pesquisa a partir de cinco temas eleitos pela comissão organizadora estudantil.

A atividade de apresentação dos resultados pode ser lida como uma ação de sala de aula invertida, cuja centralidade são os sujeitos e suas produções, cabendo ao professor mediar o processo de aprendizagem.

Após as apresentações, foi realizada uma culminância artística intitulada "Sarau território afro-literário", responsável por materialidades compartilhadas (virtualmente), como leitura de biografias, poemas, exposição de máscaras, desenhos e instrumentos musicais.

Metodologia

Além das aulas síncronas expositivas e dialogadas, oficinas e um sarau virtual, como metodologia, houve orientações em grupos de trabalho, no contraturno, e método de sala de aula invertida com presença de convidados externos. Houve o uso de plataforma virtual para atividades e materiais, bem como do aplicativo WhatsApp, para divulgação das atividades no interior da escola, e do Instagram/Facebook para comunidade externa.

Resultado

Como resultado, notou-se a superação de estereótipos com relação ao continente africano e a interculturalidade: diálogo direto entre estudantes que representam povos, línguas e costumes. Além disso, ocorreram o reconhecimento da ancestralidade africana e indígena na vida dos estudantes e o orgulho de produzir conhecimento com criatividade. Para a escola, foi promovida também a importância dos movimentos sociais, da cultura, da inovação e projetos de sociedade não hegemônicos, assim como a autonomia de aprender/ensinar na chave da diversidade e maior sensibilidade com relação a injustiças coloniais e outras formas de opressão, como gênero.

Professores envolvidos

Aline Neves Rodrigues Alves (Professora referência do Projeto); Jarbas Mateus de Souza Antônio (Educador da Escola Integrada); e Danilsa Elisa Sorte Quicaxiamo (Professora em Luanda/Angola)

Entre o chão e o céu da escola

No chat do ambiente virtual síncrono do intercâmbio realizado entre os estudantes, surgiram escritas racistas. A maioria da turma ficou indignada, falou abertamente sobre o assunto e tomou decisões coletivas.

De acordo com a escola, o senso de justiça foi ampliado, pois no passado o racismo recreativo era minimizado na história de vida de quem foi vítima, e se esperava um posicionamento apenas do/a professor/a para tomada de decisões.

Outra mudança observada após o desenvolvimento do projeto foi que estudantes do candomblé e da umbanda passaram a se apresentar no Intercâmbio com estima e orgulho de pertencimento, ensinando o grupo sobre as vestimentas.

Um dos resultados concretos foi a segurança que uma estudante iniciada no Candomblé teve ao ir de branco para a escola, todos os dias, sem medo de sofrer discriminação por parte da comunidade escolar.

O convívio entre estudantes dos dois continentes trouxe outros aprendizados, como a percepção de que África não se resumia a toda aprendizagem midiática e o desvendar de histórias em comum entre os dois territórios, muitas vezes negada e soterrada pelo eurocentrismo.

PRÁTICAS FINALISTAS

Adolescências e Juventudes

Projeto Afrodescendentes: A Beleza e a Riqueza de Ser o Que Somos! – **Katielle Silva Fonseca**/SP - Categoria Escola - Gestão com Equidade e Antirracista

A Cor de Onde Eu Vivo: Retratos da Diversidade (2020-2021) – **Sonia dos Santos França**/MG - Categoria Escola - Gestão com Equidade e Antirracista

RN é Terra Indígena – **Carlos Eduardo de Araújo**/RN - Categoria Professor - Projeto

Negritude Damião – **Cristiana Aparecida da Silva Costa**/RJ - Categoria Escola - Gestão com Equidade e Antirracista

Procu-ro-me – **Sandra Regina de Lima**/RS - Categoria Professor - Projeto

O Grafite do Alto colorindo Escola e Bairro: Educandas-Mediadores de um Museu a céu aberto – **Juliana Vieira da Silva (Moacir Fagundes de Freitas)** /MG - Categoria Professor - projeto

O protagonismo estudantil na luta antirracista: experiências do Grupo de Estudo das Relações Étnico-Raciais, Negritude. – **Lucas Alves do Espírito Santo** - Categoria escola - Gestão com Equidade e Antirracista

Trilha Antirracista – **Lúcia Helena de Souza** - Categoria professor - Prática

Os povos bantu na Escola Viva: Matutando e Tagarelando possibilidades e conquistas a partir da implementação do Artigo 26-A da LDBEN no chão da escola. – **Wudson Guilherme de Oliveira** - Categoria Professor - Prática

Tecendo reflexões na perspectiva étnico-racial na EJA do centro de detenção provisória de SÃO DOMINGOS DO NORTE – **Tiago Ferreira da Silva** - Categoria Professor - Prática



Projeto Afrodescendentes: A Beleza e a Riqueza de Ser o Que Somos!

Escola Estadual Professor Michel Haber
Franca / São Paulo

Professora responsável: Katielle Silva Fonseca
Categoria Escola

Projeto

O projeto visa à implementação da Lei 10639/03, com o objetivo de despertar a autoestima, a identidade histórico-cultural e o empoderamento da comunidade escolar, assim como os sentimentos de pertencimento e corresponsabilidade. Para tal, o esporte, a arte e a cultura são utilizadas como os principais meios para desfrutar de um ambiente cada vez mais humanizado, acolhedor, diverso e plural, fundamentado em uma educação interdimensional e antirracista.

Objetivo

As principais expectativas são baseadas na intencionalidade de apresentar a todos a ideia de que "Sim, nós podemos!", trazendo e despertando em toda a comunidade escolar os sentimentos e os valores anteriormente citados. O projeto tem também o objetivo de reduzir a vulnerabilidade, resgatar valores e promover a ascensão

institucional, rompendo com rótulos, preconceitos e visões distorcidas e estereotipadas da comunidade periférica.

Principais atividades

Foram desenvolvidas assembleias e palestras; roda de conversa com representantes da comunidade negra; Sarau Protesto com a presença do poeta e patrono do projeto Carlos de Assumpção; acompanhamento e orientações do copatrono Dagoberto José Fonseca; apresentações artístico-culturais dos estudantes e de representantes da comunidade escolar; degustação de comidas típicas; exposições de mesas e salas temáticas; confecção de telas, quadros e objetos; produção de painéis e objetos decorativos e criação de poemas autorais.

Metodologia

Foram realizadas palestras e assembleias com a finalidade de apresentar a estudantes e professores a Lei 10.639/03, o conceito de afrodescendentes e alguns temas relacionados à cultura afro-brasileira. Seguidamente, por meio de desafios lúdico-pedagógicos e explorando o esporte, a arte e a cultura, as salas foram divididas em equipes para que cumprissem os desafios e se apresentassem para toda a comunidade escolar.

As atividades e os trabalhos, além de implementarem a Lei 10.639/03, seguem articulados com o currículo paulista, promovendo a interdisciplinaridade e a transversalidade dos componentes curriculares. O projeto proposto segue baseado nos quatro pilares da educação (aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser), ao mesmo tempo que foca a educação interdimensional e a educação antirracista, fazendo uso do esporte, da arte e da cultura como principais ferramentas para a disseminação da cultura afro-brasileira.

Resultado

Construção de um ambiente mais humanizado, harmonioso e acolhedor; empoderamento dos envolvidos; resgate da autoestima e identidade histórico-cultural da comunidade e da instituição; melhoria nas relações de convivência;

aumento do sentimento de pertencimento e corresponsabilidade; novo olhar sobre as potencialidades e conquistas e a construção do objetivo de criação de um Centro Cultural.

Professores envolvidos

Todos os professores e funcionários se envolveram nas atividades propostas.

Entre o chão e o céu da escola

Para os educadores, é marcante perceber a atuação dos estudantes de forma autônoma, protagonista, criativa e inspiradora. É gratificante quando os estudantes compreendem a beleza e a riqueza de ser quem somos, quando começam a entender a história por outro olhar e se apropriam dos conceitos e valores como ancestralidade, diversidade, pluralidade, respeito, empatia e amor ao próximo.

É uma missão inspirar, motivar, desafiar, impulsionar e instigar as pessoas a sonhar, para que adolescentes e jovens compreendam que é possível ser quem quiserem e que é possível se libertar de muitas amarras que os impedem de progredir, pelo reconhecimento da própria história, cultura e consciência da identidade.



A Cor de Onde Eu Vivo: Retratos da Diversidade

Escola Municipal Secretário Humberto Almeida
Belo Horizonte / Minas Gerais
Professora responsável: Sonia dos Santos França
Categoria Escola

Projeto

A escola desenvolve projetos e ações de valorização da cultura e da identidade afro-brasileira que, de formas multi e interdisciplinares, culminam em um grande festejo envolvendo e valorizando toda a comunidade escolar: Kizomba – Festa da Consciência Negra, desde 2010. Nos anos de 2020 e 2021, a proposta teve como temática “A cor de onde eu vivo: retratos da diversidade”.

O desenvolvimento das culturas afro-brasileira, africana e indígena, tendo como diretriz a questão étnico-racial, é a centralidade do projeto. A iniciativa se expressa como a exaltação do povo negro e da diversidade, como forma de celebrar a vida, por meio de apresentações das atividades construídas por toda a escola, anualmente. Foi fundamental o entendimento de termos e conceitos que possibilitaram dialogar, debater e ressignificar as relações sociais e raciais do sujeito.

Objetivo

Desconstruir preconceitos e discriminações por meio de ações pedagógicas relevantes no combate ao racismo; valorizar a cultura afrodescendente e indígena, reconhecendo a sua presença de forma positiva nos diversos segmentos da sociedade e na comunidade e promover o respeito pela diversidade de etnias.

Principais atividades

As atividades realizadas foram trabalhos em grupos de estudantes no ensino regular e no contraturno escolar, pelo programa Escola Integrada, utilizando espaços educativos e/ou culturais que proporcionaram formações, conhecimentos e troca de saberes; visitas técnicas e trabalho de campo em território negro (Quilombo Mangueiras) e indígena, museus e espaços culturais; palestras, rodas de conversas e seminários e construção de um calendário anual com os principais registros escritos, ilustrativos e fotográficos realizados pelos estudantes a cada mês de desenvolvimento do projeto. O calendário on-line e impresso foi distribuído para a comunidade escolar.

Metodologia

Organização das equipes e dinâmicas de trabalho com o coletivo da escola, capacitando as equipes de profissionais para a temática étnico-racial; levantamento bibliográfico; orientação do trabalho junto aos estudantes, com aulas expositivas, oficinas e trabalhos de campo, ampliando o campo de pesquisa; rodas de conversas e avaliação, com registros e relatos das atividades; construção do calendário (peça gráfica) com os estudantes; apresentação da mostra denominada Kizomba; e distribuição do calendário para a comunidade escolar.

Resultado

A temática étnico-racial trabalhada com os estudantes durante o ano letivo proporcionou reflexões e interações significativas, de formação e aprendizagem, que resultaram em uma mostra comemorativa ao Dia da Consciência Negra, em novembro, celebrando a 11ª Kizomba, com uma roda de conversa com as representantes dos quilombos de contexto urbano de Belo Horizonte, sendo eles Luízes, Mangueiras, Manzo Ngunzo Kaiango, Matias e Souza.

Professores envolvidos

Amantino F. de Miranda, Alef Miranda, Ana Beatriz de Souza, Carolina Saldanha da Fonseca, Cláudia M. Coutinho, Cynthia F. de Souza Vieira, Cláudio M. Reis de Paula, Felipe Alves Marques, Geraldo Teixeira Andrade, Daniela Gomes Carlos, Heron D. Reis de Farias, Joselito Pacheco Barbosa, Jorge Augusto A. Domingos, Juliane Faria Alves, Juliana Pereira de Oliveira, Júlio César Costa da Silva, Laura Campos Menezes, Letícia Lima Martins Martins, Lília Virgínia D. P. Santana, Ludmila Aparecida Baptista da Silva, Maria Diana de Oliveira, Nilson de Oliveira Leite, Saulo Sales de Souza, Sonia dos Santos França, Petrina Xavier da Silva, Ronan Oliveira Lucindo, Sandra Albertina Dutra G. Nepumuceno, Christiane de Paula Dâmaso Colla, Daliane Fernandes Marinho, Luciana Umbelino Fonseca, Márcia Fernandes Cunha, Regina de Fátima Junqueira Guimarães.

Entre o chão e o céu da escola

No Quilombo Mangueiras, na Pedra de Xangô, um estudante neopentecostal desconstruiu preconceitos religiosos e reconheceu que cristãos, candomblecistas e umbandistas dividem um espaço sagrado para suas crenças naquele território. O valioso momento ficou marcado na memória da escola.

O sentimento foi de engajamento de uma educação antirracista no coletivo, tendo como diretriz a consolidação das Leis 10.639/03 e 11.645/08 e cumprindo o papel social de desconstruir preconceitos, estereótipos e promover ações antirracistas, contribuindo para a construção de uma sociedade justa, igualitária e equânime.



RN é Terra Indígena

Escola Municipal Estudante Francisco Leite
João Câmara / Rio Grande do Norte
Professor responsável: Carlos Eduardo de Araújo
Categoria Professor

Projeto

A escola contempla em seu Projeto Político-Pedagógico (PPP) a inclusão de temáticas da história e da cultura indígena, sendo uma via para ampliação dos conhecimentos produzidos pelos povos originários do país.

O projeto tem como foco principal ampliar os conhecimentos dos estudantes sobre a história e a cultura indígena. Pretende-se transmitir a eles a riqueza dos elementos indígenas, a importância na construção da identidade do povo brasileiro, os processos históricos marcantes na sociedade e a presença no estado do Rio Grande do Norte.

Objetivo

Os objetivos são evidenciar a importância dos povos indígenas enquanto modo de vida, cultura, arte e população; provocar a compreensão da formação da identidade brasileira pela presença indígena; ressaltar os elementos da cultura indígena presente no cotidiano e

produzir materiais didáticos.

Principais atividades

Diálogo das disciplinas sobre a participação e a construção das ações com os estudantes; organização do cronograma de intervenções; planejamento de pesquisa sobre as comunidades; avaliação do andamento das atividades internas e organização de atividades externas; apresentação de vídeos produzidos por indígenas; troca de saberes com indígenas nas escolas; aula de campo nas comunidades indígenas locais e debate com representantes; produção de material em sala de aula com base em observações e experimentações e planejamento e realização de feira multicultural envolvendo identidade, saberes indígenas e conhecimentos dos estudantes e confecção de materiais, como vídeo, cartaz, exposição, mapas, fotografias, dança etc.

Metodologia

Os conhecimentos indígenas são trabalhados pelas diferentes disciplinas, com momentos de interação entre elas, de forma transdisciplinar, pela troca de saberes, que são relacionados aos saberes científicos desenvolvidos já na escola. Nessa interação, as propostas de materiais a serem produzidos são diversas, concentradas nas atividades pensadas para a execução.

Resultado

O exercício de desenvolver o projeto partiu da atuação do educador no movimento indígena e da necessidade de trazer para o trabalho educativo na escola o grande tema e despertar o pertencimento nos estudantes, para que conheçam e respeitem os povos originários e suas culturas. O projeto ofereceu a oportunidade de sistematizar ideias de um conhecimento pertinente sobre os povos originários.

Professores envolvidos

Carlos Eduardo de Araújo e demais professores envolvidos.

Entre o chão e o céu da escola

A escola está localizada em um território onde há seis comunidades indígenas em processo de demarcação e, por isso, já concentrava certo conhecimento no tema. O resultado da visita dos estudantes a uma delas foi surpreendente, pela admiração de alguns deles.



Negritude Damião

E. M. Damião Medeiros

Barra Mansa / Rio de Janeiro

Professora responsável: Cristiana Aparecida da Silva Costa

Categoria Escola

Projeto

O projeto visa inserir a Lei 11.645/08 de maneira efetiva e contínua nos objetivos pedagógicos da escola, construindo assim uma educação antirracista, valorizando e exaltando as culturas afro-brasileira e indígena. Visa também desconstruir ideias, como a de que “o povo negro é incapaz e baderneiro”, assim como era definido na época da escravidão. Para isso, a escola desenvolveu atividades como rodas de conversa, inserindo a reflexão sobre assuntos pertinentes ao dia a dia dos estudantes.

Objetivo

Mostrar aos estudantes a importância do negro na sociedade brasileira, formando cidadãos comprometidos com o combate à desigualdade racial e social. A escola entende que a educação é o pilar para o combate ao racismo e para a formação de uma sociedade antirracista.

Principais atividades

Em seis anos, o projeto vem crescendo constantemente, tendo como foco os estudantes, a partir da realização de palestras, rodas de conversa e oficinas. Em 2021, foi incluída a formação pedagógica para os profissionais da escola. Foram recebidos convidados para conversas e construído um grupo de WhatsApp, onde são compartilhados matérias e vídeos pertinentes ao tema. Em 2022, a escola também incluiu no projeto oficinas para os responsáveis, fazendo com que os estudantes e suas famílias tivessem a oportunidade de aprender juntos.

Metodologia

O projeto teve início em 2017, quando dedicou um dia de novembro para valorizar a cultura afro-brasileira, por meio de oficinas, rodas de conversa, entre outras atividades. Em 2022, o projeto foi inserido no Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola, com a proposta de trabalhar a Lei 11.645/08 no decorrer do ano. Os professores adaptaram o currículo e conteúdos relacionados à história dos negros e indígenas.

Resultado

A escola observou que as estudantes começaram a assumir o cabelo crespo e ter orgulho de si mesmas, a partir do projeto. Com o passar dos anos, os estudantes passaram a perguntar quando aconteceria o evento.

Professores envolvidos

Todos

Entre o chão e o céu da escola

No ano de 2019, quando professoras fizeram um trabalho de arte em que deveriam confeccionar uma boneca negra, os estudantes deram o nome de uma delas à boneca, causando emoção ao reconhecerem a educadora como uma mulher negra.

Para a escola, o projeto trouxe discussões que antes não eram debatidas, nem mesmo pelos educadores.



Procu-ro-me

Escola Estadual de Ensino Médio Frederico Kops
Sinimbu – Rio Grande do Sul
Professora responsável: Sandra Regina de Lima
Categoria Professor - Projeto

Projeto

O projeto tem como intuito realçar a beleza da mulher negra e acabar com o estereótipo de que é necessário seguir um padrão para ser considerada bonita. A escola constatou, a partir da pesquisa de campo, que grande parte dos estudantes de origem afrodescendente não se reconhecia com tal identificação.

Apenas seis estudantes se autodeclararam pretos. Outros 67 se autodeclararam pardos. A escola identificou que alguns ficaram com vergonha de se autodeclararem pretos e entende que é necessário promover um espaço onde mudanças possam ocorrer.

Objetivo

Desenvolver a consciência crítica e histórica afrodescendente, principalmente a partir da beleza da mulher negra na sociedade, em todos os aspectos.

Principais atividades

Palestra com Alceu José Silva sobre a beleza negra; oficinas de turbantes e de embelezamento (cabelo e maquiagem); pintura em murais da escola pelos estudantes com o tema afrodescendente, inspirados nas obras de Eduardo Lima; bate-papo com integrantes de iniciativas do movimento negro feminino, como Mais Bela Negra e Miss Diversidade; palestra sobre crime de injúria racial, Lei nº 7.716/89; ensaio de fotos de pessoas negras da comunidade escolar, exaltando a família na escola; pesquisa de campo sobre identidade negra na escola; oficinas e apresentações referentes à música e à dança afro; criação de blogs e aplicativos com a temática da equidade racial e de gênero; palestra sobre o feminismo afrodescendente; exibição de documentário sobre o colorismo; exposição com fotos de alunas, estudantes e famílias de ascendência afro-brasileira na escola Frederico Kops; produção de bonecas de fuxico pretas para serem doadas; e parceria com o projeto Cachorrada Sem Freio, para entrega de bonecas negras pelo interior do município de Sinimbu no Natal.

Metodologia

Realização de palestras; pintura em murais; bate-papo Movimento Negro; oficinas de embelezamento afro; exposição de fotos; criação de blogs e aplicativos; produção de bonecas pretas de fuxico; encontro das famílias na escola; gincana afro e aquisição de livros.

Resultado

Em todos os componentes curriculares, percebeu-se maior envolvimento dos estudantes de ascendência afro, tornando-se mais autoconfiantes e participativos. Em uma nova pesquisa de campo, a escola percebeu o aumento da autodeclaração dos estudantes afrodescendentes. As bonequinhas pretas fizeram sucesso na comunidade.

Professores envolvidos

Sandra Regina de Lima; Viviane Henn; Graziella Franco; Vanelise Vogt Wagner; e Rafael Werner e demais professores envolvidos.

Entre o chão e o céu da escola

Em novembro, é promovido um evento para escolha da rainha e das princesas da escola. O ano seguinte ao projeto foi aquele em que as meninas afrodescendentes mais participaram, se desafiaram a falar, a se apresentar em público e desfilaram. Disseram que não era questão de ganhar, mas de se desafiar. A escola entende que a iniciativa faz diferença na vida de muitos adolescentes que se escondiam ou tinham vergonha da origem afro.

Relata que foi gratificante ver o envolvimento e o crescimento dos estudantes afrodescendentes em se sentirem identificados e valorizados. Houve um engajamento total de estudantes, professores, direção e familiares para que o projeto acontecesse. A escola percebeu que se faz necessário o trabalho em conjunto pelos desfavorecidos, buscando um lugar e espaço para todos, independentemente do credo, de ideias, de etnias e rendimentos.



O grafite do Alto colorindo Escola e Bairro: Educandas-Mediadoras de um Museu a céu aberto

Escola Municipal Israel Pinheiro

Belo Horizonte / Minas Gerais

Professora responsável: Moacir Fagundes de Freitas

Categoria Professor

Projeto

A ideia central do projeto é “musealizar” quatro painéis de grafite localizados no coração do bairro Alto Vera Cruz, região leste de Belo Horizonte, a partir da criação de um grupo de mediadores formado por estudantes da escola.

A motivação é o reconhecimento do grafite e da arte como uma das marcas da comunidade. Dessa riqueza artística urbana e contemporânea, destacam-se quatro painéis realizados como processo de um movimento denominado “Amor pelo Alto Vera Cruz nos Muros”, criado por lideranças em resposta ao estigma da violência perpetrada pela grande mídia.

Objetivo

Criar um grupo de mediadores culturais formado por estudantes, capazes de apresentar os painéis de grafite ao público; criar uma

metodologia que permita musealizar em sentido inverso os painéis de grafite e provocar e questionar as práticas educacionais e museais tradicionais, fazendo do lugar um museu *in situ*.

Principais atividades

Uma das atividades é a criação de caderno de campo, cuja capa será personalizada com imagens das preferências musicais, esportivas ou bandeiras de vida do mediador, imprimindo as escolhas culturais, artísticas e características pessoais e propiciando o registro da atuação. Na atividade denominada "A peça que fugiu do quebra-cabeça", será feita a reprodução ampliada de um fragmento de um grafite. O mediador deverá localizar essa imagem nos grafites da escola. Além disso, terão à disposição um quebra-cabeça dos painéis localizados no entorno. Essas ações preliminares foram complementadas com a construção de um Mapa Afetivo e culminam com alguns "Rolês pelo Bairro", seguindo um trajeto que compreenderá a observação dos vários grafites do território.

Metodologia

Pretende-se conhecer e documentar os grafites, possibilitando a leitura da arte urbana presente na escola e no bairro; realizar um mapeamento desses painéis, além de conhecer a história e o processo gerador dos painéis; estudar a história do bairro e do hip-hop e realizar a prática de grupos de mediadores, tendo como princípio o Círculo de Cultura de Paulo Freire.

Resultado

Foi gerado conhecimento pelos estudantes sobre a história do bairro, da cidade, do hip-hop e do grafite. O projeto trouxe ainda a percepção de que eles são capazes de construir conhecimento. Aumentou a autoestima dos estudantes, promovendo-os a sujeitos conhecedores. Provocou o sentimento de valorização e reconhecimento da sua comunidade. Nos professores, provocou a sensação de que outra educação é possível.

Professores envolvidos

Moacir Fagundes de Freitas e demais professores envolvidos.

Entre o chão e o céu da escola

Solicitada pela escola a fotografar os colegas durante um rolê pelos grafite, uma estudante boicotou a tarefa, ensinando que queria estar ali com os pares, vivenciando a experiência e não como alguém destacado do grupo para ser observadora. Ficou o sentimento de que escola e território têm que estar conectados. As ruas, o bairro, os becos, as esquinas e os moradores são currículo. Foi confirmado que ninguém educa ninguém; que a leitura de mundo é imprescindível e que outra educação e outro mundo são possíveis.



O protagonismo estudantil nas lutas antirracistas: experiências do grupo de estudo das relações étnico-raciais, o Negritude

Escola Municipal Joaquim Bezerra

Lagoa de Itaenga / Pernambuco

Professor responsável: Lucas Alves do Espírito Santo

Categoria Escola

Projeto

A escola está inserida historicamente em uma área de monocultura canaveira, fato que acarreta uma formação identitária depreciativa do ser negro, com o estigma dos africanos escravizados. Esse contexto que assola a comunidade escolar torna fundamental a educação na perspectiva de modificar as relações étnico-raciais, a partir de um combate sistemático e contínuo a ideias e práticas racistas que ainda persistem no imaginário e nas relações sociais, dentro e fora da escola.

O projeto tem como ideia central relatar as ações desenvolvidas pelos estudantes que integram o Negritude, um grupo de estudos coordenado por membros da equipe gestora.

Os principais aspectos contemplados para sua elaboração e execução se referem à intensificação das discussões a respeito do combate ao racismo, da valorização da identidade negra e da cultura africana e afro-brasileira no contexto escolar.

Objetivo

Descrever e refletir sobre as ações desenvolvidas pelo Grupo de Estudos Institucional das Relações Étnico-Raciais da escola, denominado Negritude, em especial a Terceira Semana da Consciência Negra, realizada no período de 22 a 26 de novembro de 2021.

Principais atividades

Realizada pelo Negritude, a Terceira Semana de Consciência Negra teve como tema central racismo, identidade negra e religiosidade afro-brasileira. A programação foi iniciada com a apresentação cultural do grupo de capoeira Raízes do Cabeça de Ferro, do mestre Fumaça, seguida da palestra de abertura com o título Religiosidade Afro-Brasileira – Conhecer para não discriminar. Houve também a exibição do documentário *Olhares sobre o racismo*.

Metodologia

A escola desenvolve como prática permanente os encontros com trinta estudantes que compõem o Negritude, às terças-feiras, com duração média de trinta minutos, após o horário de aula. Nos encontros, além de discussão sobre temas ligados à luta antirracista, há também planejamento e organização de ações. A Terceira Semana da Consciência Negra contou com palestra, minicurso, contação de histórias, oficina, exibição de documentário e apresentação cultural – tudo desenvolvido pelos estudantes do grupo, em parceria com os professores de diferentes componentes curriculares.

Resultado

As atividades desenvolvidas de forma contínua pelo Negritude têm gerado conquistas significativas para a instituição escolar, como, por exemplo, a manutenção dos documentos escolares (Projeto Político-Pedagógico e Regimento), com a incorporação do princípio de consciência política e histórico da diversidade.

Quanto à realização da Semana da Consciência Negra, a escola menciona como conquistas o fortalecimento do debate acerca do combate ao racismo; do sentimento de pertença identitária dos estudantes negros; e da quebra de tabus relacionados às religiões de matrizes africana e afro-brasileira.

Chamou atenção também a empolgação e o interesse dos integrantes do Negritude, tanto nos encontros semanais quanto nos eventos realizados anualmente como a Semana de Consciência Negra, o que tem contribuído para o fortalecimento da postura empoderada dos estudantes perante a luta antirracista e o compromisso com a democracia e a equidade no contexto escolar e fora dele.

Professores envolvidos

Demais professores envolvidos.

Entre o chão e o céu da escola

A palestra Religiosidade Afro-Brasileira – Conhecer para não discriminar, ministrada por integrantes do Negritude, teve como destaque a participação de estudantes de religiões cristãs, principalmente evangélicas. Mas a escola celebrou o fato de a discussão ter sido realizada com consistência teórica, combatendo falas intolerantes de alguns ouvintes e defendendo a liberdade religiosa.

A experiência demonstra que as discussões desenvolvidas na Semana Consciência Negra são resultantes dos encontros semanais do Negritude, bem como do fortalecimento de uma atitude antirracista e de tolerância dos estudantes.

Entusiasmo e reconhecimento foram os sentimentos identificados pela escola. Entusiasmo para explorar as habilidades e os talentos identificados no grupo para a realização de novas ações e reconhecimento, porque houve a oportunidade de levar atividades desenvolvidas na Semana da Consciência Negra para estudantes de outra instituição escolar.



Trilha Antirracista

PEI E. E. "José Leite Pinheiro"

Cerqueira César / São Paulo

Professora responsável: Lúcia Helena de Souza

Categoria Professor - Escola

Projeto

O projeto visa abordar o tema racismo de forma interativa e reflexiva, saindo do padrão antigo, a partir da realização de um documentário em que a comunidade escolar foi entrevistada a respeito do assunto. Foi utilizada a tecnologia para a gravação de entrevistas, levando conhecimento sobre autores negros e introduzindo o antirracismo no dia a dia, a partir do desenvolvimento da consciência crítica e histórica, do conhecimento das leis e das pessoas que lutaram e lutam. Nas entrevistas foi possível refletir, buscar soluções e mostrar a luta diária das pessoas negras da comunidade escolar, além de autores e personalidades negras que lutavam e ainda lutam pelos direitos.

Objetivo

Ampliar a visão crítica perante o Dia da Consciência Negra, refletir sobre as desigualdades na sociedade e orientar o olhar para uma abordagem social contextualizada e reflexiva. Ler, interpretar, apreciar e discutir sobre os textos, livros e filmes trabalhados. Estimular as habilidades do comportamento adaptativo (conjunto de habilidades conceituais, sociais e práticas que são aprendidas e executadas por

pessoas em suas atividades diárias) e despertar para a importância do projeto de vida.

Principais atividades

Foi elaborado um documentário pelos estudantes, com apresentação na Câmara Municipal de Cerqueira César, envolvendo atividades desde a confecção do convite até a organização do evento. Foram entregues certificados de mérito para os estudantes envolvidos. Houve a visita de autores negros na sala de aula, e os estudantes passaram a visitar mais a biblioteca. Foram realizadas pesquisas utilizando diferentes suportes, propiciando o protagonismo dos estudantes. Nas atividades, não havia respostas prontas e o conteúdo era retomado sempre que necessário. Os estudantes aprenderam a trabalhar em equipe, selecionando as funções de cada um dentro da ação do documentário. Desenvolveram as habilidades artísticas. Foram realizadas entrevistas, trabalho com livros, audiolivros, vídeos explicativos e informativos sobre preconceito, injúria racial, racismo estrutural, pesquisa de pessoas que lutaram contra o racismo e passo a passo de como fazer um documentário.

Metodologia

Rodas de conversa, atividades impressas, pesquisas utilizando a tecnologia, pesquisa de autores negros na biblioteca da escola, confecção do cartaz informativo dando ênfase às mulheres negras dos livros *Extraordinárias mulheres que revolucionaram o Brasil* e *Amor de cabelo*. *As partes envolvidas foram convidadas a participar de entrevistas em vídeo, resultando na elaboração de um documentário para ressaltar as habilidades de cada estudante. Também foram abordadas outras formas de preconceito e discriminação.*

Resultado

O trabalho trouxe para a comunidade escolar reflexões sobre o racismo e atitudes antirracistas. Foi realizada a pergunta "Como podemos combater o racismo na escola?" para todos os entrevistados, sendo lançada a reflexão de maneira participativa e ativa, fazendo com que a comunidade escolar saísse da zona de conforto ao ter de pensar na resposta e compreendesse que a luta antirracista é diária e não se resume ao dia 20 de novembro.

Professores envolvidos

Samanta O. Arcene, Cristiane Del Peso, Karina Bento, Rosicler Lima, Thais Tavares e demais professores envolvidos.

Entre o chão e o céu da escola

Durante o trabalho, um estudante surpreendeu ao escrever uma poesia espontaneamente, após ouvir os relatos dos professores sobre os preconceitos sofridos. Estudantes PAEE (público-alvo da educação especial), que recebem atendimento em sala de recursos, também se envolveram no projeto.

A escola entendeu que, mesmo diante das adversidades, sempre há uma saída e “anjos sem asas” que a espiritualidade coloca no caminho.



Os povos bantu na Escola Viva: Matutando e Tagarelando possibilidades e conquistas a partir da implementação do Artigo 26-A da LDBEN no chão da escola.

Escola Municipal Professora Renata Franco Pereira
Magé / Rio de Janeiro

Professor responsável: Wudson Guilherme de Oliveira
Categoria Professor - Prática

Projeto

Ao observar as “brincadeiras” entre os estudantes, relacionadas a estética, traços negroides, textura dos cabelos crespos e tonalidades da pele, a escola decidiu desenvolver um projeto para a valorização do amor-próprio dos estudantes negros e o enfrentamento a violências psicológicas, agressões físicas, racismo, bullying e outras formas de exclusão. A ideia é fortalecer a autoestima, pela perspectiva dos povos bantu e com a implementação da Lei Federal 10.639/03. A iniciativa tem como base a criação de ações afirmativas e estratégias que ponderam histórias, religiosidades, culturas, memórias, filosofias e negritudes, em benefício das ancestralidades negras, na luta contra as artimanhas do racismo estrutural, em busca da equidade racial de (re)existência.

Objetivo

Reduzir as expressões de superioridade dos meninos sobre as meninas negras, com o suporte da Lei Federal 10.639/03, assim como possibilitar a equidade racial na escola, exaltar as belezas negras, reconhecer as identidades negras, desmistificar os estereótipos negativos a grupos afro-diaspóricos e ressignificar as potencialidades dos cabelos crespos.

Principais atividades

Em primeiro lugar, realizar a implementação da Lei Federal 10.639/03, pois ela é a ferramenta norteadora para a luta antirracista no "chão da escola". Com esse respaldo, os estudantes reconheceram de onde vieram os seus ancestrais. A maioria descobriu que a humanidade descende do continente africano, que não se trata somente de um país. Em outros momentos, a escola identificou as superioridades presentes em "Áfricas", bem como as qualidades dos povos bantus e suas histórias, linguísticas, filosofias, religiosidades, culturas, tecnologias e outros. É grande a bagagem intelectual dos grupos sequestrados no continente. Estudantes e educadores também assistiram a vídeos e participaram de debates sobre as consequências da violência e avaliaram quais cenas são semelhantes à realidade deles. Houve também a produção de desenhos, pinturas e escrivências, a respeito de suas percepções atreladas aos povos bantus na sociedade.

Metodologia

Foram planejadas "aulas/oficinas" em dias alternados, a partir de contações de histórias afro-pindorâmicas, tendo como foco principal reflexões sobre o racismo, além de apresentações de vídeos, imagens, slides, textos sensibilizados, exposição de livros de literaturas africanas, afro-brasileiras e indígenas e rodas de diálogo após as oficinas, trocando ideias sobre o entendimento dos estudantes a respeito das questões articuladas nas ações afirmativas.

Resultado

As relações passaram a ser mais amparadas no “respeito ao próximo”, reduzindo as “brincadeiras” e “zoaças” de cunhos racistas, homofóbicos, classistas, intolerantes, entre outros. Houve o fortalecimento da autoestima dos estudantes negros e do orgulho dos cabelos, de traços e cores de pele, (re)conectados às negritudes e às raízes culturais e ancestrais, germinando neles autoconfiança e sagacidade, para enfrentar o racismo estrutural dentro e fora dos muros da escola.

Entre o chão e o céu da escola

Nas rodas de diálogo, estudantes puderam relatar experiências racistas, discriminatórias e preconceituosas. Marcou a história de uma estudante negra e retinta, que passou a conviver com a avó paterna branca, após o falecimento da mãe negra. A avó sempre humilhou a nora falecida com xingamentos pejorativos e racistas e passou a menosprezar a neta com insultos também racistas. O relato mostrou à escola que os entraves do racismo não estão presentes somente nas instituições de ensino e em espaços públicos, mas também na vida privada.

Foi gratificante ver os encantamentos e os brilhos nos olhos dos estudantes negros, ao recuperarem a conexão com as suas ancestralidades. Captaram que, diferentemente das profusas informações herdadas de seus percursos, “eles não eram porvindouros de escravos”, mas sim descendentes ancestrais de reis, rainhas, cirurgiões, arquitetos, sacerdotes, filósofos, engenheiros e outros. Foram reforçadas as positivities afro-diaspóricas ocultadas pelo racismo estrutural.



Tecendo reflexões na perspectiva étnico-racial na EJA do Centro de Detenção Provisória de São Domingos do Norte

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio São Domingos, pertencente à unidade prisional Centro de Detenção provisória de São Domingos do Norte

São Domingos do Norte / Espírito Santo

Professora responsável: Tiago Ferreira da Silva

Categoria Professor - Prática

Projeto

O projeto foi desenvolvido de forma interdisciplinar com os estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), que cursam da 1ª à 8ª etapa, com o objetivo de propiciar aos estudantes a sensibilização e a ressignificação do olhar em relação a si mesmos, bem como potencializar a autoafirmação de cada sujeito em uma perspectiva inclusiva e antirracista, com o auxílio de palestra, filme, música, contos, lendas, livros e rodas de conversa, envolvendo os objetos de conhecimento de forma interdisciplinar.

A ideia surgiu após a observação da frequente dificuldade dos estudantes em cárcere em compartilhar vivências e experiências, além de terem desenvolvido uma perspectiva negativa de reinserção

social mediante o preconceito que enfrentam por se encontrarem encarcerados e serem provenientes das minorias sociais.

Foram observadas, desde a realização da matrícula, timidez ou vergonha ao declararem a cor, haja vista que a maioria é preta e parda.

Objetivo

Conhecer a realidade do Centro de Detenção Provisória de São Domingos do Norte, a partir da pesquisa-ação, refletindo sobre a ressignificação do “eu” na vivência no contexto prisional; reconhecer a importância da identidade como um processo de construção do próprio “eu” e despertar e estimular a sensibilidade humana como meio de autoconhecimento; elaborar uma proposta de intervenção que propicie aos estudantes a criação do autorretrato, como processo de ressignificação da própria identidade; compreender as mais variadas formas de racismo e discriminação ainda existentes em nossa sociedade; e refletir sobre a memória e a história do povo negro, bem como suas contribuições para a formação da sociedade brasileira.

Principais atividades

Realização da palestra de um psicólogo sobre o tema “identidade”; exibição do filme *Escritores da Liberdade*, dirigido por Richard Lagravenese e lançado em 2007 nos Estados Unidos, baseado em fatos reais, retratados no livro *Diário dos Escritores da Liberdade*; leitura dos livros *Diário dos Escritores da Liberdade* e *Diário de Anne Frank*, disponibilizados para os estudantes lerem na própria cela, e apresentação de contos, lendas, provérbios africanos, músicas e grandes personalidades negras. Nessa etapa, os estudantes produzem paródias, cordel, textos, poemas e cantos com as músicas “Dandalunda” (Magareth Menezes) e “Jerusalema” (Master KG). Também é realizada a apresentação de danças e esportes de cultura afro; exibição de vídeos e realização de atividades e diálogos. Há palestras sobre religiosidade, plantas medicinais e alimentos de origem africana.

Além disso, há aulas sobre os seguintes temas: conceito de autorretrato e apresentação do trabalho de artistas de outros países; questões socioeconômicas, políticas e principais quilombos do Espírito Santo; religiosidade de matriz africana, programas sociais, como cotas, Prouni, Nossa Bolsa, SISU, ENCEEJA e ENEM;

tratamento da informação e tabulação de dados sobre questões étnicas e violência; cultura: comidas típicas e tipos de arte e produção de bonecas abayomi.

No momento de culminância do projeto, há relatos de experiência, roda de conversa, entrega do chaveiro de bonecas abayomi aos servidores da unidade e apresentação e exposição dos autorretratos.

Metodologia

A metodologia é aplicada de forma interdisciplinar, desenvolvendo atividades que estimulem o processo de exploração de si mesmo, com o objetivo de proporcionar que o indivíduo identifique e demonstre suas próprias características e percepções, buscando explicitar, de forma concreta, o "eu". O autorretrato sempre acompanhou o ser humano no desejo de registrar a própria existência e foi tomando formas diferentes no decorrer do tempo, mas sempre foi visto como uma busca de si mesmo. Durante a produção do autorretrato, os estudantes passam por um momento de autoanálise e, assim, podem se reencontrar nesse constante processo de construção e busca da identidade.

Resultado

O projeto trouxe tanto resultado que extrapolou os muros e as grades da unidade prisional. Foi apresentado para todos os estudantes da escola referência, além de ser apresentado na Superintendência Regional de Educação de Colatina, no dia 7 de dezembro de 2021. O conhecimento do projeto chegou até o Juiz da Comarca de Águia Branca, Ronaldo Domingues de Almeida, que também é membro da Comissão Estadual de Direitos Humanos, parabenizando a ação realizada, com a intenção de promover uma parceria para o desenvolvimento de projetos junto ao município.

Professores envolvidos

Tamiris Ferreira da Silva, Maria Aparecida Santana, Inês Gódio Zotele, Gustavo Vulpi, Ariany Lucindo e Adailton Aguiar de Souza e demais professores envolvidos.

Entre o chão e o céu da escola

O projeto proporcionou descobertas que os estudantes jamais pensaram existir, acreditando mais no potencial de cada um. Foi linda a redescoberta das habilidades na arte, na oratória, na composição de poemas, cordel, na escrita, entre outras atividades. São sonhos, anseios, dores, alegrias e esperança.

As ações com os estudantes privados de liberdade ganham ainda mais emoção na véspera do Dia da Consciência Negra, como símbolo de luta, conquistas e resistência. Como a maioria já havia criado uma perspectiva negativa por estarem detidos, discutir o tema oportunizou os estudantes a falar mais de si, situação comumente evitada devido às regras de segurança. O entendimento e o diálogo com a segurança da unidade prisional foram importantes para o desenvolvimento da ação no ambiente prisional.

O projeto fez com que os estudantes ficassem mais motivados, participativos, sensíveis à escuta e ao diálogo, com maior facilidade de se expressar, de ser quem se é e com projetos otimistas para o futuro.

Educação Escolar Quilombola



“Quando a escola está no quilombo, o quilombo é a escola!”¹: aquilombamento educacional e práticas antirracistas na Educação Escolar Quilombola no Brasil

Maria Páscoa Sarmiento de Sousa²

A frase-título deste texto proferida pela professora quilombola Waldirene Castro durante a **Roda de Diálogos Educação Escolar Quilombola**, realizada em 2022 no Encontro Diálogos para uma Educação Antirracista sob a coordenação do CEERT, resume para nós, quilombolas, os sentidos que a educação escolar possui em nossos territórios de reexistência. Significa com isso que a educação não é nem pode ser apartada de nossa vida cotidiana; ao contrário, a Escola precisa estar em diálogos constantes com a Comunidade e, como proposto por nós na Resolução CNE/CEB 08/2012, em seu Artigo 1º e § 1º o ensino escolar deve fundamentar-se, informar-se e alimentar-se:

- a) da memória coletiva;
- b) das línguas remanescentes;
- c) dos marcos civilizatórios;
- d) das práticas culturais;
- e) das tecnologias e formas de produção do trabalho;
- f) dos acervos e repertórios orais;

1 Frase proferida pela professora Waldirene Castro, do TQ Jambuaçu, município de Moju-PA, durante a Roda de Diálogos.

2 Liderança quilombola do Pará, membra do Coletivo de Educação da CONAQ, professora e pesquisadora graduada em Letras Língua Portuguesa, Mestra em Planejamento do Desenvolvimento (PPGDSTU/NAEA/UFGA) e Doutora em Antropologia (PPGA/UFGA).

- g) dos festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país;
- h) da territorialidade.

Ocorre que, por quase todo o território nacional, não é isso que acontece em nossos quilombos. Portanto, a crítica pertinente da professora Waldirene e das demais presentes nesta Roda de Diálogos pôs em evidência um dos problemas que atinge a Educação ofertada nos territórios quilombolas: a falta de conexão entre a educação ofertada nas escolas e, parafraseando Frantz Fanon, a “vida vivida” em cada comunidade. Em resumo, este foi o problema mais evidente e reportado nas falas de todos os nove participantes que apresentaram projetos e resultados de pesquisas durante o citado evento e pelas pessoas que estiveram participando.

De fato, o Estado brasileiro, ao longo dos dez anos da existência da supracitada resolução que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica (DCNEEQ) (BRASIL, 2012), postou-se inerte no que diz respeito à implementação das DCNEEQ e, obviamente, esquivou-se de oferecer a modalidade de ensino Educação Escolar Quilombola, deixando sua implementação a cargo de professores quilombolas e poucos gestores que se preocupam em ofertar uma educação que tenha por referência o quilombo e sua especificidade e sua potência educadora.

Nosso esperançar (na perspectiva de Paulo Freire) encaminha-se para agir no campo educacional brasileiro através de ações das diversas instituições que construímos ao longo de nossa história, a exemplo da CONAQ e do Coletivo de Educação e das demais instituições coletivas quilombolas que têm feito a resistência em cada lugar do Brasil, propondo agendas para as políticas públicas educacionais. Mas também a agência afrocentrada de pessoas quilombolas e aquilombadas é fundamental para garantir a oferta de uma educação escolar que tenha por base o quilombo e toda a sua simbologia.

Conseqüentemente reiteramos a necessidade de aquilombar a educação, de fazer da força da escola e da educação escolar mais um instrumento da luta antirracista, mais um elemento de subjetivação e de emancipação social, política e econômica de nosso povo, rumo

à Democracia Racial de fato e direito! Os trabalhos e diálogos entrecidos nesta roda evidenciam este aquilombar e anansiar, como propôs nossa Mestra Griôte Zélia Amador de Deus. Que, em nosso futuro ancestral, aquilombemos a Educação e anansiemos na Educação Escolar. Axé!

Quilombo Barro Alto, Salvaterra, Ilha do Marajó – PA, 18 de janeiro de 2023.

PRÁTICAS PREMIADAS

Educação escolar Quilombola

Akotirene Kilombo Ciência – **Omo Ayo Otunja/RS** – Categoria Professor

No Chão da Escola Quilombola: O (Re)significar do Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal De Educação Básica “Pedra Branca” – Vargem Alta/ES – **Janete Vilela de Pascoa/ES** – Categoria Escola

Intercâmbio e cultura: uma análise entre os Quilombos Damásio e Liberdade/MA – **Jacenilde Cristina Braga/MA** – Categoria Professor

Educação antirracista: afrobetizando alunos para a construção de cultura e identidade – **Rosiete Lessa dos Reis Costa/PA** – Categoria Professor



Omo Ayo Otunja

Akotirene Kilombo Ciência

Escola Comkola Kilombola Epê Laiyê, Escola Municipal Liberato Salzano e Escola Estadual Gonçalves Dias (2018-2019).

Triunfo / Rio Grande do Sul

Professora responsável: Omo Ayo Otunjá

Categoria Professor

Projeto

A prática é inspirada na pedagogia do encantamento e dos orixás, considerados professores pela escola. O projeto une saberes diferentes para a formação de seres humanos melhores, incentivando estudantes, principalmente negras e negros, na inserção das ciências exatas, fortalecendo parcerias com as escolas da região metropolitana de Porto Alegre e a Escola Comkola Kilombola Epê Laiyê.

Objetivo

Com o objetivo de manter viva e aplicada a Lei 10.639/2003, a escola quilombola realizou diversas atividades, visando ampliar os horizontes culturais, científicos e tecnológicos. A equipe pretende atingir uma forma simples de integrar e acolher estudantes e professores, chamados de “educamados” e “educamores”, para o enfrentamento dos desafios estruturais do Brasil do Século 21.

Principais atividades

A escola realizou diversas atividades: vivenciou a ciência dos incensos com a secagem das ervas e serragem; trabalhou a energia do ar pela elaboração de móveis que representam o sol, o céu e as estrelas; produziu produtos para limpeza como detergentes e de-

sinfetantes; produziu sabonetes, tinturas e pomadas, utilizando as ervas medicinais e possibilitando o aprendizado sobre elas; realizou uma roda de diálogos com os “educamores” e professores sobre a ciência que habita o quilombo e a valorização das culturas africana e afro-brasileira; realizou encontros com professores, “educamores” e estudantes para organização das vivências e atividades; promoveu encontros com jovens quilombolas e indígenas na comunidade quilombola Morada da Paz, onde estudantes ouviram histórias do povo negro e da comunidade, contadas pela anciã e iyalasè Yashodhan Abya Yala, da Nação Muzunguê, liderança do quilombo; realizou a vivência de sementes na terra como estrelas no céu, a partir da ação ao projeto Zumbi-Dandara. Os materiais serão distribuídos para escolas e comkola, mantendo acesas as culturas africana e afro-brasileira, trazendo a educação ambiental por meio de práticas com as ervas medicinais e o espaço Arakitembo Ti Ossaim (espaço de plantio e colheita, cuidado e zelo com as ervas medicinais, com as bênçãos de Ossaim). Foram desenvolvidos também o caminho das palavras da trilha da paz e o jogo da memória sobre os números trilíngues (yorubá, português e inglês), além da realização de um videodocumentário sobre a educação escolar quilombola e entrevistas com estudantes envolvidos no projeto.

Professores envolvidos

Professora educamor Omo Ayo Otunjá, professora educamor Mako’llê, professora educamor Bolonã, professora educamor Opá Tenondé, professora educamor Akogum, professora educamor Yashodhan Abya Yala, professor educamor Oranyan, professor educamor Baba Kinni, professor Alan Alves Brito, professor Paulo Sérgio da Silva, professora educamor Vijnana, professora Gisele Alt, professora Gisele Porto e professora Jaqueline Franco.

Entre o chão e o céu da escola

As vivências com as ervas medicinais mantêm a comunidade conectada, a partir de práticas e diálogos sobre as sensações que a planta provoca em cada um. A partir dessa e de outras vivências, os estudantes tomaram coragem para falar o que sentem sobre racismo, sexualidade, gênero e juventude.

A escola entende a prática pedagógica proporcionada pelo projeto Akotirene Kilombo Ciência como “uma bênção de possibilidades”, proporcionando alegrias, desafios, alianças e uma porta para que a comunidade continue sonhando com a juventude preta, quilombola e periférica. “Nós podemos mais se estivermos juntos e de mãos dadas.”



Janete Vilela de Pascoa

No chão da escola quilombola: o (res)significar do projeto político-pedagógico da Escola Municipal de Educação Básica Pedra Branca

Escola Municipal de Educação Básica Pedra Branca
Vargem Alta / Espírito Santo
Professora responsável: Janete Vilela da Paschoa
Categoria Escola

Projeto

A escola quilombola se reuniu para a construção de um Projeto Político-Pedagógico (PPP), após uma pesquisa apontar a importância de documentos escolares próprios voltados para as especificidades da comunidade, incorporando sua história, enfatizando processos formativos e promovendo a compreensão sobre a certificação quilombola, assim como a memória coletiva e as raízes ancestrais.

Objetivo

Desenvolver um PPP que contemple as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, ressignificando o documento da escola e incorporando a própria história.

Metodologia

O desenvolvimento das ações se deu em etapas, a partir de encontros com diferentes atores de dentro e de fora do quilombo, professores, funcionários, equipe da Secretaria Municipal de Educação, pais, liderança da comunidade, conselho de escola e equipe da Gerência de Educação do Campo, Indígena e Quilombola e, ainda, a Coordenação Nacional de Articulação de Quilombos.

Principais atividades

O PPP foi reestruturado, e foi também promovido um concurso de Boas Práticas e Experiências Pedagógicas para a Educação das Relações Étnico-Raciais, incentivando os estudantes a apresentar projetos desenvolvidos no âmbito escolar que tratam da implementação da Lei nº 10.639/03, que obriga o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. Além disso, foi instituído o Processo Seletivo Simplificado para Contratação de servidores em Designação Temporária do município para o ano letivo de 2022, atendendo à Resolução CNE/CEB Nº 8, de 20 de novembro de 2012, que dispõe sobre a contratação de profissionais para escolas quilombolas oriundos do próprio território ou ainda, na falta desses, profissionais qualificados para atuar no âmbito da escola quilombola.

Resultados

A proposta de reestruturação do PPP atingiu o objetivo de desenvolver documentos escolares próprios voltados para as especificidades da comunidade, enfatizando o processo de formação, compreensão sobre a certificação quilombola, assim como a memória coletiva e as raízes ancestrais. Além disso, a promoção de um concurso de boas práticas e experiências pedagógicas para educação das relações étnico-raciais trouxe como resultado o incentivo aos estudantes de apresentar práticas e experiências desenvolvidas no âmbito escolar, que tratem da implementação da Lei 10.629/03, cumprindo a obrigatoriedade do estudo da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena" e contribuindo para a promoção da educação das relações étnico-raciais, assim como incentivando a realização de práticas e experiências pedagógicas antirracistas na escola situada na comunidade quilombola e em todas as outras escolas da rede municipal de ensino. Como resultado, também houve a contratação

de profissionais oriundos da comunidade quilombola ou ainda, na falta desses, aqueles profissionais qualificados para atuar no âmbito da escola.

Professores envolvidos

Janete Vilela da Paschoa, coordenadora pedagógica e pesquisadora de estudos afro-brasileiros e africanos, e Michele de Oliveira Sampaio, secretária municipal de Educação.

Entre o chão e o céu da escola

As ações surgiram a partir de olhares que, juntos, produziram novos conhecimentos, impulsionaram desconstruções necessárias e permitiram (res)significar o Projeto Político-Pedagógico (PPP) de uma forma que poderá reverberar outras ações, outros olhares e outras possibilidades de uma educação igualitária e antirracista.

Os estudantes puderam revisitar memórias coletivas dentro do espaço escolar e conhecer e compartilhar histórias de lutas e resistências, assim como da ancestralidade.

Após a conclusão do PPP, os estudantes perceberam que os professores iniciaram um trabalho escolar voltado para eles e estão mais dispostos e motivados. O sorriso no rosto e o abraço apertado mostram que todos fazem parte.



Jacenilde Cristina

Intercâmbio e cultura: uma análise entre os quilombos Damásio e Liberdade-MA

Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – Unidade Plena Itaqui Bacanga – IEMA

São Luís / Maranhão

Professora responsável: Jacenilde Cristina Braga Soares

Categoria Professor

Projeto

O Estado do Maranhão possui a terceira maior população negra do Brasil. Isso se reflete diretamente nos ambientes escolares, mas não se reproduz nos níveis de ensino mais elevados. O projeto visa impactar positivamente a autoestima dos estudantes quilombolas da escola, resgatando, valorizando e disseminando conhecimentos a respeito da cultura dos povos quilombolas.

Tudo isso acontece com base na comparação entre diferentes histórias de resistência: um quilombo na zona rural e outro na área urbana periférica, bem como pelo fortalecimento da autoestima da população voltada para uma melhor perspectiva de vida, pensando no presente e no futuro.

Principais atividades

A primeira fase está sendo realizada na disciplina eletiva “Aquilombar”, com a análise do processo histórico e cultural das comunidades

quilombolas. Para entender as relações culturais entre as comunidades quilombolas, será realizada a visita de campo.

Ela servirá para a realização da roda de conversa. Na ocasião, os estudantes vão participar, conhecer e relacionar as culturas das duas comunidades.

Dessa forma, poderão compreender a história ancestral, a cultura e os costumes dos quilombos. Por fim, haverá filmagens das atividades que servirão para a construção do curta-metragem produzido pelos próprios estudantes. O filme será apresentado para toda a comunidade escolar e para os familiares, assim como para os parceiros envolvidos no projeto.

Metodologia

Os componentes curriculares envolvidos abordam a temática de acordo com as competências e as habilidades que os estudantes precisam alcançar. O saber é construído por meio de metodologias ativas, tais como leitura e discussões em grupo, debates, metodologia Jigsaw, padlet das rubricas e avaliações processuais. Como a escola possui grade curricular, o projeto foi inserido dentro da rotina pedagógica e do planejamento anual.

Resultados

Por meio da narrativa transmídia, os estudantes utilizam diferentes linguagens midiáticas para sistematizar e divulgar as etapas de sua aprendizagem pelas redes sociais e tecnologias digitais como Instagram, YouTube, Tiktok, WhatsApp e outras.

Professores envolvidos

Jacenilde Cristina Braga Soares, Francilma Ronetia Barbosa, Elson Natanael Moreira da Silva, Anna Célia Correa Mendes; e Amnom Costa Sousa.

Entre o chão e o céu da escola

No chat do ambiente virtual síncrono do intercâmbio realizado entre os estudantes, surgiram escritas racistas. A maioria da turma ficou indignada, falou abertamente sobre o assunto e tomou decisões coletivas.

De acordo com a escola, o senso de justiça foi ampliado, pois no passado o racismo recreativo era minimizado na história de vida de quem foi vítima, e se esperava um posicionamento apenas do/a professor/a para tomada de decisões.

Outra mudança observada após o desenvolvimento do projeto foi que estudantes do candomblé e da umbanda passaram a se apresentar no Intercâmbio com estima e orgulho de pertencimento, ensinando o grupo sobre as vestimentas.

Um dos resultados concretos foi a segurança que uma estudante iniciada no Candomblé teve ao ir de branco para a escola, todos os dias, sem medo de sofrer discriminação por parte da comunidade escolar.

O convívio entre estudantes dos dois continentes trouxe outros aprendizados, como a percepção de que África não se resumia a toda aprendizagem midiática e o desvendar de histórias em comum entre os dois territórios, muitas vezes negada e soterrada pelo eurocentrismo.



Rosiete Costa

Educação Antirracista: Afrobetizando alunos para a construção de sua Cultura e Identidade

Escola Municipal de Ensino fundamental São Judas Tadeu
Bujaru / Pará

Professora responsável: Rosiete Lessa dos Reis Costa

Categoria Professor

Projeto

O projeto diz respeito ao reconhecimento e à valorização de características étnicas e culturais dos diversos grupos sociais que constituem o povo brasileiro. Promove a abordagem crítica em relação às desigualdades socioeconômicas e relações sociais discriminatórias e excludentes.

Objetivo

O objetivo da escola quilombola é possibilitar o reconhecimento de pessoas negras na cultura brasileira, reconhecendo seus valores e tornando-as capazes de interagir e garantir seus direitos e deveres como cidadãos na sociedade.

Atividades desenvolvidas

Entre as principais atividades desenvolvidas está a apresentação do

projeto à comunidade escolar e uma formação para os professores da escola com o tema “Educação Antirracista e a aplicabilidade da Lei 10.639/2003”.

Na formação, é destacada a importância da educação antirracista e a relevância de novos métodos e práticas educativas, na construção de um novo diálogo, onde as vozes serão ouvidas e outras histórias serão contadas e vividas, transformando os sujeitos em leitores(as) do mundo e agentes de transformações.

Metodologia

O trabalho acontece em três etapas: na primeira, são discutidos os conceitos e a importância da Educação das Relações Étnico-Raciais e a aplicabilidade da Lei 10.639/2003, promovendo a alfabetização e o letramento racial.

Na segunda etapa, os estudantes são levados a campo para reconhecerem e entenderem o processo de aprendizagem por meio de uma educação transformadora, partindo de seus conhecimentos e suas vivências.

Já na terceira etapa, são realizadas oficinas e exposições das atividades que foram desenvolvidas no decorrer do projeto.

Resultados

Com o projeto ainda em andamento, a escola já conseguiu despertar nos estudantes e nos membros da comunidade um grande envolvimento, a partir da reflexão sobre o quanto é importante a apropriação da cultura e da identidade, aguçando a curiosidade pelo conhecimento de sua historicidade.

Entre o chão e o céu da escola

Uma viagem no tempo de muita luta e resistência, a uma ancestralidade rica de conhecimento. Momentos de estudo e pesquisa proporcionaram aprendizados e descobertas aos educadores, a partir do contato com pessoas de dentro e de fora da comunidade. Como resultado, uma mistura de sentimentos e aprendizados tomou conta.

Para a escola, a principal transformação foi descobrir o grande potencial de conhecimento dos professores, a partir da renovação e da esperança de que é possível mudar a história e transformar pessoas pela educação antirracista – além da participação dos estudantes nas oficinas, jogos e danças.

Felicidade e sonho realizado são as palavras escolhidas pela escola para expressar a sensação de desenvolver um projeto instigante para as crianças desde a Educação Infantil, que se apropriam e conhecem a própria cultura e identidade.

PRÁTICAS FINALISTAS

Educação escolar Quilombola

A trajetória do movimento quilombola em Tinguá (PA) – **Cláudia Laurido Figueira/PA** - Categoria Professor

Ser QUILOMBOLA: Identificação de uma comunidade negra – **Rodrigo Rodrigues Gomes** - Categoria Professor - Projeto

Identidade, Resistência, Educação Quilombola: Catucateca nos Terceiros – **Vanderlúcia Cutrim de Sousa** - Categoria Escola - Gestão com Equidade e Antirracista e Antirracista



A trajetória do movimento quilombola em Tingu (PA)

Escola Estadual de Ensino Médio Álvaro Adolfo Silveira
Santarém / Pará

Professora responsável: Cláudia Laurido Figueira
Categoria Professor

Projeto

O projeto surgiu da necessidade de discutir o protagonismo político dos quilombolas e desconstruir a visão folclórica do negro, tendo em vista as recomendações da Lei 11.645/2008. O movimento quilombola contemporâneo traz para o contexto escolar a urgência de rever as narrativas históricas oficiais e colocar em evidência as experiências dos afrodescendentes.

A motivação para a escolha da temática quilombola partiu da necessidade de abordar na escola as experiências de vida das lideranças quilombolas que participaram do processo de autoidentificação em Tingu, no Pará, além de compreender a história local considerando temas étnico-raciais, como prevê a lei.

Objetivo

O propósito da pesquisa consistiu em analisar a trajetória do movimento quilombola de Tingu, considerando as estratégias de luta e os desafios enfrentados pelos quilombolas, possibilitando identificar

os quilombos existentes em Santarém e refletir sobre os desafios enfrentados pelos quilombolas de Tingu atualmente.

Principais atividades

Para desenvolver o projeto, foram realizadas reuniões com os estudantes para planejamento e estudo de textos, seguidas de pesquisa nos arquivos do Instituto Cultural Boanerges Sena (ICBES). Após o levantamento de dados, os estudantes participaram de reunião na Federação das Organizações Quilombolas de Santarém (FOQS) e no quilombo Tingu, para apresentar o projeto e solicitar permissão e apoio para desenvolver o estudo no quilombo.

Após essa etapa, foram realizadas entrevistas com lideranças nos meses de maio a agosto. Em seguida, as entrevistas foram transcritas. Os integrantes da pesquisa realizaram oficinas de história oral na escola e participaram de oficinas de produção de vídeo e fotografia. Após as oficinas, os estudantes produziram filmagens com as lideranças, que resultaram em um vídeo de 15 minutos. O resultado da pesquisa foi socializado na Feira de Ciências da escola, na II Feira de Ciência e Tecnologias Educacionais da Mesorregião do Baixo Amazonas (FCITBA) e no quilombo Tingu.

Metodologia

A pesquisa no quilombo Tingu, desenvolvida em 2019, seguiu estas etapas: estudo de textos que abordaram temáticas do negro na Amazônia e a metodologia da história oral; reuniões com lideranças para discutir a viabilidade da pesquisa; entrevistas com lideranças considerando três eixos: as lembranças dos antepassados, a trajetória do movimento quilombola em Tingu e os desafios e conquistas do movimento quilombola e produção do vídeo Quilombo Tingu: lutas e conquistas.

Resultados

O projeto possibilitou aos estudantes o conhecimento da luta quilom-

bola de Tingu e mostrou que as histórias de vida dos interlocutores foram marcadas por trabalho, luta e privações sociais.

Os quilombolas encontram nas histórias passadas o sentido da luta quilombola pela titulação de terras e por políticas públicas, como o direito à educação, bastante enfatizado nas narrativas. O trabalho de campo possibilitou entender os motivos que justificam a luta quilombola e criou um sentimento de empatia pela causa e a responsabilidade social em divulgá-la para outras pessoas.

Professores envolvidos

Cláudia Laurido Figueira e demais professores envolvidos.

Entre o chão e o céu da escola

Foram marcantes as visitas ao quilombo. O trabalho de campo possibilitou que os estudantes refletissem sobre o modo de vida e as lutas dos quilombolas. Além disso, ao se ouvirem as narrativas de homens e mulheres que se posicionam politicamente, desconstruiu-se a ideia de que os quilombolas “tinham privilégios”. O trabalho de campo possibilitou entender os motivos que justificam a luta quilombola e criou um sentimento de empatia com a causa e a responsabilidade social em divulgá-la a outras pessoas.

A experiência desenvolvida no quilombo Tinguu possibilitou compreender as dinâmicas do movimento quilombola contemporâneo na Amazônia e a importância de propor o debate dessa história no ambiente escolar, pois permitiu que um dos estudantes participasse do XV Encontro Nacional de História, em 2020, no simpósio “Ensino de História e comunidades tradicionais: memórias, saberes e práticas culturais”. Portanto, a prática desenvolvida no chão de uma escola pública ultrapassou os muros, interligando escola, quilombo e universidade.

Ser quilombola: identificação de uma comunidade negra

Escola Municipal Nailse Pereira Santos de Santana
Ruy Barbosa / Bahia
Professor responsável: Rodrigo Rodrigues Gomes
Categoria Professor - Projeto

Projeto

Anualmente, a cidade reúne os trabalhos desenvolvidos nas escolas em uma ação que promove a troca entre os participantes. Foi nesse momento que o grupo, reconhecido como Comunidade Quilombola desde 2017, sentiu-se integrado por um povo e uma cultura diferentes das demais escolas do município.

Por isso decidiu desenvolver ações não somente no, mas também antes do, Dia da Consciência Negra. Foram abordados temas como cultura, religião e raízes históricas da comunidade, ainda não reconhecida ou aceita por algumas pessoas.

Objetivo

Desenvolver, trabalhar, identificar, criar, resgatar e garantir o cumprimento dos direitos e deveres da Comunidade Quilombola do Bairro Flores, assegurados na Lei Federal 10.639/03, como parte de um reconhecimento histórico do Estado Brasileiro. O trabalho é realizado de forma que a escola toda possa participar, desde a Educação Fundamental I até o Ensino Médio.

Principais atividades

O projeto ainda está em fase de construção.

Metodologia

A metodologia utilizada se baseia no modelo metodológico de ensino Montessori e também na metodologia freiriana, que se complementam. O grupo entende que as experiências são a melhor forma de aprendizado, já que unem diferentes disciplinas. No modelo freiriano,

a proposta se baseia na ideia de que os estudantes compreendam os aspectos da vida em sociedade, fazendo uma "leitura do mundo", antes de entrarem em contato com a realidade.

A metodologia traz a abertura de conhecer o outro, dando espaço para a vivência de cada um em sala de aula para assim construir o projeto, pois este é ponto central: ser e aceitar quem se é.

Resultados

A escola entende que a aplicação do projeto trará um grande valor histórico e cultural, pois faz toda a diferença conhecer as raízes e a ancestralidade.

Entre o chão e o céu da escola

A escola está localizada em um território onde há seis comunidades indígenas em processo de demarcação e, por isso, já concentrava certo conhecimento no tema. O resultado da visita dos estudantes a uma delas foi surpreendente, pela admiração de alguns deles.



Identidade, Resistência, Educação quilombola: Catucateca nos Terreiros

UEF Catucá

Bacabal / Maranhão

Professora responsável: Vanderlucia Cutrim de Sousa

Categoria Escola

Projeto

Desenvolvida a partir da necessidade de promover entretenimento e ludicidade durante as aulas remotas na pandemia, a Catucateca nos Terreiros é uma ferramenta pedagógica que contribui para a formação de novos leitores que intervirão de forma direta no meio em que vivem, contribuindo para o desenvolvimento do quilombo.

Tem em sua gênese a resistência contra-hegemônica de monopolização do conhecimento, fomentando o empoderamento dos quilombolas, sejam crianças, jovens ou adultos, discentes ou não da UEF Catucá. Também se propõe a criar mecanismos que possam colaborar com o desenvolvimento cognitivo, artístico e social do povo quilombola e não quilombola, tornando-se um espaço público que contribui para a emancipação onde a simplicidade aflora de forma positiva, criativa e inovadora em pleno ano pandêmico de 2021.

Objetivo

O projeto tem o objetivo de despertar e fortalecer o interesse pela leitura sobre a temática das Relações Étnico-Raciais e de outras etnias, bem como fomentar um processo educativo referente à formação de leitores e de usuários que possibilitem a preservação dos acervos como patrimônio público e de uso coletivo.

Principais atividades

As ações propostas pelas coordenações das educações do campo e quilombola são desenvolvidas pelas professoras da Educação Infantil e Ensino Fundamental I por meio de ações da Catucateca nos Terreiros, como contações de histórias; rodas de discussões sobre gênero e sexualidade; realização de leitura pelas crianças aos horticultores no momento em que executam o trabalho na horta; atividades artísticas, como pinturas de panos, desenhos, penteados afro, oficina de tambor de crioula, dança afro e releituras de obras de arte; e intercâmbio cultural entre escolas da zona urbana e a UEF Catucá.

Metodologia

A princípio, foram distribuídos livros paradidáticos juntamente com os livros didáticos e atividades, acompanhados de uma ficha de leitura para as crianças. O acervo era cuidado e substituído semanalmente pelos estudantes. Posteriormente, o acervo foi disponibilizado em esteiras, balaios e cavaletes no terreiro da escola diariamente, onde o empréstimo é registrado em um caderno de protocolo pelos próprios usuários, existindo também a caixinha de avaliação para a comunidade.

Resultados

Como resultado, houve o reconhecimento como o único quilombo que possui uma biblioteca de cunho escolar/comunitário exposta no terreiro; o aumento da frequência da leitura deleite pelas mães com as crianças à noite, fortalecendo vínculos familiares; a valorização da identidade cultural, religiosa e artística, perceptível nas brincadeiras no campo de futebol no fim da tarde, na sala de aula ao esperar pela professora, nos jogos de tabuleiro, na dança do terecô e nos meninos que se recusam a cortar os cabelos por se identificarem com os fios crespos ou cacheados.

Professores envolvidas

Dulcivania Cutrim dos Santos, Elizete rodrigues e Valdermocislana Rodrigues Costa.

Entre o chão e o céu da escola

As aulas do período da tarde têm início às 13h15, mas os estudantes costumam chegar às 12h20. Chegam trazendo saias, elementos usados na umbanda e tambores. Iniciam o culto religioso cantando músicas dos guias que incorporam em seus familiares, enquanto outros leem e jogam Mancala. A escola enxerga o momento como a certificação de ser um espaço laico, onde cada uma/um pode ser quem é.

Os livros reunidos pelo projeto já são disputados. Com cheiros, sabores, ritmos e cores, as obras encantam, despertam e fortalecem a potência do povo. É compreendido que a escola precisa ser um espaço de amorosidade, de trocas afetivas e de fortalecimento do aprendizado adquirido em outros espaços. Uma das maiores belezas é o zelo que a comunidade tem com o patrimônio, seja religioso, cultural ou artístico.

FK prevenção, resistência e identidade: promovendo uma educação antirracista em nossa escola

Escola Estadual de Ensino Médio Frederico Kops
Sinimbu/RS

Professora responsável Viviane Henn
Categoria Gestão

Projeto

Em pesquisa realizada pela escola localizada em Sinimbu (RS), de um total de 210 alunos de ensino médio, apenas 6 se autodeclararam pretos. Seis meses depois, ao repetir a pesquisa, a escola observou que o número havia subido para 15 alunos. A escola identificou que os estudantes eram vítimas de racismo.

Entendendo a importância de incentivar os alunos a assumirem lugar de fala e protagonismo em suas vidas, livrando-se de barreiras impostas desde a infância, a instituição de ensino desenvolveu um projeto visando mudar tal realidade. A ideia foi trazer à tona debates como ancestralidade, identidade, autodeclaração, lugar de fala e autoestima, uma vez que a escola está inserida em um município com a maioria da população de descendência germânica.

Objetivo

Desenvolver consciência crítica e histórica sobre a diversidade étnico-racial e/ou de gênero e promover a equidade racial na educação básica nos marcos da Lei 10.639/2003-11.645/2008; reduzir as desigualdades raciais e de gênero na escola e contribuir para a redução do preconceito e discriminação racial, bem como a promoção da convivência por meio do respeito à diversidade.

Principais atividades

Foram realizadas as seguintes atividades: Criação do "Comitê da Diversidade", onde os alunos podem sugerir palestrantes, textos e vídeos que trabalhem a temática; Gincana AfroKops; divulgação de cotas raciais e de gênero para as universidades e concursos públicos; workshops que tratem sobre a autoestima da população negra; pintura mural das paredes da escola com a temática da equidade racial e de gênero; pesquisas, apresentações, folders, criação de aplicativos e blogs que tratem da temática; shows da dança e de música; bate papo sobre religiões de matriz africana e afro-brasileiras; palestra com advogado sobre a Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989; formação pedagógica constante para os professores e demais profissionais que trabalham na escola, bem como reuniões por área; troca de vivências entre professores e experiências exitosas sobre o assunto; aquisição de material bibliográfico com pessoas de renome na área e exposição de materiais sobre a produção negra na escola.

Metodologia

Divulgação com professores e alunos, incluindo redes sociais; sensibilização da comunidade escolar; inclusão da temática da equidade racial e de gênero nos eventos que ocorrem na escola, como celebrações, palestras, conversas, bem como aquisição de material bibliográfico para o estudo do tema e produção e distribuição de materiais pedagógicos entre a comunidade escolar e o município onde a escola está inserida.

Foi utilizada pesquisa quantitativa, perguntando sobre a autodeclaração de alunos e professores; sobre a importância ou não da realização do projeto na escola, sobre considerar-se racista ou não, sobre acreditar se existe racismo na escola, se já presenciou ou sofreu racismo na escola, se já realizou alguma atividade com algum professor relacionado ao tema e qual é o papel das pessoas brancas no combate ao racismo. Além das perguntas, foi realizada a formação de professores e funcionários e palestras com pessoas que possuem experiência na área.

Resultado

A população que se autodeclara preta na escola tem aumentado

consideravelmente, uma vez que alunos que antes se autodeclaravam pardos, agora passaram a se autodeclarar pretos. Além disso, os alunos passaram a debater mais sobre as questões de gênero e raça, pesquisaram sobre os assuntos e conseguiram emitir e sustentar opiniões, como por exemplo, a política de cotas. Os alunos pretos dificilmente inscreviam-se em concursos de beleza, talentos, bem como atividades extraclasse, o que vem mudando, pois muitos já estão se destacando positivamente neste sentido. Observa-se que estão se sentindo representados e valorizados.

Professores envolvidos

Cristina Nonnenmacher e demais professores envolvidos.

Entre o chão e o céu da escola

Que atitudes estamos tomando para tornar nossa escola, de fato, acolhedora? Que atitudes estamos tomando para nos tornarmos uma escola que trabalha a educação antirracista? E mesmo antes disto, somos uma escola onde existe racismo? Todas estas perguntas foram muito importantes para que a escola pensasse sobre a comunidade escolar e olhasse para dentro.

“Minha luta diária é para ser reconhecida como sujeito, impor minha existência numa sociedade que insiste em negá-la”. Segundo as educadoras envolvidas na iniciativa, a escola usa como inspiração a frase de Djamila Ribeiro. O projeto surgiu da angústia com a pouca autodeclaração de alunos negros, mas já se percebe uma mudança a partir dos primeiros passos dados pela escola. No desenvolvimento da gincana Afrokops, onde uma das tarefas era procurar Griôs na comunidade, os alunos trouxeram relatos muito significativos e começaram a perceber a importância da sua história para a história da comunidade sinimbuense.

As educadoras acreditam que o projeto mexeu com a estrutura pedagógica da escola, quando toda a comunidade pensou em ações antirracistas e planejou mais ações a serem desenvolvidas nos próximos anos, visando se tornar referência na educação antirracista da região.

Igualdade de Gênero



Interseccionalidades na Educação

Giselle dos Anjos Santos

Historiadora e ativista. Especialista em Interseccionalidades.

O Prêmio Educar, que está completando 20 anos, passou por muitas adaptações ao longo da sua história, e a construção de um enfoque para a questão da interseccionalidade é uma delas.

Desde o princípio da premiação foram submetidas práticas que versavam acerca das questões de gênero, porém, de modo tímido. Ou no mínimo a presença deste debate ainda estava muito aquém do espaço que poderia ter, tendo em vista, o grande percentual da participação de professoras e gestoras como proponentes. Especialmente as mulheres negras, responsáveis por mais de 50% das Práticas Cases (finalistas e premiadas).

Na 7ª edição da premiação em 2014, o CEERT se colocou o desafio de desenvolver uma subcategoria de Gênero e Raça, justamente para estimular e acolher de modo mais assertivo as práticas que versassem sobre a interseccionalidade. Com isto, o próprio nome desta iniciativa foi alterado, para: Prêmio Educar para a Igualdade Racial e de Gênero.

Esta primeira tentativa foi uma grande oportunidade, para o nosso aprendizado e leitura do cenário. Recebemos práticas pedagógicas interessantes, mas sabíamos da possibilidade de ampliação e aprimoramento da perspectiva interseccional.

Eis que os oito anos que separaram a 7ª e a 8ª edição do Prêmio, foi um período de efervescência da temática da interseccionalidade. Este acúmulo, fruto da atuação de ativistas e intelectuais negras, vem resultando em uma maior visibilidade para o tema no debate público, mais publicações, traduções, etc. Ainda que no campo da educação tenhamos vivido um período de grandes retrocessos, inclusive, com a perseguição contra a questão de gênero no cenário escolar.

Contudo, a 8ª Ed. do Prêmio Educar revelou que a disputa está dada. Pois, mesmo frente as adversidades, inúmeras professoras estão empreendendo trabalhos inovadores, com viés interseccional.

Tal como está explícito nos trabalhos das premiadas e finalistas que será apresentado a seguir, que abordaram questões como a história e a produção intelectual de mulheres negras, por exemplo.

Foi com grande alegria que recebemos práticas pedagógicas que desenvolveram a perspectiva interseccional de modo tão qualificado, com o destaque de terem sido empreendidas na formação de crianças. Desta forma, as professoras que protagonizaram essas atividades demonstraram que é possível colocar em prática de modo simples e criativo, o que conceitualmente pode parecer complexo.

O debate da interseccionalidade precisa ser ampliado na educação, justamente por possuir um grande potencial no sentido de alargar a compreensão sobre as complexidades que permeiam o ambiente escolar, além de possibilitar a desconstrução de valores arraigados, incidindo na constituição das relações dentro e fora dos muros da escola.

Ou seja, apostar na interseccionalidade é investir em uma educação e numa sociedade mais justa. E o CEERT se compromete em seguir atuando em prol deste compromisso!

PRÁTICAS PREMIADAS

Igualdade de gênero

Mulheres negras símbolo de luta e resistência uma fonte de inspiração – **Fernanda da Silva Santos**/SP – Categoria Professor

A literatura escrita por mulheres negras: uma experiência de leitura na alfabetização – **Danielle Aparecida Barbosa Cardoso**/MG – Categoria Professor



Fernanda Silva dos Santos

Mulheres negras, símbolo de luta e resistência, uma fonte de inspiração

EMEI Cidade Ademar III

São Paulo / São Paulo

Professora responsável: Fernanda Silva dos Santos

Categoria Professor

Projeto

O projeto visa elevar a autoestima das crianças, em especial das meninas negras, por meio do empoderamento, do conhecimento e do reconhecimento dos feitos realizados por mulheres negras, em suas escritas, vivências e ascensão.

Objetivo

O objetivo é desconstruir estereótipos a partir da literatura negra, proporcionando a representatividade e a visibilidade dessas mulheres pelas crianças, fugindo do padrão e da cultura eurocêntrica impostos ao consumo diário dentro e fora do espaço escolar.

Principais atividades

As atividades envolveram rodas de música, leitura de histórias e vídeos sobre as mulheres estudadas no projeto, além de pesquisas na internet onde as crianças puderam apreciar falas, imagens, poemas e minibiografias. Foram realizadas conversas sobre as obras e uma

mostra cultural com construção de maquete, pinturas dos desenhos de cada mulher escolhida por sala, além da interação entre os grupos, compartilhando as histórias de cada uma delas.

Os trabalhos renderam uma apresentação a toda a comunidade escolar, com base nas escritas literárias afro-brasileiras, além da oficina de dança africana, pinturas faciais utilizadas na Nigéria, capoeira e toques de instrumentos percussivos de origem africana. Sendo assim, foi possível criar espaços para manifestações artísticas que proporcionaram reflexão crítica da realidade e afirmação positiva dos valores culturais negros pertencentes à nossa sociedade.

Metodologia

Para a realização do projeto, a escola fundamenta as discussões nas bibliografias existentes das mulheres escolhidas pelas crianças, que se deram após interação realizada coletivamente. Para isso acontecer, foi apresentado um levantamento de minibiografias de mulheres inspiradoras, possibilitando uma aprendizagem em conjunto e uma análise reflexiva sobre o contexto abordado. O estudo teve suporte nos fundamentos teóricos de mulheres como Dona Ivone Lara, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Dandara dos Palmares.

Resultados

Ao final do projeto, a escola notou uma melhor interação entre os grupos, admiração e respeito por pessoas negras, sua cultura e história de vida, principalmente nas falas sobre a pele e os cabelos. Houve uma elevação na autoestima das meninas negras e o fortalecimento de suas identidades, que foram notados pelo cuidado e pelo respeito ao próximo. As histórias dessas mulheres negras possibilitaram às crianças uma visão ampliada de mundo, conquistando conhecimento, respeito e admiração pela diversidade cultural e étnico-racial.

Professoras envolvidas

Fernanda Silva dos Santos, Janaina Raquel da Silva Carvalho, Jucilene Pereira de Oliveira, Luciene Duarte Batista, Sabrina Ponti de Almeida Pagni, Ian Vinícius Guimarães dos Santos Rusig e demais professores envolvidos

Entre o chão e o céu da escola

Dandara foi a figura escolhida pelas crianças para representar a turma. Uma mulher negra e guerreira do período colonial do Brasil, que lutava e protegia o seu povo. "Ela era forte, né, prô?", indaga um estudante.

Tal inspiração resultou em relatos genuínos e cheios de significado, como o de uma menina presenteada pela família com uma boneca preta, admirada pela cor da pele e pelo cabelo do novo brinquedo.

Ao compartilhar histórias de mulheres negras com os estudantes, viu-se nas crianças uma grande admiração pelas personagens, abrindo a possibilidade de recontar a história retirada do povo negro.



Danielle Cardoso

A literatura escrita por mulheres negras: uma experiência de leitura na alfabetização

Escola Municipal Florestan Fernandes

Belo Horizonte / Minas Gerais

Professora responsável: Danielle Aparecida Barbosa Cardoso

Categoria Professor

Projeto

O projeto é uma prática de leitura elaborada a partir de estudos sobre relações étnico-raciais e de gênero. As crianças em fase de alfabetização tiveram contato com a literatura escrita por mulheres negras, para que, conferindo visibilidade a essas autoras, pudessem se identificar com elas e se projetar em espaços diferenciados na estratificação social, além de potencializar mulheres da própria comunidade escolar e ampliar o repertório literário e linguístico das crianças, colaborando na construção de identidades e autoestima.

Objetivo

Colaborar para a construção de identidades e autoestima de crianças negras, garantir que as crianças tenham contato com a literatura escrita por mulheres negras, reconhecer a mulher negra como produtora de literatura, valorizar figuras femininas no ambiente escolar e na comunidade e ampliar repertório linguístico das crianças.

Atividades

Entre as atividades desenvolvidas estão a leitura de obras literárias e conversas sobre os textos lidos, assim como a organização de um chá com mulheres familiares das crianças, piquenique com uma autora negra e produção de murais, ilustrações e convites.

Ao ler os livros para a turma, não foram consideradas somente a alfabetização e a ampliação do vocabulário previstas no currículo escolar, mas também a descoberta da negritude, das formas como mulheres afro-brasileiras lidam com a natureza, como elas internalizam e externalizam o afeto, o conhecimento de histórias de resistência, a apreciação de estéticas e poesias, a valorização de religiões de matriz africana e diferentes cosmovisões. Apreciamos a “delícia” que é falar sobre a culinária de origem negra. Todos os temas se entrelaçam em um só ponto: a mulher negra.

Metodologia

A principal metodologia utilizada foi a leitura por fruição (leitura deleite). A professora atuou como observadora participante enquanto lia para as crianças os livros escritos por mulheres negras, com histórias que se aproximavam do universo infantil. Ainda foram levantadas questões relacionadas à resistência do povo negro, seja pelo trato dos cabelos, até pelas relações com parentes, a musicalidade e a religiosidade ensinadas pelos ancestrais e as tradições orais.

Resultados

Após a prática, a turma passou a escolher o livro pela foto que alguns títulos apresentam na contracapa e a procurar por obras cujas fotos mostrassem mulheres negras. Os estudantes utilizavam marcas da linguagem escrita formal em suas produções escolares e, ainda, foi possível observar uma capacidade de reflexão por parte das crianças sobre temas relacionados ao universo feminino.

PRÁTICAS FINALISTAS

Igualdade de gênero

Chama Violeta - Maria Gabriela Pires de Souza/RS - Categoria Professor - Práticas

pode conseguir prevenir a violência sexual e possivelmente ajudar a salvar vidas de crianças, adolescentes e mulheres. A escola entende que é preciso escutar as vozes das estudantes que mostram como é “Lutar como uma guria”!

Objetivo

O projeto tem o objetivo de promover ações, por meio da leitura literária, para prevenir e combater o abuso sexual contra crianças, adolescentes e mulheres, principalmente com o aumento dos índices de violência sexual na pandemia. A escola entende que o assunto precisava ser discutido na comunidade, principalmente em sala de aula.

Principais atividades

As estudantes do coletivo Luísa Marques planejaram, juntamente com a biblioteca, a semana “Chama Violeta”, com contação de histórias por meio da literatura indígena, negra e afetiva. Além disso, a escola realizou rodas de conversa, lives e palestras sobre o combate à violência sexual contra crianças, adolescentes e mulheres. Na mesma semana, as estudantes trouxeram outras duas temáticas que envolvem violências de gênero: a saúde menstrual e a gravidez na adolescência.

Metodologia

Enxergar os estudantes com empatia, colocar-se no lugar deles, refletir e discutir as etapas de compreensão do grupo foram posturas adotadas pela escola para oportunizar a ligação entre a experiência docente e as linguagens de expressão e vivências do coletivo. O contexto pandêmico exigiu mudanças da prática, e os olhares foram diferenciados nas diversas situações de aprendizagem. A escola utilizou a metodologia Design Thinking, visando estimular o desejo de aprender e explicitar a relação com os saberes de cada um, além de encontrar intencionalidade do projeto de pesquisa e buscar referências para a ancoragem teórica.

Resultados

Os relatos de abusos sexuais contra crianças e adolescentes são numerosos. Com o projeto, a escola percebeu que há receio em abor-

dar o assunto. Também ficaram evidentes as limitações formativas. O Chama Violeta possibilitou uma reflexão sobre a necessidade de incluir a temática do gênero e da sexualidade no currículo escolar e, efetivamente, no fazer pedagógico de sala de aula.

Em relação aos estudantes e à comunidade, foi relevante atuar para que as famílias compreendessem a importância de falar sobre o assunto em sala de aula e de como essa ação pode orientar as crianças sobre consentimento e prevenir abusos. Foi preciso romper tabus e medos de falar sobre o corpo e a sexualidade para buscar maneiras de informar a comunidade escolar. Além disso, o projeto trouxe informações de como denunciar a violência sexual e apresentou modalidades de conversas com crianças, adolescentes e famílias.

Escritores, psicólogos e conselheiros tutelares também mostraram interesse e divulgaram o projeto. No Salão Jovem UFRGS, os estudantes receberam elogios de professores universitários pela aplicação do método científico para propor mudanças sociais. Também receberam o prêmio Criativos da Escola 2020, como proposta de transformação da sua realidade no eixo Igualdade.

Entre o chão e o céu da escola

As estudantes do grupo de mediadoras de leitura Luísa Marques realizaram a contação de história do livro *Leila. Escrita no gênero textual fábula, trata dos impactos psicológicos que uma situação de abuso provoca na vítima. Além disso, incentiva a busca de ajuda e o apoio de amigos, colegas e de pessoas que possam estabelecer uma escuta responsável.*

Após a apresentação, aconteceu uma roda de conversa com a participação dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e das meninas do grupo, estudantes do sétimo ano do período da tarde. No diálogo, emergiram alguns relatos das estudantes da EJA sobre situações abusivas que vivenciaram e de como as enfrentaram e trabalharam para superar os traumas subsequentes.

As mediadoras de leitura destacaram a importância de dizer não e de sempre falar com alguém de confiança quando situações constrangedoras de violência de gênero acontecerem. Ainda tão jovens, as estudantes encorajaram as mulheres adultas a dizer “Ninguém toca no meu corpo sem a minha permissão”.

No coletivo, mulheres fortalecem o potencial umas das outras para a superação de situações traumatizantes, sendo protagonistas do próprio projeto de vida.

Créditos

Direção Executiva

Daniel Bento Teixeira

Conselho

Maria Aparecida Silva (Cida) Bento

Consultores (Educação)

Angela Barbosa Cardoso Loureiro de Mello

Antonio Carlos (Billy) Malachias

Jucelino Alves Avelino

Lara Santos Rocha

Maria das Graças Gonçalves

Marly de Jesus Gonçalves

Diretor Financeiro

Mario Rogério Silva

Gerência Geral

Shirley Santos

Equipe CEERT

Adriano de Souza Reis

Ana Carolina Balducci de Moura

Ana Carolina Raulino

Ana Paula Queiroz Sperotto

Andressa Cristina Nicolau Santos

Andrew Cesar Batista

Angela Barbosa Cardoso L. de Mello

Antonio Carlos Malachias (Billy)

Arlete Batista Correia

Balakov Miranda Indi

Beatriz de Oliveira Silvestre

Breno Procopio Preto

Bruna Ribeiro

Carolina de Paula Teles Duarte

Cleiton Teixeira

Cristina Fernandes Souza

Debora Muller

Edilza Correia Sotero

Edison Silva Cornélio

Emilly Tiffany S. C. de Oliveira

Francisco Tiago A. Custódio de Lima

Giselle Cristina dos Anjos Santos

Iam Lucas de Andrade Medeiros
Ivan Muniz de Souza
Jennifer Santos da Silva
Jessica Sarah Bitner
João Carlos Santos Oliveira
Joycimara Nascimento Pereira
Jucelino Alves Avelino
Julia Rosemberg
Lara Santos Rocha
Larissa de Paula Couto
Luanda Mayra Chaves Teixeira
Maria das Graças Gonçalves
Maria Eliza Ribeiro
Maria Regina Cardoso
Maria Inês da Silva Barbosa

Mariane Loureiro de Mello Reis
Marly de Jesus Gonçalves
Mateus Santos de Paula
Natália Silva de Souza
Rafael Bassegio Caumo
Rebeca Sobral Freire
Renilda Maria Brito Santos
Rogério da Ponta Silva
Shirley dos Santos
Sonia Maria Rocha de Souza
Thula Rafaela de Oliveira Pires
Waldete Tristão Farias de Oliveira
Winnie Nascimento dos Santos
Yamara Rachel Garcia de Freitas

Equipe de pareceritas

Adriane Álvaro Damasceno
Ana Carolina Balducci de Moura
Angela Barbosa Cardoso L. de Mello
Antonio Carlos Malachias (Billy)
Aparecida de Jesus Ferreira
Carolina de Paula Teles Duarte
Cícera Nunes
Cristina Fernandes Souza
Daniela Fagundes Portela
Denise Conceição Graças Ziviani
Elisabeth Fernandes de Sousa
Evaldo Ribeira de Oliveira
Fátima Santana Santos
Giselle Cristina dos Anjos Santos
Ivan Muniz de Souza
Josiane Cristina Climaco
Jucelino Alves Avelino

Luanda Mayra Chaves Teixeira
Luzia Costa de Sousa
Marcio Jose da Silva
Maria das Graças Gonçalves
Maria Páscoa Sarmento de Sousa
Marilu Márcia Campelo
Marjorie Nogueira Chaves
Mighian Danae
Neli Edite dos Santos
Norma Lucia Neris de Queiroz
Patrícia Maria de Souza Santana
Rosangela Malachias
Sandra Haydée Peti
Sílvia Maria da Silva
Tathiane dos Santos Vitorino
Vaguina de Souza Feijó
Waldete Tristão Farias de Oliveira

Wilson Queiroz

Winnie Nascimento dos Santos

Júri final

Ana Cristina Juvenal

Maria Albenize Farias Malcher

Angela Barbosa Cardoso L. de Mello

Maria Aparecida Silva Bento

Antonio Carlos Malachias (Billy)

Maria Nazaré Mota de Lima

Claudia Sintoni

Maria Páscoa Sarmento de Sousa

Elisabeth Fernandes de Sousa

Shirley Santos

Érika Mourão Trindade Dutra

Waldete Tristão Farias de Oliveira

Giselle Cristina dos Anjos Santos

Jucelino Alves Avelino

Serviços técnicos

Adriana Souza Silva (Pauta Social) – assessoria de imprensa

Mario Tacashi (DIN 27) – equipe de filmagem

Paulo Benedito dos Santos – fotógrafo

Fernando Macedo (Sassarico) – diagramação

Laila Guilherme dos Santos – revisora

Agradecimentos

Agradecemos a Fundação Roberto Marinho/Canal Futura na pessoa de Acácio Jacinto pela produção audiovisual realizada pela equipe no evento “Diálogos para uma Educação Antirracista”.

Agradecemos ao SESC Vila Mariana na pessoa de Érika Mourão Trindade Dutra por todo o cuidado, carinho e disponibilidade na realização do evento “Diálogos para uma Educação Antirracista”.

Agradecemos ao Instituto Moreira Salles pelo acolhimento e disponibilidade na cerimônia de abertura do evento “Diálogos para uma educação antirracista”.

8ª edição do Prêmio Educar

Experiências de Promoção da Igualdade
Racial-étnica no Ambiente Escolar



Realização: CEERT - Centro de Estudos das
Relações de Trabalho e Desigualdades